













**A**

**CANTORA BRAZILEIRA**

---

**HYMNOS. CANÇÕES E LUNDUS**

## A VENDA NA MESMA LIVRARIA

ALVARES DE AZEVEDO.—Obras completas, 3 vol. in-8.º	9\$000
CASIMIRO DE ÁBREU.—Obras completas, 1 v. in-8.º	3\$000
GONÇALVES DIAS.—Poesias, 2 v. in-8.º br. 4\$, enc.	6\$000
JUNQUEIRA FREIRE.—Obras completas, 2 v. in-8.º	6\$000
GONZAGA.—Mafilia de Dirceu, 2 v. in-8.º	6\$000
BITTENCOURT SAMPAIO.—Flôres sylvestres, 1 v, in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
BRUNO SEABRA.—Flôres e fructos, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
LUCIO DE MENDONÇA.—Alvoradas, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
NORBERTO DE SOUZA SILVA.—Flôres entre espi- nhos, contos poeticos, 1 v. in-8.º	2\$000
JOAQUIM SERRA.—Quadros, poesias, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
SILVA ALVARENGA —Obras completas, 2 v. in-8.º	6\$000
ALVARENGA PEIXOTO. —Obras completas, 1 v. in-8.º	3\$000
CASTILHO (J. F. de).—O outomno, collecção de poesias, 1 v. in-4.º br. 3\$, enc.	4\$000
CASTILHO (Julio de).—Primeiros versos, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
BERNARDO GUIMARÃES.—Poesias, 1 v. in-4.º	6\$000
—Novas poesias, 1 v. in-8.º	3\$000
GUIMARÃES JUNIOR. — Corymbos, poesias, 1 v. in-8.º br.	3\$000
GUIMARÃES JUNIOR. — Nocturnos, poesias, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
MACHADO DE ASSIS.—Americanas, poesias, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
MACHADO DE ASSIS.—Chrysalidas, poesias, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
MACHADO DE ASSIS. — Phalenas, poesias, 1 v. in-8.º	3\$000
VARELLA. — Cantos do ermo e da cidade, 1 v. in-8.º	3\$000
ZALUAR.—Revelações, poesias, 1 v. in-4.º	5\$000

NOVA  
COLLECÇÃO  
DE  
HYMNOS, CANÇÕES E LUNDUS

TANTO AMOROSOS COMO SENTIMENTAES

precedidos

DE

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A MUSICA NO BRAZIL

---

*Impressão de D. J. D. D.*  
35

RIO DE JANEIRO

Vende-se na livraria de—B. L. GARNIER

65—RUA DO OUVIDOR—65

—  
1878



## ADVERTEN CIA

Tencionavamos dar neste terceiro tomo um trecho do illustrado Sr. M. de Araujo Porto Alegre, barão de Santo Angelo, sobre a musica no Brazil, mas baldados foram os esforços que fizemos para obter a obra em que foi publicado em 1836, isto é, Nictheroy, *Revista Braziliense*, imprensa em Paris.

Como temos fé que a presente edição se esgotará rapidamente completaremos a nossa tarefa em uma nova edição mais desenvolvida, e na qual procuraremos dar a auctoria de muitas composições que andam por ahi sem o nome de seus auctores.

Pedimos aqui a quem se interessar pelo complemento desta obrinha popular o obsequio de nos auxiliar com as suas notas e muitas composições que escaparam as nossas pesquisas e que entretanto fazem o encantos do povo deste vasto imperio.

J. N. de S. S.



# H Y M N O S

---

## H Y M N O C O N S T I T U C I O N A L

POESIA DE EVARISTO DA VEIGA, MUSICA DE  
MARCOS PORTUGAL

Já podeis, filhos da patria,  
Vêr contente a mãe gentil.  
Já raiou a liberdade  
No horizonte do Brazil.

*Brava gente brasileira,  
Longe vá ten.or servil.  
Ou ficar a patria livre.  
Ou morrer pelo Brazil.*

Os grilhões que nos forjava  
Da perfidia astuto ardil,  
Houve mão mais poderosa,  
Zombou d'elles o Brazil.

*Brava gente, etc.*

O Real Herdeiro Augusto,  
Conhecendo o engano vil,  
Em despeito dos tyrannos,  
Quiz ficar no seu Brazil.

*Brava gente, etc.*

Revoavão sombras tristes  
Da cruel guerra civil,  
Mas fugirão apressadas  
Vendo o anjo do Brazil.

*Brava gente, etc.*

Mal soou na serra ao longe  
Nosso grito varonil.  
Nos immensos hombros logo  
A cabeça ergue o Brazil.

*Brava gente, etc.*

Filhos, chama, caros filhos,  
E' depois de affrontas mil  
Que a vingar a negra injuria  
Vem chamar-vos o Brazil

*Brava gente, etc.*

Não temais impias phalanges  
Que apresentão face hostile  
Vossos peitos, vossos braços,  
São muralhas do Brazil.

*Brava gente, etc.*

Parabens, ó brazileiros,  
Já com garbo juvenil  
Do universo entre as nações  
Resplandece a do Brazil.

*Brava gente, etc.*

Parabens, já somos livres.  
Já brilhante e senhoril  
Vai juntar-se em nossos lares  
A assembléa do Brazil.

*Brava gente, etc.*

Mostra Pedro à vossa frente  
 Alma intrepida e viril,  
 Tendes n'elle o digno chefe  
 D'este imperio do Brazil.

*Brava gente, etc.*

16 de Agosto de 1822.

---

## HYMNO

### INDEPENDENCIA OU MORTE

*Poesia de Evaristo da Veiga*

Já da querida patria  
 Foi decidida a sorte,  
 E' do Brazil divisa  
*Independencia ou morte.*

Temos por nós a Pedro,  
 Heróe prestante e forte,  
 Longe o reccis fuja,  
*Independencia ou morte.*

Quer Pedro, ó vis tyrannos,  
 Que negro plano aborte ;  
 Queiramos nós com elle  
*Independencia ou morte.*

Do throno e patria esteios,  
O' filhos de Mavorte,  
Dentre gravai dos peitos  
*Independencia ou morte.*

Da guerra entre os horrores,  
Vosso valor conforto  
O grito da victoria  
*Independencia ou morte.*

De nossos lares fuja  
Feroz, hostile cohorte,  
Ao lêm em nossos braços  
*Independencia ou morte.*

Quem haverá que os ferros  
Da escravidão suporte?  
Ao vêl-os quem não clama :  
*Independencia ou morte.*

No Prata, no Amazonas,  
Do Sul resôa ao Norte  
O grito, que retumba,  
*Independencia ou morte.*

Os pais da patria venhão  
Com venerando porte  
Dar leis que têm por base  
*Independencia ou morte.*

Recebão d'estes povos  
 Entre geral transporte  
 O sancto juramento  
*Independencia ou morte.*

---

## INDEPENDENCIA OU MORRER

### HYMNO

*Poesia de Evaristo da Veiga*

Ouvi, o povos, o grito  
 Que vamos livres erguer,  
 O Brazil sacode o jugo,  
*Independencia ou morrer.*

Leis que impostura dictava  
 Não mais devemos soffrer,  
 Ferros nunca, nem dourados,  
*Independencia ou morrer.*

Congresso oppressor jurara  
 Nossos foros abater,  
 Em seu despeito juremos  
*Independencia ou morrer.*

Um povo que quer ser livre  
 Livre por força ha de ser,  
 E' esta a lei das nações.  
*Independencia ou morrer.*

Temos heroe que trabalha  
Em nosso jus defender,  
Longe fuja o servilismo.  
*Independencia ou morrer.*

Unem-se força e direito  
Para as cadeias romper,  
Mão real as despedeça,  
*Independencia ou morrer.*

Depois de tresentos annos  
Livre o Brazil vai viver,  
Deve a Pedro a liberdade,  
*Independencia ou morrer.*

Da nossa gloria, ó regente,  
Só ta penhor pódes ser,  
Ou Pedro ou deixar a vida.  
*Independencia ou morrer.*

O Brazil, do mundo inveja,  
Não deve em ferros gemer,  
E' tempo, sejamor livres,  
*Independencia ou morrer.*

Abrasado em patrio zelo,  
Sente-se o sangue ferver.  
Resôa em todas as boccas  
*Independencia ou morrer.*

Embora esquadrões armados  
Ferros nos venhão trazer.  
E' brazão das almas livres  
*Independencia ou morrer.*

Os satellites do crime  
O que nos podem fazer?  
Juramos no altar da patria  
*Independencia ou morrer.*

Os corações dos tyrannos  
Hão de covardes tremer  
Vendo escripto em fortes braços  
*Independencia ou morrer.*

Nós escravos! ó vergonha!  
Mais vale a vida perder,  
Nossa patria tem por timbre  
*Independencia ou morrer.*

Havemos entre as nações  
Nossos direitos manter  
Corra embora o sangue em rios,  
*Independencia ou morrer.*

Vem, ó Brazil, os teus filhos  
Hoje abraçar de prazer.  
De ti são dignos seus votos.  
*Independencia ou morrer.*

16 de Setembro de 1822.

## HYMNO COMMÉMORATIVO DA INDEPENDENCIA

POESIA DE J. NORBERTO, MUSICA DE F. M. DA SILVA

Creou Deus a nossa terra  
Cheia de immensa riqueza,  
Deu-lhe divina belleza  
E um céo de pura luz !  
E era pobre entre riquezas  
Todo o povo brasileiro,  
E soffreu em captiveiro  
A linda terra da cruz !...

Livre nascida  
Em a cabana  
De seccas palmas  
Americana,  
Curva-se a patria  
A' cruz, que santa  
Sobre suas plagas  
Cabral lhe planta.  
Christã em ferros,  
Eil-a a soffrer !  
O' Deus a terra  
Da cruz, que é tua  
Vem soccorrer !

Eis um guerreiro apparece  
E só com seu brado forte,  
Desde o sul até o norte  
Abate o genio oppressor ;

Avante, nobre guerreiro,  
Tens a fronte radiante,  
E és de um povo inda infante  
O futuro imperador.

Deixando o throno  
Do decadente  
Reino que outr'ora  
Foi florescente,  
Abraça a causa  
Do grande imperio,  
Honra do novo  
Vasto bemisferio ;  
Gloria, ó guerreiro  
Triumphador !  
Saúda, ó patria,  
O teu futuro  
Imperador !

Lá se oppõe a tyrannia  
Ao bem que o Brazil intenta :  
Eis guerra triste, sangrenta  
A patria alaga de dôr !  
Porém o Brazil combate ;  
Trôa o bronze... a bala geme...  
Córta a espada .. a terra freme...  
Tudo é sangue !... Tudo horror !...

Mas é da patria  
Certa a victoria,  
Que lhe promette

Eterna gloria ;  
A sua causa  
Protege o Eterno,  
Que o despotismo  
Prende no averno.  
Tamanha guerra  
Não temas, patria,  
Tu vencerás ;  
Dos inimigos  
Triumpharás.

O' patria, ó Brazil, exulta !  
Exulta cheia de gloria !  
Lá em signal da victoria  
Ribomba bronzeo canhão !...  
Desde o Prata ao Amazonas  
Ondêa... tremula... impéra...  
Emblema da primavera,  
Auri-verde pavilhão !...

Brilha nos ares  
O estandarte,  
Que em paz impéra  
Por toda a parte ;  
O canhão sôa,  
Já de alegria,  
Commemorando  
O grande dia.  
Em que a patria  
Tudo alcançou  
E para sempre

Da prepotencia  
Livre ficou.

O' principe excelso, impéra  
Com teu povo brasileiro :  
Firma o pacto verdadeiro  
Da mais sagrada união !  
O' Brazil, tu serás grande.  
Santa ventura te aguarda ;  
Para isso acata e guarda  
A sacra constituição !

Juremos todos,  
No patrio altar,  
Fieis, constantes,  
Sempre a guardar ;  
Penhor de paz  
E flicidade,  
Firme garante  
De liberdade,  
Suave laço  
Da união,  
Tem baluartes  
Em nosso peito  
E coração.

Fulge, ó sol ! E' este o dia  
Da suprema liberdade !  
Entôai, ó mocidade,  
Vossos hymnos de louvor !  
Ondulai, pendões brazilios !

Trôai bronzes, em memoria  
Do grande dia de gloria,  
Que nós deu o Imperador !...

Braziliense,  
Doce harmonia  
Celebre a gloria  
Do eterno dia,  
Que enche de pasmo  
O mundo inteiro,  
E faz o orgulho  
Do brasileiro.  
Dia faustoso,  
Dia sem par,  
Eternamente  
Nos céos da patria  
Has de brilhar !

---

## HYMNO MARCIAL

POESIA DE EVARISTO DA VEIGA

Valentes guerreiros  
Que a fama buscais  
E as armas alçais  
A novo esplendor.

*Mostremos ao mundo  
Bravura, energia,  
A patria confia  
No nosso valor.*

O' vós, que aos clamores  
Da patria correstes  
E nada temestes  
No heroico fervor.

*Mostremos, etc.*

E vós que seguindo  
As novas bandeiras,  
Antigas fileiras  
Deixastes sem dôr.

*Mostremos etc.*

Ouvi de Bellona  
O grito, que entôa.  
Ao longe já sôa  
Da guerra o fragor.

*Mostremos etc.*

Se vive na fama  
De heróes a memoria,  
Salvou-os a gloria  
Do tempo ao furor.

*Mostremos etc.*

Que horror nos combates  
Que p'rigo no assalto,  
Mas falla mais alto  
O bellico ardor.

*Mostremos, etc.*

Os chefes zelosos  
Nos vão excitando,  
Marchai a seu mando  
Sem susto ou temor.

*Mostremos, etc.*

Fiel disciplina  
De Marte é divisa.  
Seguir-se é preciso  
A voz sup'rior.

*Mostremos, etc.*

A mão bemfeitora  
De Pedro immortal  
Quiz ser liberal  
Em vosso favor.

*Mostremos, etc.*

Os seus beneficio  
Nos peitos guardai,  
E gratos lhe dai  
Mil provas de amor.

*Mostremos, etc.*

Em vós o guerreiros,  
A patria descança,  
Da sua esperança  
Vós sois o penhor.

*Mostremos, etc.*

Por vós não receia  
 Inigos alfanges,  
 Nem teme as phalanges  
 De injusto oppressor.

*Mostremos, etc.*

Da esposa e das filhas  
 Quem guarda o direito  
 Não teme o seu peito  
 Aos tiros expôr.

*Mostremos, etc.*

Corramos á gloria  
 Que assim nos convida  
 Mais vale que a vida  
 Da patria o lovor.

*Mostremos, etc.*

19 de Agosto de 1822.

## HYMNO BRAZILIENSE

POESIA DE EVARISTO DA VEIGA

Parabens, ditosos filhos  
 Do brazilico hemispherio,  
 Vossa patria, novo imperio  
 Ergue a fronte sem temor.

*Jura o povo brasileiro  
Dar contento os bens e a vida  
Pela patria tão querida,  
Pelo grande imperador.*

Os tyrannos intentavão  
Lançar ferros ao Brazil  
Mas um peito varonil  
Lhes rebate o vão furor.

*Jura o povo, etc.*

Por mil leguas os limites  
Este imperio ao longe estende,  
Seus direitos lhe defende  
Pedro o anjo protector.

*Jura o povo, etc.*

Pedro existe á nossa frente,  
O triumpho está seguro :  
E' da patria o forte muro  
Seu denodo e seu valor.

*Jura o povo, etc.*

Já nação a par das outras  
O Brazil assombra o mundo,  
Ruge a inveja, e no profundo  
Vai sumir a immensa dôr.

*Jura o povo, etc.*

Sábias leis espera o povo  
Da brazilica assembléa  
De cem luzes a rodeia  
Brilhantissimo esplendor.

*Jura o povo, etc.*

Aos conselhos seus presida  
Zelo ardente, sã prudencia,  
Firmam nossa independencia  
Contra as furias do aggressor.

*Jura o povo, etc.*

Vinde, ó povos, n'este dia  
Contemplar a patria cara,  
Seu destino lhe prepara  
No universo o gráo maior.

*Jura o povo, etc.*

---

## HYMNO DO BATALHÃO DO IMPERADOR

POESIA DE EVARISTO DA VEIGA

Hoje a patria é quem vos chama,  
O valentes brazileiros,  
E do ferro dos guerreiros  
Vossos braços vem armar.

*Bravos filhos de Mavorte.  
Já no campo estais da gloria,  
Vamos, vamos à victoria,  
Combater e triumphar.*

Do Brazil a mãe primeira,  
Formosissima Bahia,  
Da feroz aleivosia  
Quer os vis grilhões quebrar.

*Bravos filhos, etc.*

Do Janeiro sobre as margens  
Seus clamores escutastes,  
Desde logo alli jurastes  
Os seus muros libertar.

*Bravos filhos, etc.*

Eis da guerra o clarim sôa  
E a triumphos mil nos chama,  
Negra furia que rebrama  
Não nos pôde intimidar.

*Bravos filhos, etc.*

Lá nos tece a patria c'roas  
Nossa patria, o grão Brazil,  
Que sublime e senhoril  
Vai dous mundos assombrar.

*Bravos filhos, etc.*

Lusas quinas enfiadas  
Da soberba em vituperio  
Vêm de novo augusto imperio  
As estrellas fulgurar.

*Bravos filhos, etc.*

Pedro a nossa independencia  
Sôbre base pôz segura,  
As promessas da impostura  
Não nos hão de fascinar.

*Bravos filhos, etc.*

Pedro firma o throno egregio  
Em valentes, livres peitos,  
Sua gloria illustres feitos  
Deve a todos inspirar.

*Bravos filhos, etc.*

Appareça n'estes lares  
Sacro-sancta liberdade:  
O egoismo, a vil maldade,  
A seus pés hão de expirar.

*Bravos filhos, etc.*

Já nos céos fuzilão raios,  
Chega o dia de vingança,  
O vislumbre da esperança  
Vai nos monstros acabar.

*Bravos filhos, etc.*

## HYMNO A' CONSTITUIÇÃO DO IMPERIO

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUSA E SILVA

*Musica da patria o grito.**Viva a brazilia  
Nobre nação!  
Salve, ó divina  
Constituição !...*

Constituição, eis o dia  
Que te consagra o Brazil  
Por ti caminha ao progresso  
Este povo varonil

*Viva, etc.*

Salve, ó carta soberana  
Da brasilia liberdade,  
Pacto de amor e concordia  
Entre o povo e a magestade

*Viva, etc.*

A suprema liberdade  
Co' o propria mão te escreveu  
Sobre as azas prateadas  
De um anjo vindo do céu.

*Viva, etc.*

Lá sobra os Andes sentado  
 Em seu throno alabastrin  
 Coroam-lhe vinte estrellas  
 Com esplendor diamantino

*Viva, etc.*

Seus pés, que algemas pizam,  
 Se dilatam d'ouro as zonas  
 Submissos se deslizam  
 Alvo Prata, aureo Amazonas.

*Viva, etc.*

Enorgulha-se o gigante  
 Esmero da natureza  
 Parabens, Brazil! O mundo  
 Pasma da tua grandeza!

*Viva, etc.*

---

## HYMNO NICTEROYENSE

PARA SER CANTADO NO ANNIVERSARIO DA ADHESÃO NIC-  
 THEROYENSE A CAUSA DA INDEPENDENCIA NACIONAL

*Poesia de J. Norberto de Sousa e Silva*

Nictheroy! Eia, desperta.  
 Tu tens um dia de gloria,

Digno de eterna memoria  
 Nos annaes de uma nação.  
 Ah ! indolente não durmas  
 Sobre as flores destas plagas,  
 Ao sussuro destas vagas  
 Como em morta solidão.

*Festivo canto  
 Celebre a gloria  
 Do dia digno  
 De alta memoria*

Desperta ! Relembra a historia  
 Da sagrada independencia;  
 Memora a fera insolencia  
 Do valente general.  
 D. Pedro ante ti velava ;  
 E teus filhos te guardavam,  
 Que anciosos esperavam  
 De combater o signal.

*Festivo, etc.*

Qual tormenta que vem vindo  
 E traz espesso negrume  
 E tolda do sol o lume  
 E derrama susto... horror...  
 Assim Avilez armado  
 Ante ti se apresentava  
 Seu estandarte ondulava  
 Entregue á morte e ao pavor!

*Festivo, etc.*

Mas parabens ! Tu vencestes  
Sem que sangue derramasse,  
Sem que em sangue nodoasse  
O teu mimoso torrão ;  
A tua attitude armada  
Impoz silencio e respeito  
Ao inimigo que affeito  
Já era ao campo de acção.

*Festivo, etc.*

Ei-lo que lá se retira  
Em as naus, soltando ao vento  
As velas, que em salvamento  
A' patria sua o conduz.  
No teu limpido horizonte  
Raia o sol da liberdade,  
E esparge na immensidade  
Divinal, eterna luz.

*Festivo, etc.*

E pois, croada de flores,  
Cheia de orgulho e ufania  
Memora este grande dia,  
Oh faustosa Nictheroy!  
Entoa alegre e festiva  
Com a tua mocidade  
Mil hymnos á liberdade,  
Mil vivas ao grande heroe.

*Festivo, etc.*

---

## O HYMNO DAS ARTES

POESIA DO BARÃO DE S. ANGELO, MUSICA DE  
F. M. DA SILVA

Aos olhos do artista  
— A luz da harmonia,  
A terna belleza  
— Se abriu neste dia.

Do chão se levanta  
— A argila grosseira,  
E aos astros se eleva  
— A grimpa altaneira.

Na rustica pedra  
— O duro martello  
Batendo, converte-a  
— Na imagem do bello.

Na téla vazia  
— Anima-se a historia,  
Revive o passado,  
— Duplica de gloria.

O genio é reflexo  
— Da luz divinal,  
Como ella divino,  
— Como ella immortal.

---

## HYMNO DAS ESCOLAS DE INSTRUÇÃO PRIMARIA

POESIA DE J. NORBERTO, MUSICA DE MOREIRA.

Fluminenses! Estudemos,  
Estudemos noite e dia  
Com ardor e ufania,  
Para a nossa illustração.

*Quem mais entre nós estuda  
Mostra mais emulação,  
Tem mais jús dos seus patricios.  
A' santa veneração.*

Estudemos sempre honrando  
A' suprema Divindade,  
A' brasilica Liberdade,  
A' patria Constituição.

*Quem mais, etc.*

O céo nos dá o talento  
Ao céo pois o supliquemos  
Porém a Patria louvemos  
Que nos dá prima instrucción.

*Quem mais, etc.*

Avante!.. Em porvir remoto  
Talvez brilhe nossa fama,  
Que a Patria de nós reclama  
Honra, gloria e illustração.

*Quem mais, etc.*

---

# CANÇÕES

---

## CANÇÃO DA VIVANDEIRA

MUSICA DE J. S. ARVELLOS

Ai! que vida que passa na terra  
Quem uão ouve o rufar do tambor,  
Quem não canta na força da guerra  
Ai amôr, ai amôr, ai amôr.

Quem a vida quizer verdadeira  
E' fazer-se uma vez vivandeira.

Só na guerra se matão saudades  
Só na guerra se sente o viver,  
Só na guerra se acabão vaidades  
Só na guerra não custa a morrer.

Ai que vida, que vida, que vida,  
Ai que sorte tão bem escolhida.

Ai que vida que passa na guerra  
Quem pequena na guerra viveu,  
Quem sózinha passando na terra  
Nem o pai, nem a mãe conheceu.

Quem a vida quizer verdadeira  
É fazer-se uma vez vivandeira.

Ai que vida esta vida que eu passo  
Com tão lindo gentil mocetão,  
Si eu depois da batalha o abraço  
Ai que vida pra meu coração.

Que ternura cantando ao tambor  
Ai amor, ai amor, ai amor.

Que harmonia não tem a metralha  
Derrubando fileiras sem fim,  
E depois, só depois da batalha  
Vê-lo salvo, cantando-me assim:

Entre as marchas fazendo trincheira  
Mais te amo gentil vivandeira.

Não me assustão trabalhos da vida  
Nem as balas me fazem chorar,  
Ai que vida, que vida, que vida.  
Esta vida passada a cantar.

Qu'eu lá sinto no campo o tambor  
A falar-me meiguices de amor.

Mas deixemos os cantos sentidos  
Estes cantos do meu coração,  
E prestemos attentos ouvidos  
Ao laplão, rataplão, rataplão.

Ao laplão, rataplão que o tambor  
Vai cadente fallando de amôr.

---

### A VARIANTE

( DA POESIA PROCEDENTE )

Ai que vida, esta vida que passo  
Com tão lindo, e gentil mocetão,  
Ao depois da batalha um abraço...  
Ai que vida p'ra meu coração.

*Ai que vida que passa na terra  
Quem não ouve rufar o tambor ;  
Quem não canta na força da guerra  
Ai amôr, ai amôr, ai amôr.*

Que harmonia não tem a metralha  
Derrubando fileiras sem fim !  
Ao depois, só depois da batalha  
E' que vejo meu bem junto a mim.

*Ai que vida, etc.*

Não me assustão trabalhos da vida,  
Nem as ballas me fazem chorar ;  
Ai que vida, ai que vida ; ai que vida,  
Esta vida se passa a cantar !

*Ai que vida, etc.*

Só na guerra se matão saudades,  
Só na guerra se sente o viver,  
Só na guerra se acabão vaidades  
Só na guerra não custa a morrer.

*Ai que vida, etc.*

Nós deixamos os cantos sentidos,  
Esses cantos do meu coração ;  
Mas prestamos attentos ouvidos  
Ram tam plam, ram tam plam, ram tam plam.

*Ai que vida, etc.*

Ai que vida que passa na guerra  
Quem na magoa em pequena viveu !  
Quem sósinha passando na terra  
Nunca pai, nunca mãe conheceu !

*Ai que vida, etc.*

---

## CANÇÃO DO ARTISTA.

POESIA DE A. J. DE SOUZA, MUSICA DE A. L. MOURA

Curvado em luta constante  
Da vida c'o as incertezas,  
Geme o artista infeliz  
Da sorte soffre as cruezas.

*Chorando—contado !  
Da sorte ao rigor:  
Seus bens são o pranto  
Seus gozos—a dôr.*

Apenas desponta o dia  
Corre veloz ao trabalho,  
A noite longa já vai  
Não busca doce agasalho.

*Chorando, etc.*

Quando quebradas as forças  
Dorido quer repousar,  
Cuidados mil que o anceião  
Seu somno vem perturbar.

*Chorando, etc.*

Vê a esposa, os filhinhos  
A's vezes faltos de pão,

Sem meios p'ra adquiril-o  
Fugir-lhe sente a razão.

*Chorando, etc.*

No leito da dôr—às vezes  
De tudo vê-se privado,  
Qu'em vão procura o artista  
Mudar o rigor do fado.

*Chorando, etc.*

Estranho vive—coitado !  
Do mundo aos gozos mesquinhos,  
O pobre artista por bens  
Só tem corôas d'espinhos.

*Chorando, etc.*

Ate que em campa esquecida  
Das lides acha o repouso,  
Soffreu do mundo os desprezos  
As dôres teve por gozo.

*Não mais do destino  
Tem nada a temer,  
O artista repousa  
Sómente ao morrer.*

---

## CANÇÃO DO CEGO

Deixem passar o mendigo  
Quem a vista não perdeu :  
Só me póde dar esmolas  
Quem fôr cego como eu.

*Ah ! não deixes qu'eu me perca  
N'esta immensa escuridão...  
Oh ! anjo que me cegaste,  
Vem ao menos dar-me a mão !*

Pensão que vejo, e não vejo,  
Eu sinto que cego estou,  
Do que servem os olhos,  
Se a minha luz se apagou.

*Ah ! não deixes, etc.*

Já tive medo da morte,  
Agora tenho da vida ;  
Sinto minh'alma abatida,  
Sem vigor o coração.

*Ah ! não deixes, etc.*

Já cansado de soffrer,  
Para a morte os olhos lanço ;  
Vejo nella o meu descanso,  
A minha consolação.

*Ah ! não deixes, etc.*

Ao avistar-te, meu anjo,  
A luz divina senti ;  
Mas ao perder-te de vista  
A luz dos olhos perdi.

*Ah ! não deixes, etc.*

Se eu cahir dá-me teus braços,  
Ampara-me, anjo de Deus ;  
Talvez recupere a vista  
Cahindo nos braços teus !

*Ah ! não deixes, etc.*

---

## CANÇÃO DO BERÇO

### O ACALENTAR

*(Poesia de D. Maria Thereza de Souza Silva, mu-  
sica de ?...)*

E' hora ! O sol escondeu-se,  
Já não cantam passarinhos,  
Mas repousam nos seus ninhos  
Que fabricam em tanto amor !

Vem dormir pois, minha filha,  
Até quando dia fôr !

Sobre o hombro meu reclina  
Esse semblante innocente,  
Cerra os olhos docemente,  
Goza do somno o langor !

Dorme, dorme, minha filha,  
Até quando dia fôr !

Dorme ! E a fada dos sonhos  
Com teus encantos te afague !  
Dorme ! E a illusão te embriague,  
Que da vida estás no albor !

Dorme, dorme, minha filha,  
Até quando dia fôr !

Amanhã, em o sol nascendo,  
Amanhã, em aves trinando,  
Tu despertarás gozando  
Maternaes mimos de amor !

Dorme pois, oh minha filha,  
Até quando dia fôr !

---

## CANÇÃO DO VOLUNTARIO

POESIA DE ED. VILLAS-BOAS, MUSICA DE F. A. DA ROCHA

Eis o campo de todo coberto  
De barracas soldados sem fim,  
D'entre elles meu peito é deserto  
Que saudade não soffro, ai de mim !

*Lembro a patria, onde distante,  
Esposa e filhos deixei :  
Desta guerra, onde ando errante,  
Sabe Deus se voltarei !*

De manhã mal assoma a alvorada  
Rufão caixas resôão clarins ;  
E a tropa já toda formada  
P'ra revista diurna, ai de mim !

*Lembro a patria, etc.*

Que perigos que temos no campo,  
Que de vis emboscadas sem fim...  
Quasi nelle, meu Deus, não acampo  
Que a metralha não cessa ai de mim !

*Lembro a patria, etc.*

Quem me déra já finda esta guerra  
Pr'a não 'starmos parados assim,

Ou morrera, ou voltava pr'a terra  
Dende vim voluntario—ai de mim !

*Lembro a patria, etc.*

---

## O ANJO DA SAUDADE

CANÇÃO DOS MARTYRES DA PATRIA, POESIA DE RIBEIRO  
DE SAMPAIO, MUSICA DE CABRAL

Neste chão dos desenganos  
Entre o pranto a dôr morreu,  
O silencio sobre as campas  
Seu denso crepe estendeu.

Aqui só ha um passado :  
Triste noite sem aurora,  
E ao pé da cruz debruçada  
Afflicta a saudade chora.

### *Côro*

Mas não chorão combatentes  
Da patria filhos ardentes.

Avante, ó bravos,  
Filhos da gloria,  
Para a victoria  
Marchai contentes ;

Vingai affrontas  
De vis sicarios  
Sois voluntarios,  
Eia, ao combate.

---

Tantos sonhos cerceados  
Nas flores da mocidade!  
Tanta esperança cahida  
No abysmo da eternidade.

O irmão, a mãe, a esposa,  
Os amigos dedicados;  
Nas campas dos voluntarios,  
Resão nenias de finados!

### *Côro*

Inda sonhão combatentes  
Da patria filhos ardentes.

---

## CANÇÃO DO MARINHEIRO

Triste vida é a do marujo,  
Qual dellas a mais cançada,  
Por amor á vil soldada  
Passa tormentos (*bis*),  
Don, don.

Andar ás chuvas e aos ventos  
Quer no verão, quer no inverno,  
Que parece o proprio inferno  
Co'as tempestades (*bis*)  
Don, don.

As nossas necessidades  
Nos obrigão a navegar,  
A passar tempos no mar  
Em aguaceiros; (*bis*)  
Don, don.

Passão-se dias inteiros  
Sem se poder cosinhar,  
Nem tão pouco mal assar  
Nova comida, (*bis*)  
Don, don.

Arrenego eu d'esta vida  
Que nos dá tanta canseira;  
Sem a nossa hebedeira  
Não, não passamos (*bis*)  
Don, don.

Quando descansados estamos  
No rancho a socegar,  
Então ouvimos gritar:  
Oh! leva árriba (*bis*)  
Don, don.

---

## CANTIGAS PARA A MESA

## A BACCHO E A AMOR

*(Poesia de José Bonifacio, o velho, musica de ? ..)*

Em brodio festivo  
 Mil copos retinam,  
 Que a nós não nos minão  
 Remorsos crueis.  
 Em jubilo vivo  
 Juremos constantes  
 De ser, como d'antes  
 A patria fieis.

A Baccho brindemos,  
 Brindemos a amor ;  
 Embora aos corcundas  
 Se dobre o furor.

Consocios amados,  
 Se a patria affligida  
 Por nós clama e lida,  
 Pois longe nos vê ;  
 Jámais humilhados  
 Ao vil despotismo,  
 No seio do abysmo  
 Fiquemos em pé.

A Baccho brindemos, etc.

Gritemos unidos  
Em santa amizade :  
« Salve, ó liberdade !  
« E viva o Brazil ! »  
Sim, cessem gemidos,  
Que a patria adorada  
Veremos vingada  
Do bando servil.

A Baccho brindemos, etc.

A não combatida  
Da tormenta dura  
Furores atura  
Do rabido mar :  
Já quasi sumida,  
Resurge, e boiando  
Lá vai velejando,  
Sem mais sossobrar !

A Baccho brindemos, etc.

Bem prestes, amigos.  
Vereis vossos lares ;  
Tão tristes azares  
Jámais voltarão.  
Os vis inimigos  
Só colhem vergonha ;  
E negra peçonha  
Distillão em vão.

A Baccho brindemos, etc.

Se a patria nos ama,  
 Amal-a sabemos ;  
 Por ella estivemos  
 O sangue a verter.  
 Se a patria nos chama  
 Iremos contentes  
 Com peitos ardentes  
 Por ella morrer.

A Baccho brindemos, etc.

Patricios honrados  
 Aos ternos meus braços  
 Em mutuos abraços  
 A unir-vos correi.  
 C'os copos alçados  
 De novo juremos,  
 Que amigos seremos...  
 Já bebo, e beber.

A Baccho brindemos, etc.

A Venus fagueira,  
 A Baccho risonho,  
 Ninguem, por bisonho,  
 Se esqueça brindar :  
 Moafa ligeira  
 Tomemos agora ;  
 Amigos, vão fóra  
 Tristeza e pezar.

A Baccho brindemos, etc.

## O PONCHE DE CAJU'

POESIA DE NATIVIDADE SALDANHA

Do loiro cajú,  
Analia, bebamos  
O ponche gostoso  
Que aviva o prazer ;  
Mais grato que a ambrosia  
Que jove no Olympo  
Se apraz de beber.

Oh como é formoso  
O pomo suave  
Ao cheiro, ao podar !  
Si pomos tão bellos  
Atlanta gozára  
Os d'ouro deixando  
Nem quizera vel-os.

Triumphe Alexandre  
No roxo oriente,  
Que Baccho domou :  
Deixal-o vencer ;  
Analia, eu só quero  
O ponche agridoce  
Contigo beber.

---



# LUNDUS

---

## CHUCHAR NO DEDO

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Ai de mim que amor me manda  
Soffrer seu cruel brinquedo  
Aos outros faz doces mimos  
E cá eu chucho no dedo.

*Pobre de mim,  
Ai coitadinho!  
Fico chuchando  
No meu dedinho.*

Todos os mais que amor servem  
Tem seu premio, ou tarde ou cedo ;  
Gostão das suas doçuras  
E cá eu chucho no dedo.

*Pobre, etc.*

Hei de me poupar amando  
Ir servindo sempre a medo,  
Porque os outros lambem tudo  
E cá eu chucho no dedo.

*Pobre, etc.*

Tomára ser venturoso  
Ao menos em arremedo ;  
Porque os outros andão fartos  
E cá eu chucho no dedo.

*Pobre, etc.*

Amor o inquieto amor  
Nunca mais póde estar quedo ;  
Mas aos outros accomoda  
E cá eu chucho no dedo.

*Pobre, etc.*

Quem vir qu'eu já fujo a amor  
É que de amor já me arredo ;  
E' que trata bem a todos  
E cá eu chucho no dedo.

*Pobre, etc.*

Ando de amor esfaimado  
Já o digo sem segredo ;  
Que dá aos outros razão  
E cá eu chucho no dedo.

*Pobre, etc.*

Adeus eu me vou embora,  
Até um dia bem cedo ;  
Ficai-vos de amor fartando  
E cá eu chucho no dedo.

*Pobre, etc.*

Não quero de amor fallar  
Porque de amor tenho medo ;  
Poz-me o seu dedo na boca  
E cá eu chucho no dedo.

*Pobre, etc.*

---

## E ENTÃO ?

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Alzira formosa,  
Desgraça foi ver-te,  
Seguiu-se o render-te  
O meu coração.

Amor de render-me  
Achou o motivo,  
Eu já sou cativo,  
*Eu amo ; e então ?*  
*Então ?*

Ao ver os teus olhos  
Tão vivos, e bellos,

Eu tenho de vêllos  
Maior ambição.

Por mais que eu os veja  
Não farto a vontade ;  
Eu tenho saudade ;  
*Eu amo ; e então ?*  
*Então ?*

Se a outrem voltada  
Tu fazes carinhos,  
Cíumes daninhos  
Ferindo-me estão :

Mais triste me sinto  
Do que se presume ;  
Já tenho ciume ;  
*Eu amo ; e então ?*  
*Então ?*

A's vezes eu finjo  
Os bens que eu mais quero ;  
Fingindo eu espero,  
Que os bens chegarão.

Vendo a tempestade  
Espero a bonança ;  
Já tenho esperança,  
*Eu amo ; e então ?*  
*Então ?*

Eu sinto nesta alma  
Uma cousa nova,  
Não tinha inda prova  
Da doce paixão.

Do que outros dizião  
Eu provo a verdade,  
Isto é novidade,  
*Eu amo : e então ?*  
*Então ?*

---

### CONSELHO AOS HOMENS

Amar a moça forniosa  
E' muito bom, é gostoso,  
Emquanto ella nos tributa  
Amôr sincero extremoso.

Mas se ella nos finge  
O que a alma não senté,  
Se de outro os carinhos  
Afaga e consente...

*Então é tolice*  
*Ser d'ella amador*  
*Então meus amigos*  
*Fujamos de amôr.*

Amar a moça que é feia  
A's vezes tambem é bom,  
Se ella tem alguma graça,  
Se é rica ou de grande tom !

Mas se ella sem graça  
Seu corpo atavia,  
Se é pobre e ser tola  
Em tudo annuncia.

*Então é, etc.*

Amar a moça faceira  
As vezes tem cabimento,  
Se no olhar, se no sorriso  
Revela discernimento.

Mas se ella é louquinha  
No riso no olhar,  
Se a todos namora  
Para vêl-as penar...

*Então é, etc.*

Amar a moça que é fria,  
Nem sempre é um grande mal,  
Se c'o a preza repelle  
Os planos d'audaz rival.

Mas se ella sem alma  
O amôr desconhece,

Se nossos protestos  
Despreza ou esquece...

*Então é, etc.*

Amar a moça da côrte  
E' quasi sempre o melhor,  
Se ella é modesta e poupada,  
E é constante ao amôr.

Mas se ella só vive  
Para festas gozar,  
Se a moda idolatra  
E só sabe gastar...

*Então é, etc.*

Amar a moça da roça  
As vezes é preferivel,  
Se não é afidalgada,  
E tem um'alma sensivel.

Mas se ella orgulhosa  
De seus cafesaes,  
Os pobres despreza  
E os julga animaes...

*Então è, etc.*

Amar a moça instruida  
Nos póde fazer feliz  
Se a seu espirito illustrado  
O proceder não desdiz.

Mas se ella illudida  
 Por falsos principios,  
 Nos cega e conduz  
 A mil precipicios....

*Então é, etc.*

Amar a moça simploria  
 E' boa cousa talvez,  
 Se ella tem alguns instantes  
 De amorosa lucidez.

Mas se ella em su'alma  
 Affectos não tem,  
 E até não destingue  
 O mal nem o bem...

*Então é, etc.*

## MUITO A MINHA ALMA SOFFREU

POESIA DE OLIVEIRA E MELLO

Amei de uma bella os olhos,  
 Uns olhos da côr do céu;  
 Por causa desses olhinhos  
 Muito a minha alma soffreu.

*Feitiço, escuta  
 Olha tu dênque,*

*Não mais me chames  
Cacherenguéngue.*

Tenho visto olhares ternos,  
Porem nenhum como o seu ;  
Por causa desses olhares  
Muito a minh'alma soffreu.

*Feitiço, etc.*

Dei-lhe um mimo feito d'ouro,  
Um formoso camapheu ;  
Porem antes delle aceitar  
Muito a minh'alma soffreu.

*Feitiço, etc.*

Quando fallei-lhe em amôr.  
Toda ella estremeceu,  
Ao vel-a tremula de susto  
Muito a minh'alma soffreu.

*Feitiço, etc.*

Tomei-lhe as mãos sem pedil-as,  
Uni-as ao peito meu,  
Mas ao sentil-a raivosa  
Muito a minh'alma soffreu.

*Feitiço, etc.*

Meus carinhos, meus affectos,  
Tudo ella aborreceu ;

Dessa ingrata que mentiu-me  
Muito a minh'alma soffreu.

*Feitiço, etc.*

Esse anjinho tão formoso,  
Nunca o amor concebeu,  
Todo o tempo que adorei-a  
Muito a minh'alma soffreu.

*Feitiço, etc.*

---

## OUVIR, VÊR E CALAR!

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

A minha cruel Nerina  
Não me quer amor pagar,  
Quer que eu posso assim soffrido  
Ouvir e vêr e calar.

Quer só ella livramente  
Com os outros conversar.  
E qu'eu esteja do outro lado  
A ouvir vêr e calar.

Hade a seu sabor Nerina  
Suas acções regular,  
Hei de eu inda que me offenda  
Ouvir e vêr e calar.

Desarrezoados zellos  
Hão de faze-la ralhar,  
Eu ainda que rebente  
Ouvir e vêr e calar.

Ha de fugir do meu lado  
Ir-se ao dos outros sentar,  
E hei de ficar mui quieto  
A ouvir e vêr e calar.

Ha de pelo braço d'outrem  
Ir vaidosa passear,  
E eu sem dar o braço a alguma  
Ouvir e vêr e calar.

Quem me em presta soffrimento  
Para a seu gosto empregar,  
Já não tenho paciencia  
De ouvir e vêr e calar.

---

## AIS DE AMOR

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA.

Amor, ai amor eu morro ;  
Eu não posso viver mais :  
Vão-me consumindo a vida  
Os meus repetidos ais :

*Amor basta, basta,  
Não me firas mais;  
Se meus ais desejas,  
Aqui tens meus ais.*

A minha ingrata despreza,  
Da minha dor os sinais  
Meus ais lhe dizem que eu amo  
Ella não ouve meus ais :

*Amor, etc.*

A minha paixão occulto  
Com medo dos meus rivaes ;  
E solto por desafogo  
Medrosos afflictos ais :

*Amor, etc.*

Por mais que busco em seu rosto  
Da compaixão os sinais ;  
Nem se turba, nem se inclina  
Ao triste som dos meus ais :

*Amor. etc.*

Olhos crueis, porém lindos,  
Que os meus olhos cativais ;  
Recebei o meu tributo,  
O meu tributo são ais :

*Amor. etc.*

Quando por minha desdita,  
Em outros vos empregais ;  
Corre dos meus triste pranto,  
Voão do peito meus ais :

*Amor, etc.*

Se de ver-me padecer ;  
Olhos crueis vós gostais ;  
Unindo-me a vosso gosto,  
Darei por gosto meus ais :

*Amor, etc.*

Ah! poupai-me, olhos crueis,  
Que a minha vida gastais ;  
Eu a sinto pouco a pouco  
Desfazer-se nos meus ais :

*Amor, etc.*

Se por soberba crueis  
Teimosos me maltratais ;  
Póde amor ainda um dia  
Vingar desprezados ais :

*Amor, etc.*

Basta cruel não me queixo,  
Não quero, affligir-me mais ;  
Irei para muito longe  
Esconder meus tristes ais :

*Amor, etc.*

## ZABUMBA

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Amor ajustou com Marte  
 Vãos Mancebos alistar,  
 Um lhes dá trabalho honroso,  
 Outro os faz rir e zombar :

*Tan, tan, tan, tan, tan, Zabumba  
 Bella vida Militar;  
 Defender a Lei e a Patria  
 E depois, rir e folgar.*

Toca Marte a Generala,  
 Vai as armas aprestar;  
 Amor tem prazeres doces,  
 Com que os males temperar :

*Tan, etc.*

Oiço o rufo dos tambores,  
 Já d'ali toca a marchar;  
 Os adeozes são apreça,  
 Não ha tempo de esperar;

*Tan, etc.*

Vai passando o regimento  
 E as meninas a assenar;  
 Vão as armas perfiladas,  
 Mal se póde a furto olhar :

*Tan, etc.*

A mochila, que vai fôfa  
Pouco leva que pezar ;  
Pouco pão, e pouca roupa  
Mas saudades o fartar ;

*Tan, etc.*

A cidade que é de Lona  
Vejo apreça levantar ;  
Poem-se as armas em sarilho  
Vai a tropa descansar

*Tan, etc.*

Vigilantes sentinellas  
Vejo alerta passear ;  
Quem vem lá ! Quem vai ! faç'alto  
Sempre *alerta* ouço gritar

*Tan, etc.*

Vejo alegres camaradas  
Os baralhos apromptar ;  
Parão, topão, sujo cobre  
A perder, ou a ganhar

*Tan, etc.*

Da-se um beijo na borracha,  
Lá vão brindes a virar ;  
E co'a publica saude  
Vai tenção particular :

*Tan, etc.*

Vem quartilho, vai Canada  
Toca emfim a emborrachar ;  
A cabeça bambaleia,  
Ali ouço resonar :

*Tan, etc.*

Corre o que vigia o campo  
Vem perigo annunciar ;  
Peg'as armas, peg'as armas,  
Dobra a marcha, e avançar :

*Tan, etc*

Uma brigada em columnas  
Marcha a outra a obliquar,  
Os contrarios fazem cara  
Toca o morrer, e a matar :

*Tan, etc.*

Ja fuzilia a artilharia  
Sinto as ballas sibilar ;  
Nuvens já d'espesso fumo  
Vão a luz do sol turbar :

*Tan, etc.*

Oiço o bum, bum bum das peças  
Vejo espadas lampejar ;  
Lá vão pernas, lá vão braços,  
Lá cabeças pelo ar :

*Tan, etc.*

A batalha esta ganhada  
Vão o campo saquear ;  
Vem bandeiras arrastando  
Toca emfim a retirar .

*Tan, etc.*

Venha a nós, viva quem vence  
Quem morreu deixal-o estar :  
E da patria no regaço  
Os heroes vem descansar

*Tan, etc.*

Os que salvão da peleija  
Vem a amor as graças dar ;  
E em signal de sua gloria  
Juntão flores ao cocar :

*Tan, etc.*

Os olhos, que virão tristes  
Vem agora consolar ;  
A saudade se esvoaça,  
Torne a pösse ao seu lugar :

*Tan, etc.*

Vem familia, vem vizinhos  
Boa vinda festejar ;  
E da boca gloriosa  
Grandes couzas escutar :

*Tan, etc.*

Déspe a veste, mostra o peito ;  
Quer sizuras procurar ;  
Mas o tempo sarou tudo,  
Nem signal se pôde achar :

*Tan, etc.*

Que affrontou sempre os perigos  
Gentil dama hade escutar ;  
S'estimou guardar a vida,  
E' só para lh'a entregar :

*Tan, etc.*

Um merecimento novo  
Tem de novo a apresentar,  
Vem mais rico de esperanças,  
Tem despachos que esperar :

*Tan, etc.*

Hade ter a fita verde  
De uma ordem militar ;  
Soldo em dôbro por trez mezes  
Que a senhora hade gastar :

*Tan, etc.*

Não creias meninas nestes,  
Não é certo o seu amar ;  
Costumados sempre a marcha  
Até amão a marchar :

*Tan, etc.*

---

## TENHO MEDO DO PAPÃO !

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Amor nasce pequenino  
Faz-se logo tamanho...  
Tamanho que mette medo...  
*Tenho medo do papão*

Traz n'uma mão o seu arco,  
As setas na outra mão ;  
Tenho medo que me fira...  
*Tenho medo do papão.*

Põe nos olhos certo engodo,  
E na voz certa attracção ;  
Assim prende a pobre gente...  
*Tenho medo do papão.*

Inda me lembra algum dia  
Que arrastei o seu grilhão ;  
Os signaes inda me dóem...  
*Tenho medo do papão.*

Amor faz-se rouxinol,  
Canta e papa coração ;  
Não quero que o meu me pape...  
*Tenho medo do papão,*

---

## A CORDA SENSIVEL

POESIA TRADUZIDA POR PAULA BRITO

Ao Deus de amor nada é impossivel,  
E delle tudo se deve esperar,  
Que das mulheres a corda sensivel  
Ou tarde ou cedo se faz vibrar.

Toda a loureira é accessivel  
Mas sempre áquelles que lhe pódem dar :  
Dellas é fraca corda sensivel  
Carro, vestido, brinco ou collar.

E' a burgueza mais susceptivel  
Certa reserva quer ostentar ;  
Porém vibrada a corda sensivel  
Assim se deixa tambem levar.

Diz-se a fidalga sempre inflexivel  
Lições de orgulho buscando dar  
Mas a dourada corda sensivel  
Do simples dedo cede a tocar.

A bailarina é combustivel  
Que o peito em chamma faz abraçar ;  
São della a extrema corda sensivel  
Carro ou almoço, ceia ou jantar.

Bella criada, se disponivel  
Do joven amo se julga estar ;

Toca-lhe a bella corda sensível  
O que, brincando, lhe querem dar.

Moça beata, que um impossivel  
Fôra das preces a separar,  
Se alguém lhe vibra a corda sensível  
Nem mais da igreja se quer lembrar.

Pura innocencia é que é temível  
Fazer de amor, no jogo entrar ;  
Pois da intacta corda sensível  
Todos ignorão onde o lugar.

Comtudo á sorte nada é impossivel,  
E de amor tudo se deve esperar ;  
Que das mulheres a corda sensível  
Ou tarde ou cedo se faz vibrar.

---

AONDE VAE, SR. PEREIRA DE MORAES

(LUNDU')

Aonde vae, Sr. Pereira de Moraes ?  
Se você vai não vem cá mais :  
As mulatinhas só dando ais,  
Fallando baixo pr'a metter palavriaes ;  
Mettendo o pente para abrir a liberdade ;  
Fazendo sigas aos demonios das rivaes ;

Saias na gomma p'ra os recheios e fafás,  
Se você vae não vem cá mais.

Mulatinhas falladeiras,  
Renegadas do diabo,  
Me roubarão meu dinheiro  
Me deixarão csmolambado.

Ora meu Deus,  
Ora meu Deus ;  
Qu'estas mulatinhas  
São peccados meus.

---

### O CAPITÃO MATA MOUROS

Aqui venho meus senhores  
Certo de vossas bondades,  
Contar-vos mil novidades  
De meu posto altos penhores.  
Ficai sendo sabedores  
Do que é este capitão,  
Amoroso e valentão  
Como ninguem pôde ser ;  
Emfim para tudo dizer  
Ronque lá o rabecão.

No joguinho do bilhar  
Sou fallado em todo o mundo,  
Porque o sei tanto ao fundo  
Que a dormir o vou jogar ;

Eu posso carambolar  
Em cem bolas de uma vez,  
Posso formar um xadrez  
Na volta da carambola,  
Formo emfim uma gaiola  
Como ninguem nunca o fez.

Sou sublime na caçada  
Pois mato aráras á croque,  
Mato lobos, a bodoque,  
Gafanhotos á estocada  
E camellos a pedrada ;  
Quando me dá cá na veia  
Com um punhado de areia,  
Mato méros e robalos  
E até com estes estalos  
Já pesquei uma baleia.

Eu já tive por bastão  
O tronco d'uma mangueira,  
Já tive por cabelleira  
Enchimento de colchão ;  
Por ter firme o' coração  
E ser no amor muito affeito  
A uma dama de geito  
Com paixão como não vi  
Dez annos eu trouxe aqui...  
Como alfinete de peito.

Tudo quanto tenho exposto  
Passará por caçoada,

Assim não direi mais nada  
 Para não vos dar desgosto ;  
 Vou cumprir deste meu posto  
 O que nelle muito abunda,  
 Com figura tão jocunda  
 Não me posso demorar.  
 Pois vou patrulhas rondar  
 Da Armação ao Quebrabunda.

---

### ARRE LA' NÃO ME AMOFINE

Arre lá, não me amofine  
 Com tamanha impertinencia ;  
 Não goza mais meu amor,  
 Tenha santa paciencia.

*Eu gosto de quem não tem  
 Coração p'ra muita gente,  
 Gosto de quem quando falla  
 Não é fingida, não mente.*

Não avive estes olhinhos  
 Para ver se me captiva ;  
 Uma vez já me enganou ?  
 Pois sem mim agora viva.

*Eu gosto, etc.*

Se você não me queria  
 Me dissesse á vez primeira :

Agora—não tem café,  
Não caio na ratoeira.

*Eu gosto, etc.*

Suppunha talvez você  
Que um bôbo como eu achasse ?  
Se me amava e me queria  
Sorrindo não m'enganasse.

*Eu gosto, etc.*

---

## A LAVADEIRA

### PARÓDIA

A senhora Josephina,  
Lavadeira improvisada,  
Por ser muito preguiçosa  
Nunca deve ser lembrada.

Lavadeira sem asseio,  
Traz-me a roupa mal lavada,  
Encontro sempre uma peça  
Sem coser, esfrangalhada.

Com ella, nunca andei bem,  
Ao contrario mui zangado ;  
Por não me córar a roupa  
E ir ver o namorado.

Lava a roupa mal lavada,  
Sempre faltando botões,  
Chuchando-me em cada peça  
Um *bond* de dous tostões.

Quiz um dia exp'rimentar  
Porque era descuidada,  
Sempre trazia-me a roupa  
Muito mal ensaboada.

E' lavadeira imperfeita,  
Que, para poupar sabão,  
Bate-me a roupa a cacete  
Como se fosse um surrão.

Afinal me declarou  
Que amor não me votava,  
E que só de seus amantes  
Suas roupas bem lavava.

E' lavadeira imperfeita,  
Lava a roupa mal lavada,  
Muito incerta pelo rol,  
Mal cirzida e ponteada.

---

## A LAVADEIRA

MUSICA DE ALMEIDA CUNHA

A senhora Josephina,  
Lavadeira empavonada,  
Por ser muito carinhosa,  
Deve ser sempre lembrada.

E' perita lavadeira,  
Lava a roupa bem lavada :  
Muito certa pelo rol  
Bem serzida e ponteada.

Com ella nunca eu briguei,  
Por causa de minha roupa ;  
Quer no preço, quer na paga,  
Meu dinheiro sempre poupa.

Lava a roupa bem lavada,  
Sem faltar um só botão,  
Não levando pela roupa  
Nunca mais de—um tostão.

Quiz um dia exp'rimentar  
Porque era tão zelosa,  
E tinha tantos caprichos,  
Em seu todo tão dengosa.

E' perita lavadeira,  
Lava a roupa sem sabão,

Não levando pela peça,  
Nada mais que—um tostão.

Afinal me declarou  
Que a roupa só lavava,  
D'aquelles a quem devia  
E a mim, porque me amava.

E' perita lavadeira,  
Lava a roupa bem lavada ;  
Muito certa pelo rol,  
Bem serzida e ponteada.

Agora não lava mais,  
Já não é mais lavadeira ;  
Foi morar em nossa casa,  
E' a minha companheira,

Lava a roupa bem lavada,  
Engomma com perfeição ;  
Nunca me levou dinheiro,  
E me deu seu coração.

---

## A LOUQUINHA

POESIA DE FONTENELLE

A travessa Joanninha,  
Que se chamava *a louquinha*,

Por andar sempre a brincar,  
Ouvio alguém lhe fallar :  
— Vem cá, mimosa florinha,  
Deixa-me um beijo te dar.

E a travessa Joanninha,  
Que se chamava *a luquinha*,  
Por andar sempre a brincar,  
Responde:—Quer me beijar?  
Não custa, a igreja é vizinha,  
Vamos ao padre fallar.

---

### BRAZILEIRA, TEU SEMBLANTE...

Brazileira, teu semblante  
No mundo não tem igual,  
Brazileira, é qual a rosa  
Teu semblante virginal!

Teus lindos, negros cabellos,  
São puros, finos, sedosos,  
Teus olhos, oh! que feitiços!  
Não s'encontrão mais formosos!

Tua boca delicada  
Tem da meiguice o sorrir,  
De fino marfim ornado  
Ella mostra reluzir.

Tuas faces de beijar  
São mais puras que o setim,  
Diviso n'ellas brincando  
O jambo, a rosa, o jasmim.

O teu colo, ó virgem minha,  
De brancura amorenada,  
Que só tem a brazileira  
De ser gentil engraçada.

As tuas mãos tão mimosas  
Quem melhor as tem assim !...  
O brilho da linda cutis  
Bem parece o do setim.

O teu corpinho é delgado  
Oh! mulher celestial!  
O teu pézinho mimoso  
Não póde encontrar rival!

Enumerar-te as perfeições  
Jámais póde o trovador ;  
Nem mesmo sei, minha bella,  
Se és estrella, anjo de amor !

Só me é dado confessar-te  
Vinte ou trinta vezes mil,  
Que uma creatura assim  
Deus só fez para o Brazil.

Se te moves, me arrebató,  
Se tu paras eu desmaio ;  
Quer parada, quer andando  
E's de amor um doce raio.

---

## O CARANGUEJO

(LUNDU')

Caranguejos andão ao *atá*  
Procurando a sua entrada,  
Veio seu mestre *titio* (ai uê),  
Fez dos caranguejos cambada.

Depois das cambadas feitas  
Sahio pr'a rua gritando :  
Chega, chega, freguezia (ai uê)  
Vai caranguejo, *sinhá!*

Moças pobres que o vêm chamão,  
E vão logo a perguntar :  
Quanto custão os caranguejos (ai uê)  
— Meia pataca, *sinhá!*

— Mestre *titio*, me diga,  
O seu nome como é ?  
— *Sinhá* pr'a que qué sabê (ai uê)  
*Yo mi chama pai Manué!*

— Pois pai Manoel *vosmencê*  
Vá dar um passeio ligeiro,  
E quando vier de volta  
Venha buscar seu dinheiro.

Moça leve os caranguejos  
E deite-os a cosinhar,  
Que o mestre titio não tarda  
O seu dinheiro a buscar.

Palavras não erão ditas  
Na porta o preto bateu,  
Pergunta a moça—*quem é?*  
Responde o preto :—*sô yeu !*

A moça veio de dentro  
Dizer que agora não tinha  
Dinheiro para lhe dar,  
Que seu marido já vinha.

Então o preto zangou-se  
Ficou branco qual marfim  
E quando pôde fallar (ai uê)  
Começou dizendo assim :

— Sinhá não sabia  
Que yo era captivo,  
Que tem ri-dá conta  
Di o mi captivêro?  
Nô qué zi caróte  
Dacá mya rinhêro.

---

## SOU INFELIZ

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Chamão-me ingrato  
Mente o que o diz,  
Não o sei ser  
Nem nunca eu quiz.

*Sabe o que sou ?  
Sou infeliz.*

Negras lisonjas  
Mentiras vis,  
Não sei dizel-as  
Nem nunca eu quiz.

*Sabe, etc.*

Usar de enganoso  
Traças subtis,  
Não é meu genio  
Nem nunca eu quiz.

*Sabe, etc.*

Se Arminda é varia  
Diz, e desdiz,  
Tomar-lhe a moda.  
Nunca eu tal quiz.

*Sabe, etc.*

Quiz merecel-a  
 Quiz ser feliz,  
 Mas constrangel-a  
 Nunca eu tal quiz.

*Sabe, etc.*

Só de adoral-a  
 Me satisfaz,  
 Premio forçado  
 Nunca eu tal quiz.

*Sabe, etc.*

Ella deixou-me,  
 Seu modo o diz,  
 Eu não a deixo  
 Nunca eu tal quiz.

*Sabe, etc.*

## MÃI BENTA

Coitadinho como é tolo  
 Em cuidar que eu lhe adoro;  
 Por me vêr andar chorando,  
 Sabe Deus por quem eu choro!

— Mãi benta me fia um bolo  
 Minhas candongas,

— Não posso Sr. tenente  
Minhas candongas,  
Que os bolos são de ya-yá,  
Minhas candongas,  
Não se fião a toda a gente,  
Minhas candongas,  
Porque tem muitos temperos,  
Minhas candongas,  
Assucar, manteiga e cravo,  
Minhas candongas,  
E outras coisinhas mais,  
Minhas candongas,  
Bolinhos de qui-lê-lê,  
Minhas candongas,  
Ponto de admiração,  
Minhas candongas,  
O' gente Manué,  
Minhas candongas,  
Está quente, sinhá, bem quente !

Você se anda gabando  
Que foi que me deixou,  
Póde ficar na certeza  
Que muita cinza levou.

— Mãi Benta me fia, etc.

---

## A COR MORENA

POESIA DE UMA FLUMINENSE, MUSICA DA MORENINHA

Côr morena delicada  
Apreciada,  
E's por muitos com razão ;  
Pois por ti, tambem eu sinto,  
Ah ! não minto,  
Quanto póde uma paixão.

Tem tal côr tanta gracinha  
Sinházinha,  
Que só por gracinha prende,  
E seguro em tal prisão  
O coração,  
Inda mais culto lhe rende.

E' gentil a moreninha  
Engraçadinha,  
Muito viva e artilosa ;  
E se mais travessa é ella  
E' mais bella,  
E' mil vezes mais formosa.

Mas eu que os versos faço  
Dou um passo,  
Que parece mangação ;  
E aposto que a sinhá  
Linda yáyá  
Crê-me um bello mocetão.

Pois não sou minha senhora,  
E sem demora,  
Desfaço este enganoso;  
Amo sim a vossa côr  
E com ardor,  
Mas por ser de meu bemzinho.

Eu gosto d'um rapazinho  
Moreninho,  
Tambem cheio de gracinha,  
Não lhe ganha em travessuras  
Diabruras,  
A mais viva moreninha.

E' a côr mais feiticeira  
Candongueira,  
Que creou a natureza;  
E a ti que tens tal côr  
Meu amor,  
Juro amar-te com firmeza.

-----

TAPE, TEPE, TIPE, TI

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Coração, que tens com Lilia?  
Desde que seus olhos vi,

Pulas, e bates no peito,  
Tape, tepe, tipe, ti :

*Coração não gostes d'ella ;  
Que ella não gosta de ti.*

Quando anda, quando falla,  
Quando chora, quando ri ;  
Coração, tu não socegas,  
Tape, tepe, tipe, ti :

*Coração, etc.*

Já te disse, que era d'outro ;  
Coração, não te menti ;  
Mas tu, coitado! te assustas,  
Tape, tepe, tipe, ti :

*Coração, etc.*

Aquelle modo risonho  
Não é, nem foi para ti ;  
Basta, louco, e não estejas  
Tape, tepe, tipe, ti .

*Coração, etc.*

Um dia que me affagava ;  
Zombava, eu bem percebi,  
Era por gostar de ver-te  
Tape, tepe, tipe, ti.

*Coracão, etc.*

'Coração, tu não me enganes,  
 Todo o teu mal vem d'alli ;  
 Tu palpitando te explicas,  
 Tape, tepe, tipe, ti :

*Coração, etc.*

E' amavel, mas não ama ;  
 Eu já mesmo to adverti ;  
 E tu mui nescio teimando,  
 Tape, tepe, tipe, ti :

*Coração, etc.*

Se tu leres nos seus olhos,  
 O que eu com meus olhos li ;  
 Talvez te não cances tanto,  
 Tape, tepe, tipe, ti :

*Coração, etc.*

---

## TENTAÇÃO

POESIA DO DR. QUEIROGA

C'os pés d'entro d'agua, que alli cobrejava  
 Dos buritys frescos por entre os palmares  
 Lalá desgrenhada, descalçava, brincava  
 Qual fada querida d'aquelles lugares.

Tremendo eu lhe disse:— Lalá, olha, vamos  
« Passear lá no matto? De amores o demo  
Fez qu'ella me olhasse com o olhar supremo  
Que resta á belleza da qual triumphamos.

Enxuga os pésinhos na relva lasciva,  
De novo me encara sem tanto recato,  
E a bella faceira ficou pensativa...  
As aves cantavão no centro do matto.

Na sombra a cascata mugia saudosa,  
Por entre as taquáras Lalá me seguio,  
A bella menina selvagem, medrosa,  
Tremendo em meus braços por terra cahio.

---

### QUANDO SEU BEM VAI-SE EMBORA

Cresce amor de dia em dia,  
Cresce amor de hora em hora,  
Cresce tambom a saudade  
Quando seu bem vai-se embora.

*Ternos ciumes  
Causa a saudade  
Nada mais firme  
Que uma amizade.*

Quem não percebe o amor  
Quem a paixão ignora,

Dá pouca força a saudade  
Quando seu bem vai-se embora.

*Ternos, etc.*

Um peito que firme ama,  
Um peito que firme adora,  
Sente pungir-lhe a saudade,  
Quando seu bem vai-se embora.

*Ternos, etc.*

Se o seu bem lhe visita,  
Se está doente melhora;  
Fica de novo doente,  
Quando seu bem vai-se embora.

*Ternos, etc.*

De seu bem com a presença  
De indecisa treme e córa,  
Verte seu pranto em segredo  
Quando seu bem vai-se embora.

*Ternos, etc.*

Quando o seu bem pede um beijo  
Nego-lh'ó ella n'essa hora,  
Mas chora não tel-o dado  
Quando seu bem vai-se embora.

*Ternos, etc.*

A rosa mais purpurina  
De manhã não se colóra,  
Como ella suspirando  
Quando seu bem vai-se embora.

*Ternos, etc,*

---

## RETRATO DE UMA MULA'TINHIA

POESIA DO DR. QUEIROGA

Crespa madeixa  
Partida em duas,  
As fontes tuas  
Cercando assim,  
Parece largo  
Diadema airoso  
De mui lustroso  
Preto setim.

Que bem te assentão  
Faces vermelhas  
E sobancelhas  
Côr de carvão!  
Jaboticabas  
Frescas, brilhantes,  
Como diamantes  
Teus olhos são.

Se a mim os volves  
Amortecidos,  
E derretidos  
Em doce amor  
As negras franjas  
A custo abrindo,  
E desparzindo  
Terno langôr.

Ah! que então sinto  
Um tão amavel,  
Tão ineffavel,  
Vivo prazer,  
Que extasiado  
No gozo activo  
Se morro ou vivo  
Não sei dizer.

Em tuas faces  
Brilha serena  
A côr morena  
Do burity:  
Teus labios vertem  
Rosea frescura,  
Cheiro e doçura  
Do jatahy;

E quando os abres  
Do rir o ensejo,  
Perolas vejo  
Entre coraes;

Como são bellos  
Assim molhados !  
De amor gerados  
Me arrancão ais.

Para roubar-me  
Cinco sentidos,  
Tens escondidos  
Certos ladrões  
Dentro do seio,  
Bem disfarçados  
E transformados  
Em dous limões.

A tua airoza  
Bella cintura  
O gosto apura  
Em estreitar,  
E o mais que á vista  
O pejo occulta  
Vontade exulta  
Só de pensar.

Já que pintei-te,  
Minha querida,  
Venus nascida  
Cá no Brazil.  
Em premio dá-me  
*Muxôxos*, queixas,  
*Quindins*, me deixas,  
E beijos mil.

## AMOR BRAZILEIRO

PÔESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Cuidei que o gosto de amor  
Sempre o mesmo gosto fosse  
Mas um amor brasileiro  
Eu não sei porque é mais doce .

*Gentes, como isto  
Cá é temperado  
Que sempre o favor  
Me sabe a salgado  
Nós lá no Brazil  
A nossa ternura  
A assucar nos sabe  
Tem muita doçura  
Oh se tem! tem...  
Tem um mel mui saboroso ;  
E' bem bom, é bem gostoso.*

As ternuras desta terra  
Sabem sempre a pão e queijo  
Não são como no Brazil  
Que até é doce o desejo.

*Gentes, etc.*

Ah nhanhã venha escutar  
Amor puro e verdadeiro

Com preguiçosa doçura  
Que é amor de brasileiro.

*Gentes, etc.*

Os respeitos cá do reino  
Dão a amor muita nobreza  
Porém tirão-lhe a doçura  
Que lhe deu a natureza

*Gentes, etc.*

Quando a gente tem nhanhã  
Que lhe seja bem fiel  
E' como no reino dizem :  
Cahio a sopa no mel.

*Gentes, etc.*

Se tu queres que eu te adore  
A' brasileira hei de amar-te  
Eu sou teu e tu és minha  
Não ha mais tir-se nem guarte.

*Gentes, etc.*

---

## O MESTRE DE MUSICA

### DUETTO

*Dama*

Dá licença, senhor mestre?

*Mestre*

Póde entrar, minha senhora.

*Dama*

Como passa, senhor mestre?

*Mestre*

Vou passando menos mal  
Ora vamos, meu amor,  
Venha dar sua lição;  
Cante bem afinadinho  
Faça o compasso com a mão.

*Dama*

Sim senhor já estou prompta  
Mas precisa desculpar.

*Mestre*

Oh! pois não...

*Dama*

Porque estou bastante rouca  
Não poderei bem cantar.

*Mestre*

Ora vamos, meu amôr, etc.  
Não importa eu lhe desculpo  
Vamos, e dê-me atenção,

Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si  
Entendeis, minha menina  
Esta minha afinação ?

*Dama*

Sim, senhor, entendo bem.

*Mestre*

Ora agora principie  
Com justiça e promptidão

*Dama*

Fá, mi, dó, ré, fá, dó.

*Mestre*

Dó, dó, dó.  
Na deixa, está perdida,  
E não sei qual a razão  
A tanto tempo que ensino  
Cada vez peor lição...  
Olhe, a boca bem aberta  
Compasso bem prolongado  
O nariz bem perfilado  
Veja a minha posição.

*Dama*

Sim, senhor, eu principio  
Eu careço solfejar  
Mi, ré, fá, dó, fá, dó, lá.

*Mestre*

Qual, fá, dó. nem fá, dó, mi,  
Vá outra cousa estudar,  
Para a musica não tem geito  
Outro officio vá buscar.

*Dama*

Sim, senhor, querido mestre  
Eu lhe prometto estudar,  
E se fôr do seu agrado  
Um lundú eu vou dançar.

*Mestre*

Oh diabo, ella ahi vem  
Com aquella tentação.  
Pois sabe que não resiste  
Meu sensivel coração.

## LUNDU'

*Dama*

Ora diga, senhor mestre  
Não lhe agrada mais dançar,  
Com geitinhos e requebros  
Que até os céos faz chorar.

*Mestre*

E' tão bom é tão gostoso  
Que se eu tivera pataca,

Toda a vida eu te diria  
Corta, jaca, corta jaca.

*Ambos*

Bravo meu bem está de tremer.  
Queijadas de côco  
Pasteis de melado  
Suspiros e ais  
Do meu bem amado.

Sim é engraçado  
Gostoso é morrer  
Ligado a teus braços  
A vida perder.

Bravo meu bem está de tremer, etc.

Oh! sinhà Maria olé  
Olhe os porcos na cancella,  
Se os porcos forem teimosos  
Dê com elles na panella.

*Dama*

Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si  
Até quando eu cá voltar.

*Mestre*

Adeosinho não s'esqueça  
Da lição bem estudar.

*Ambos*

Bravo meu bem está de tremer, etc.  
Oh! sinhà Maria olé, etc.

---

## BEM-TE-VI

POESIA DE BITTENCOURT SAMPAIO, MUSICA DE ELIAS  
LOBO

Debaixo deste arvoredos  
Para te olhar me escondi ;  
Tu passavas em segredo,  
Cantei baixinho com medo :

*Bem-te vi !*

Quiz dizer-te atraz correndo :  
— Morro de amores por ti !  
Mas não sei porque tremendo  
Fiquei parado dizendo :

*Bem-te-vi !*

Junto a fonte crystalina  
Scismando chegaste alli ;  
Sopra a brisa á camarina  
Doce nome *Cipladina* :

*Bem-te-vi !*

E tu voltaste cantando,  
E que voz tão meiga ouvi !  
Fui então te acompanhando,  
Foste andando

*Bem-te-vi.*

---

## CAPENGA NÃO FORMA

POESIA DE ED. VILLA-BOAS, MUSICA DE R. PAGANI

Deram agora os *massadas*  
 Dos *guardinhas* nacionaes,  
 Em fazerem caçoadas  
 Dos males que tem os mais.  
 Mas que culpa tem a gente  
 Se a perna se não conforma,  
 Para ouvir gritar sómente  
 O tal— *Capenga não fórma!*...

Por eu ser capenga  
 Me não incommodo;  
 A perna *mendenga*  
 Cá ponho a meu modo:  
 E s'algum gaiato,  
 Já toma por norma  
 Gritar, sem recato.  
 — *Capenga não fórma!*  
 Eu tomo a *gracinha*  
 Por gran mangação,  
 Dou geito á perninha,  
 Mirando o ratão!

Esta *troça* começon,  
 Que corre por tanta gente,  
 Quando tudo aquartelou  
 Para tirar-se o contingente.  
 E foi tal o *soramleque*

Que houve lá na plata-fórma,  
 Que não houve um só moleque  
 Que não gritasse—*Não fórma!*

Melhor ! se não fórma  
 Não é *escolhido* :  
 Não tem a *reforma*,  
 Nem é *dissolvido* ;  
 A quem o *commanda*  
 Não faz grande *arenga*,  
 De trote não anda  
 Porque é *capenga*  
 No entanto o lindinho  
 Janota ou *taful*,  
 Não tendo *padrinho*  
 Lá vai para o sul.

Se *capenga* fosse um vicio,  
 Vergonha teria eu...  
 Mas se é defeito... outro officio  
 Cada um cuida do seu.

Eu sou *capenga*, mas quantos  
 Sêl-o hoje *desejavam!*  
 Co'a *perninha* dos *encantos*.  
 P'ra o *Paraguay* não *marchavam*.

Emquanto o *capenga*,  
 Cá 'stá *divertido*,

Sem medo na *árenga*  
 De andar envolvido ;  
 O bom, o bem feito,  
 Na fôrma lá vai.  
 Em pranto desfeito.  
 Para o Paraguay :  
 E emquanto o perfeito  
 Se faz aleijado,  
 Co'a perna a meu geito  
 Cá fico deitado.

Emquanto muitos caçoam  
 De eu ser capenga e *cambão*,  
 Muitas bellas abençoam  
 A quem fez-me este *aleijão*.

Eu brinco e folgo com ellas  
 Com franqueza e demasia,  
 Pois d'um capenga entre bellas  
 E' tolo quem desconfia.

Capengas não *cantão*,  
 Não *comem*, não *bebem*  
 Cartinhas qu'encantam  
 Não dão, não recebem ?  
 Capengas não andam,  
 Não *dansão en avant* ?  
 Fieiras que abrandam  
 Não pucham ao *kan-kan* ?  
 Assim como ás pernas  
 Lá buscam dar *geitos*,

Paixões, meigas, ternas,  
Abrigam nos peitos.

Embora eu seja capenga  
A perna me não diforma.  
De possuir certa *denga*  
Que comigo é só que fôrma.

Ella é toda de manejos  
De estocadas, de galopes,  
Eram, céus! os meus desejos  
Ver ella atacar o Lopes!

O Lopes? quem disse?  
Ficava perdido!  
Apenas a visse  
Ficava rendido.  
Porém se não posso  
Ter esse prazer;  
Do doce amor nosso  
Só devo viver.  
Ella é a patrona  
Do meu *cartuxame*,  
Nos braços me abona  
Me dá *correame*.

Dos males que á gente vem  
Ninguem se queixe ou da sorte;  
Talvez se eu pisasse bem  
Já tivesse achado a morte.

Assim pois, poupe a gengivre  
 Que boas as pernas tem,  
 Porque ninguem está livre  
 De ser *capenga* tambem.

Por isso o *capenga*  
 Não anda escondido  
 Nem na *lenga lenga*  
 Se vê mais mettido ;  
 Enquanto se aperta  
 P'ra ir passear ;  
 O bom lá deserta  
 Para não marchar,  
 E viva o *capenga*  
 Que não se conforma,  
 Co'a tal *lenga lenga* :  
 — *Capenga não fóрма!*

---

## E' MUNDO, DEIXA FALLAR

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Depois que eu te quero bem,  
 Deo o mundo em murmurar ;  
 Porém que lhe hei de eu fazer ?  
*E' mundo deixo fallar.*

*Não te enfades menina  
 Deixa o mundo fallar.*

Sabes porque falla o mnndo,  
E só por nos invejar ;  
Elle tem odio aos ditosos,  
*E' mundo deixa fallar.*

*Não, etc.*

As loucas vozes do mundo  
Tu não debes escutar,  
Pois que sem razão murmura.  
*E' mundo deixa fallar.*

*Não, etc.*

Ouve só a quem te adora,  
Que anda por ti a bradar ;  
Dos outros não faças caso,  
*E' mundo deixa fallar.*

*Não, etc.*

Menina, vamos amando,  
Que não é culpa o amar ;  
O mundo ralha de tudo,  
*E' mundo deixa fallar.*

*Não, etc.*

Que fazem nossos amores  
Para o mundo murmurar ?  
E máo costume do mundo,  
*E' mundo deixa fallar.*

*Não, etc.*

Sempre todos me hão de vêr  
Por meu bem a suspirar ;  
Se disto fallar o mundo,  
*E' mundo deixa fallar.*

*Não, etc.*

Ah meu bem não pertendamos  
Do povo a boca tapar ;  
Bem sabes que o povo é mundo,  
*E' mundo deixa fallar.*

*Não, etc.*

---

## DE QUE ME SERVE ESTA VIDA

POESIA DE VILLARINHO

De que me serve esta vida  
De tormento agro e sem fim ;  
Quando não estou de guarda  
Toca á rebate o clarim.

De que me servem as folgas  
Se não as posso gozar ;  
Se não estou de piquete  
De noite saio a rondar.

Não tenho socego !...  
Me diz o tenente

Vá para o serviço  
Pois falta me gente.

O que heide fazer ?  
Visto a fardasinha  
Botando as corréas  
Eu vou para a guarda.

Porém se inda um dia  
Eu nisto scismar,  
Farei uma trouxa  
E por-me-ei a andar.

Com esta me raspo  
Oh ! rapaziada,  
Pois esta vidinha  
E' mui desgraçada.

---

### O CANTO DO PERU'

D'esta minha Paulicéa,  
Formigas comendo e angú,  
Ouviras os meus gemidos,  
E o canto do *teu perú*.

*Gru, gru, gru, gru.*

Do meu colibri ausente,  
Ando triste e jururú ;

O rubro monco azul fica,  
E casmurro o *teu peru*

*Gru, gru, gru, gru.*

N'este mundo planetario,  
Ninguem vejo senão tu,  
Ès o meu colibrisinho,  
E eu sou o *teu perú*

*Gru, gru, gru, gru.*

Quizéra o teu pequirá,  
Caturrita ou sanhassú,  
Não posso, mas é o mesmo,  
Serei sempre o *teu perú*.

*Gru, gru, gru, gru.*

Tu és o meu colibrisinho,  
E mimoso carurú,  
Eu sou o teu totósinho,  
E também o *teu perú*.

*Gru, gru, gru, gru.*

Quando alguém te arrasta a aza,  
Parece um surucucú;  
Bato o pé, encrespo o monco,  
Faço roda e *gru, gru, gru...*

*Gru, gru, gru,gru...*

---

## DE TI FIQUEI TÃO ESCRAVO

De ti fiquei tão escravo,  
Depois que teus olhos vi ;  
Que morro só por teus olhos,  
Não posso viver sem ti !  
    Contemplando o teu semblante  
    Sinto a vida m'escapar,  
    N'um teu olhar perco a vida  
    Ressuscito n'outro olhar !

*Mas é tão doce  
Morrer assim!...  
Lilia não deixes  
De olhar p'ra mim !*

N'um raio dos teus olhares  
Minh'alma inteira preendi,  
Se tens minh'alma em teus olhos,  
Não posso viver sem ti...  
    A qualquer parte que os volvas  
    Minh'alma sinto voar,  
    Inda que livre nas azas  
    Preza só no teu olhar.

*Mas é tão, etc.*

Qu'era meu fado ser teu  
Ao ver-te reconheci,  
Não se muda a lei do fado  
Não posso viver sem ti !

Por não ser inda completa  
 Minha doce escravidão,  
 Se me ferem teos olhares  
 Beijo, adoro o meu grilhão!

*Mas é tão, etc.*

---

### DIZEM QUE SOU BORBOLETA

Dizem que sou borboleta,  
 Que no amar sou bandoleira ;  
 A culpa tem quem me fórja  
 Os ferros do captiveiro.

Nãa posso ver moça bella  
 Sem amor me titilar,  
 Sou feito da carne e ôsso  
 Por força me hei de dobrar :

Se ha moças que vibrão  
 Olhar tão ardente,  
 Que o peito da gente  
     Queimando  
     Cortando,  
     Rasgando ;  
 Lá dentro nos vão,  
 Acender paixão.  
*O mais insensivel*  
*Por bem; ou por mal*  
*Terá sorte igual :*  
*Amará,*

*Gemerá,  
Se verá  
Captivo por fim!  
Eu cá penso assim.*

Se vejo moça corada  
Fico de amor abrazado:  
Moça pallida e romantica  
Põe-me todo derrotado.

A moreninha m'encanta,  
Me derrete, me maltrata,  
M'envenena, m'enfeitiça,  
Me fere, me abraza e mata.

Por todas eu sinto  
O meu coração.

De gosto e paixão

Ferido,

Perdido,

Rendido,

Aos ferros exposto,

Por gloria e por gosto.

*O mais insensivel, etc.*

Olhos negros e travêssos  
São p'ra mim settas de amor,  
Os azues matão a gente  
Requebrados com languor.

Sejão grandes ou pequenos

Ardentes ternos ou não,

Todos elles me repuchão

Suspiros do coração.

Olhinhos hei visto  
Eu bem sei em quem  
Que tal força tem  
    Qu'enleião,  
    Chasqueião  
    E ateião.  
Voraz fogo ardente  
No peito da gente!

*O mais insensível, etc.*

Não sei o que é ter orgulho  
De constancia e de firmeza,  
Eu só me orgulho de amar  
A toda e qualquer belleza.  
    Quando estou junto de moças  
    Meus olhos são de tarracha  
    Meu coração é trapiche  
    Tenho alma de borracha.  
    N'um dia n'um hora.  
    No mesmo lugar;  
    Eu gosto de amar  
    Quarenta,  
    Cincoenta,  
    Sessenta :  
    Se mil forêm bellas  
    Amo a todas ellas.

*O mais insensível, etc.*

---

## DO BRAZIL A MULATINHA

Do Brazil a mulatinha  
E' do céo doce maná  
Adocicada fructinha,  
Saboroso cambucá !

E' quitute appetitoso,  
E' melhor que vatapá ;  
E' nectar delicioso,  
E' bôa como não ha.

E' manjar bem delicado,  
E' melado com cará ;  
Agradavel bom bocado,  
Gostoso maracujá !

E' cajú assucarado  
E tem de manga o sabor ;  
E' quibêbe apimentado  
Pelas mãosinhas de amor.

E' doce licor de rosa.  
E' melhor do que melado ;  
Delicado e melindroso  
Vinho velho engarráfado.

E' manguinha da Bahia,  
E' doce favo de mel ;  
Não é clara como o dia  
Nem alva como papel.

A mulatinha mimosa,  
Fios d'ovos com canella ;  
E' morena, côr de rosa  
Tem uma côr muito bella.

E' faceira, tem candura,  
Tem do côco o paladar ;  
Tem meiguice tem ternura,  
Tem *quindins* d'enfeitiçar.

Quando eu meigo vejo ella,  
Tão terna tão moreninha ;  
Logo exclamo : como é bella  
Do Brazil a mulatinha !

Os olhos sabe volver  
Tão ternos a namorar,  
Que eu quizeria só poder  
Junto d'ella sempr'estar.

---

## PALAVRORIO

POESIA DE ?... MUSICA DE ?...

E' dos ministros  
Visicatorio  
Que os atormenta  
O palavrorio.

Das resistencias  
Approbatorio  
E' sempre o voto  
Do palavrorio.

Haver leis annuas  
E' illusorio  
Com as empurras  
Do palavrorio.

Quem ao Caxias,  
Ou ao Osorio  
Mais embaraça ?  
O palavrorio.

Quem nos é inda  
Mais vexatorio  
Que o ex-Lopes ?  
O palavrorio.

Não ha inferno  
Nem purgatorio  
Que se compare  
Ao palavrorio:

De nossos males  
O repertorio  
Se recopila  
No palavrorio.

Miseras camaras  
 Pobre auditorio  
 Que sois maçados  
 Do palavrorio

E o nosso povo  
 E tão simplorio,  
 Que ainda acredita  
 No palavrorio ?

Resemos terço  
 A S. Gregorio  
 Que nos proteja  
 Do palavrorio

E a Santo Antonio  
 Um responcorio,  
 Para dar cabo  
 Do palavrorio

---

## NÃO POSSO COM MAIS NINGUEM

POESIA DE GUALBERTO PEÇANHA, MUSICA DA MODINHA:  
 E' FALSO, MEU BEM, QUEM DIZ.

E' mentira !... Quem lhe disse  
 Que muitas me querem bem :  
 Tenho apenas uma amante,  
*Não posso com mais ninguém.*

Pois já trago esfrangalhado  
O meu coração innocente,  
Me deixem por piedade,  
*Não posso com mais ninguém.*

Esta amante que possuo  
Verdade é que me quer bem...  
Mas creião... já me aborrece...  
*Não posso com mais ninguém.*

Se por falso ou inconstante  
Alguma outra me tem,  
Paciência! uma é bastante...  
*Não posso com mais ninguém.*

Eu bem sei que estas mocinhas  
Me julgarão — toleirão,  
Mas por modestia é que eu digo :  
*Não posso com mais ninguém.*

---

## NÃO SE RESISTE, NÃO

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Empreheendeu amor vencer  
O meu livre coração,  
E eu que tanto resistia  
Resistir não pude não.

*Quem terá forças  
Terá valor  
Com que resistão  
Ao forte amor.  
Não se resiste,  
Ah ! não, não, não.*

Resistir ao forte amor  
E' uma vã presumpção,  
Eu mesmo que presumia  
Resistir não pude não.

*Quem, etc.*

Chamo a razão em soccorro,  
Desampara-me a razão ;  
Da razão desamparado  
Resistir não pude não :

*Quem, etc.*

Mais não me venceu amor  
Co'as settas que tráz na mão ;  
Mostrou-me uns olhos mui meigos...  
Resistir não pude não :

*Quem, etc.*

Lisongeiras esperanças  
Mostra amor na esquerda mão  
Com seus premios seduzidos  
Resistir não pude não :

*Quem, etc.*

---

## O GATINHO

Era um gatinho que eu tive  
Um gatinho folgasão,  
Quereis saber o seu nome?  
Eu o chamava *Turrão* :  
Quereis sabel-o porque?  
Eu já vos digo a razão :

Era da côr de azeviche,  
Tinha colleira amarella,  
Quem m'ô deu, não sei se o conte...  
Eu o furtei d'uma bella!...  
— E' mentira, tenho zêlos,  
O gatinho deu-t'ô ella!

Se te arrufas já commigo  
Então não quero contar ;  
Vai ouvindo a minha historia  
Escuta, que has de gostar :  
Eu o chamava *Turrão*  
Porque era bravo no brincar .

Quando me via tristonho  
Lamber vinha-me a mão,  
Quando me via contente  
Dava pulinhos no chão ;  
Assim tomava o gatinho  
De prazer um bom fartão.

Mas um dia, oh! que ventura,

O gatinho era bregeiro,  
 Vio uma moça dansando  
 Foi-se a ella sorrateiro ;  
 Furtou-lhe a liga da meia  
 E fugio com ella ligeiro !

— Que foi feito do gatinho ?  
 A moça logo que o via  
 Lembrando-se da graçola  
 De prazer gostosa ria ;  
 Té que por descuido meu  
 M'o furtou n'um certo dia !

## O RETRATO DE UMA SINIIASINHA

Escutem bem  
 O que vou cantar,  
 Uma menina  
 Vou retratar.

Cabeça immunda  
 Cheia de caspa,  
 Tira aos alqueires  
 Quando se raspa.

Não tem orelhas  
 Por seus peccados,  
 Tem os lugares  
 Eburacados.

Os olhos vesgos  
É agathiados,  
Té sem pestanas  
Sapirocados.

Nariz enorme  
E acachapado,  
Toma-lhe a cara  
De lado a lado.

A bocca é grande  
Dentes compridos,  
Cheios de sopas  
E alguns cahidos.

Os seus peitinhos  
São de borracha,  
E os biquinhos  
São de tarracha.

Os seus bracinhos  
De orango-tango,  
Suas perninhas  
De magro frango,

Cintura fina,  
Bunda não tem,  
O mais não digo  
Eu sei mui bem.

Quem apanhar  
Bichinho igual,  
Deve guardar  
Para signal.

---

## MENTE, MENTE

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA.

Escutai pobres amantes  
Um amante experiente,  
A mulher que diz que ama  
*Certamente mente, mente.*

Se um amante carinhoso  
Lhe faz ver amor ardente,  
Ella lhe promette o premio  
*Certamente mente, mente.*

E' um gosto vêr a amada  
Diante de muita gente,  
Protestando ter fé pura  
*Certamente mente, mente.*

Pois se o pobre falla a outra  
Bem cortez e bem prudente,  
Ella finge ter ciume  
*Certamente mente, mente.*

E se acaso o triste amante  
Algum tempo esteve ausente,  
Ella jura tem saudades  
*Certamente mente, mente.*

---

## O PROGRESSO

PŒSIA DE TEIXEIRA E SOUZA, MUSICA DE J. J. GOYANES

Espanta o grande progresso  
Desta nossa capital;  
Decresce o bem por momento,  
Cresce a desgraça e o mal:  
    A carestia de tudo  
    De grande já não tem nome,  
    O pobre morre de fome,  
    De miseria e de trabalho.

Em bellos carros  
O rico corre,  
O pobre morre  
Sem que comer;  
Tudo é soffrer  
Para a pobreza;  
Só a riqueza  
Vive contente.

Mortal que vive  
Do seu trabalho,

Não tem um canto  
Para agasalho.

*Meu bem, não peças dinheiro,  
Qu'eu não tenho p'ra te dar;  
Pois ando sempre de guarda,  
Quando folgo vou rondar.*

A carne secca tão cara!  
Cada vez o preço cresce,  
O monopolista á custa  
Da pobreza s'enriquece.

Nos açougues carne podre,  
Nas ruas leite com agua,  
Causa dor e causa magoa  
O pão, de tão pequenino.

A dez tostões  
Pinto gosmento,  
Feijão bichento  
A pezo d'ouro;  
Toucinho couro  
E já tocado,  
Café torrado  
Com milho podre;  
Todos os mezes,  
Por alugueis, —  
Quatro paredes  
Trinta mil réis.

*Meu bem, não, etc.*

Pejão as ruas mendigos  
Ha ladrões por toda parte!  
Em breve nos darão leis  
A faca e o bacamarte.

Por altas horas da noite  
Invadem nossos poleiros,  
E nos levão os ratoneiros  
A criação dos quintaes.

Té as torneiras  
Já não escapão,  
Poís tudo rapão  
De um modo estranho,  
Pretos de ganho  
São espreitados,  
Após roubados  
Pelos gatunhos.  
Em grandes festas,  
Bailes, passeios,  
Sempre achão meios  
De ratonar.

*Meu bem, não. etc.*

Feijão, milho e assucar  
Carne e peixe já cosidos,  
Nos vem das terras da Europa,  
Vem dos Estados-Unidos.

Em quanto o monopolista  
O seu negocio equilibra.  
Vendendo a pataca a libra  
Vai o pobre á carne secca.

Quatro pimentas  
 Por um vintem,  
 Só quem o tem  
 Pódem gozar ;  
 Quem quer comprar  
 Alguns limões,  
 Dá dous tostões  
 Por um sómente.  
 Viva quem vive,  
 Morra o regresso,  
 Viva a Nação,  
 Viva o progresso !

*Meu bem, não, etc.*

---

## O SECULO DAS LUZES

POESIA DE PAULA BRITO, MUSICA DE J. J. GOYANO

Estamos nos seculos das luzes,  
 Já não ha que duvidar,  
 Temos gaz por toda a parte  
 Para nos allumiar !

*A, E, I, O, U.*  
*Já se não custa aprender ;*  
*Ja s'ensina de repente,*  
*Sem as letras conhecer.*

Temos estradas de ferro  
Para mais deprêssa andar;  
Todos hão de correr tanto  
Que por fim hão de cansar.

*Ba, be, bi, bo, bu, etc.*

Já com novo calçamento  
Vejo as ruas se calçar;  
De fino sapato e meia  
Já se pôde passear.

*Ça, ce, ci, çó, çu, etc.*

Já se alargam bem as ruas,  
A do Cano é a primeira;  
Hoje tudo são progressos  
Da famosa ladroeira.

*Da, de, di, do, du, etc.*

Agua suja, cisco e tudo  
Já se não deve ajuntar;  
E' só lançar-se nas ruas  
Que as carroças vêm buscar.

*Fa, fé, fi, fo, fu, etc.*

Já se seguram as vidas,  
Já se não deve morrer;  
Quem tem sua creoulinha  
Não tem medo de a perder.

*Cua, gue, qui, go, gu, etc.*

Temos agua pelos cantos,  
 Que sempre estão a correr ;  
 E sujo por falta de agua  
 Ninguém mais deve morrer.

*Ja, je, ji, jo, ju, etc.*

Já temos grandes theatros,  
 E a empresa quer crescer ;  
 Estamos—n'um céu aberto,  
 Isso sim, é que é viver.

*La, le, li, lo, lu, etc.*

Quando ha fogo na cidade  
 São Francisco dá o aviso ;  
 O Castello corresponde  
 Com tres tiros do Gabizo.

*Ma, me, mi, mo, mu, etc.*

Os estrangeiros s'empregam  
 Nessa nova exploração ;  
 Nada tendo de fortuna  
 Vem ganhar um dinheirão.

*Na, ne, ni, no, nu, etc.*

Nacionaes de bocca aberta  
 Nada tendo que comer,  
 Vivem como o boi de canga  
 Calladinho até morrer.

*Pa, pe, pi, po, pu, etc.*

Com a carestia dos generos,  
Como o pobre ha de viver?  
Com tão pequeno salario  
Como hourado pôde ser?

*Ra, re, ri, ro, ru, etc.*

Os poderosos não querem  
Co'a pobreza s'importar;  
O pobre cheira a defunto  
Pois só sabe importunar.

*Sa, se, si, só, su, etc.*

Eis o que é o paiz natal  
Dos filhos que vio nascer;  
Qualquer estrangeiro atâa  
Vem aqui enriquecer.

*Ta, te, ti, to, tu, etc.*

Já temos por f'licidade,  
Melhor colonisaçao;  
Felizmente se acabou  
A negra especulaçãõ.

*Va, ve, vi, vo, vu, etc.*

Os transportes são immensos,  
Quer por terra, quer por mar;  
Até se pôde seguro  
Já navegar pelo ar.

*Xa, xe, xi, xo, xu, etc.*

Emfim ninguem já duvida  
 De tamanha perfeição ;  
 Que não ha seculo como este  
 De maior illustração.

*Za, ze, zi, zo, zu, etc.*

---

## PADRE NOSSO CASAMENTEIRO

LUNDU'

Esta vida de solteira  
 Eu já supportar não posso ;  
 Valei-me, Nosso Senhor,  
 Mostrai qu' sois *Padre Nosso*.

Humildemente vos peço  
 Que escuteis os rogos meus...  
 Sou muito religiosa,  
 Só penso *que estaes nos céos*.

Um rapaz muito galante,  
 Bem bonito e engraçado,  
 Desejo-o p'ra meu marido  
 Oh ! meu Deus *santificado*.

Eu tenho dentro do peito  
 Um ardor que me consome :

Quero que o meu protector  
Sempre *seja o vosso nome.*

Tendes sido sempre bom  
Sempre a quem recorre a vós,  
O rapaz já me fez douda  
Só desejo o *venha a nós.*

Quando me vê, com o lenço  
De longe faz um aceno...  
Elle tanto me deseja  
Como eu, *c vosso reino.*

Mas meu pai impertinente  
A pretensão não aceita...  
A minha união deseja  
Que a seu geito *seja feita.*

Por causa d'elle, meu Deus,  
Quer me tirar da cidade ;  
Me diz sempre resmungando  
Farei a *vossa vontade.*

Se não cumprir o desejo  
Que no meu peito se encerra.  
Antes mil vezes morrer  
Que viver *assim na terra.*

Aspiro existir alegre  
Mui ditoso ao lado seu...  
Brincar, pular e dançar,  
E viver *como no céo.*

Sendo consorte fiel,  
Tendo o patrocínio vosso,  
Creio que não faltará  
Nunca, meu Deus, *o pão nosso.*

Cuidar na casa, manter  
Sempre a paz, sempre a alegria,  
Ha de ser, segundo julgo,  
Meu pensar *de cada dia.*

Meu papae traz-me apertada,  
Meu amante delle foge...  
Força, animo, vontade,  
E coragem *nos dai hoje.*

De alguma dôr de canellas,  
Mui perigooa, livrai-nos,  
Se conhecerdes que erramos  
Eu vos peço *perdoni-nos.*

Juras firmes, e bastantes  
Já estão por nós contrahidas,  
Se por ventura casarmos  
Pagaremos *nossas dividas.*

Eu e elle renderemos  
Preces, louvores a vós ;  
Todos te desejarão  
Amar *assim como nós..*

As offensas, as maldades  
Que no mundo supportamos,  
Gozando doce ventura  
Tudo, *tudo perdoamos.*

Não teremos um momento  
De terriveis dissabores :  
Relevamos com doçura  
Tudo *aos nossos devedores.*

Meu Deus humilde vos peço  
Nunca nos abandoneis ;  
Supportar um só desgosto  
Meu pai, não... *não nos deixeis.*

Do lodaçal apartai-nos  
Do vicio com promptidão ;  
Prohibi a meu bemzinho  
O *cahir em tentação.*

E depois, quando morrermos,  
Os peccados relevai-nos ;  
Dos tormentos deste mundo,  
Piedoso Senhor, *livrai-nos.*

Que vidinha passaremos !  
Que doçura sem igual !  
Protegidos por um Deus,  
Isemtos *de todo o mal.*

Ligeira no oratorio,  
 Vou collocar uma luz ;  
 Meu pai inda cederá  
 Eu espero, *amen Jesus.*

---

## O CAFUNE'

POESIA DE ED. VILLAS BOAS, MUSICA DE J. L. ALMEIDA  
 CUNHA

Eu adoro uma yayá  
 Que quando está de maré,  
 Me chama muito em segredo  
 Pr'a me dar seu *cafuné.*  
     Não sei que geito ella tem,  
     No revirar dos dedinhos ;  
     Qu'eu fecho os olhos, suspiro,  
     Quando sinto os estallinhos.

Mas quando zangada está  
 Raivosa me bate o pé,  
 Me chinga, ralha comigo,  
 Não me dá mais *cafuné.*  
     Não sei então o que faça...  
     Fazendo mesmo carinhos ;  
     Ella entre os meus cabellos  
     Não passa mais seus dedinhos.

Um dia zangou-se toda  
 Por ir cheirando a rapé,

Me chamou de velho e feio,  
Não me deu seu *cafuné*.  
    Brigou comigo devéras,  
    Mas passada a raivazinha  
    Foi ella mesmo quem deu-me  
    Uma linda bocetinha.

Que boceta tão mimosa !  
Das pazes emblema é :  
Quando eu funguei a pitada  
Deu-me ella outro *cafuné*...  
    Oh ! que gosto que senti !  
    Na boceta do rapé,  
    Descobri o melhor meio  
    De ganhar meu *cafuné*.

---

### OS MANDAMENTOS

Eu confesso as minhas culpas  
Todas pelos mandamentos,  
Ao depois que vi Marilia,  
Trago varios pensamentos.

O primeiro é *amar a Deus*,  
Eu amo ao meu bem querer :  
Se Marilia fôr constante  
Hei de amal-a até morrer.

O segundo é *não jurar*  
Pelo santo nome em vão ;

Eu jurei amar Marilia  
De todo o meu coração.

O terceiro é *ouvir missa*  
Nos dias de santa guarda ;  
Eu cem missas ouvirei  
Mas ao pé de minha amada.

O quarto *honrar pai e mãe*  
Pai e mãe eu honrarei :  
Só por ti Marilia amada  
Pai e mãe eu deixarei.

O quinto *não furtaras*  
Mesmo tendo precisão ;  
Eu sómente fiz um furto ;  
De Marilia o coração !

Sexto *guardar castidade,*  
Que é virtude apreciada ;  
Eu serei sempre mui casto  
Mas ao pé de minha amada..

O sétimo é *não matar,*  
Eu nunca matei ninguém ;  
Sómente mato as saudades.  
Que sinto pelo meu bem.

O oitavo é *não levantar*  
Falsidades contra alguém ;

Eu só disse que Marilia,  
E' minha e de mais ninguem

O nono é *não desejar*  
D'algum proximo a mulher ;  
Eu só desejo a Marilia,  
Eu a quero e ella me quer.

O decimo é *não cubiçar*  
Nunca as cousas de ninguem ;  
Eu só cubiço a Marilia  
Porque ella é o meu bem.

E estes *dez mandamentos*  
Só em dous minh'alma encerra ;  
Amar a Deus lá no céo  
E a Marilia cá na terra.

---

## EU QUERO ME CASAR

POESIA DO DR. J. M. DE MACEDO, MUSICA DE F. A.  
DE CARVALHO

Eu já não sou criança  
Já tenho bem juizo,  
Já sei o que é preciso  
Para viver, amar ;  
Mamãi fiz treze annos ;  
*Eu quero me casar.*

Darei minhas bonecas  
A Dona Carolina,  
E' ainda pequenina  
Não sabe o que é amar ;  
Mamãe eu já sei tudo,  
*Eu quero me casar.*

No coração das moças  
Ha um tal bixinho,  
Que rõe devagarinho  
Até fazer amar ;  
Mamãe isto é sabido  
*Eu quero me casar.*

Mamãe ralhar não póde  
Papai tambem amou,  
Do céu foi que baixou  
A lei que ensina amar ;  
Mamãe Deus é quem manda ;  
*Eu quero me casar.*

---

## EU JA' TIVE UMA MENINA

LUNDU'

Eu já tive uma menina  
A quem amei mais que a ti,  
Ausentou-se, foi-se embora,  
Eu fiquei, mas não morri.

Meninas traidoras,  
Que faltam á promessa,  
Não deixem lembranças  
Melhor é que esqueça.

Antes ser quero  
Queimado ao lume,  
Que andar soffrendo  
Cruel ciume.

Comprei pr'a cuja  
Lindo retracto,  
Seu genio altivo  
Mostrou-me ingrato.

Gastar a gente  
Seus cabedaes,  
Em fitas, rendas,  
Cousinhas taes ;

Andar a gente  
Feito um ladrão,  
De achar em troca  
Pedra ou bordão ;

Andar a gente  
N'um corropio,  
Por lamas, chuvas,  
Noites de frio ;

Rondar a porta  
Parar na esquina,  
Julgar que póde  
Ver a menina ;

Olhar se ella  
Chega á janella,  
Chegar um gato  
Suppor que é ella ;

Puchar o lume  
Pr'a dar signal,  
E ella em tijollos  
Pelo quintal ;

Só pelo canto  
Com ar de tolo,  
E ella com outro  
Toda em tijollo ;

Estar na esquina  
Sósinho de pé,  
Chocando c'os olhos  
Feito um jacaré ;

Gostar da menina  
Dar a bucholeta,  
Sem mesmo um recado  
Mandar pela preta ;

Trabalhos são esses  
Que já forão meus,  
Não fallem-me nelles  
Pelo amor de Deus.

---

## EU NÃO GOSTO DE OUTRO AMOR

LUNDU' BAHIANO PELO PADRE TELLES

Eu não gosto de outro amôr  
Que não seja amor de cá,  
E' amor muito gostoso  
Amor de minha sinhá.

Seus afféctos, seus quindins  
Enfeitição o mundo inteiro.  
Faz escravos homens serios  
O terno amôr brasileiro.

Eu zombei por largo tempo  
De seus laços, e prisões ;  
Eu zombei do captiveiro  
Dos mais ternos corações.

Não mais quiz o Deus de amôr  
Consentir a zombaria,  
Pois ao vêr certos olhinhos  
Fez-me preso nesse dia.

Ninguém pois deve zombar  
 Desse amor tão feiticeiro,  
 Quando julga que está livre  
 E' o mais prisioneiro.

E' concelho de quem ama  
 Certos olhinhos de cá,  
 Affectos, quindins, requebros,  
 Só as de minha sinhá.

---

### O SEU MOLEQUE SOU EU

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA.

Eu tenho uma Nhandásinha  
 A quem tirs o meu chapéo ;  
 E' tão bella tão galante,  
 Parece cousa do céo,

*Ai Ceo!  
 Ella è minha vovó,  
 O seu moleque sou eu.*

Eu tenho uma Nhandásinha  
 Qu'eu não a posso entender :  
 Depois de me vèr penar,  
 Só então diz que me quer.

*Ai, etc.*

Eu tenho uma Nhanhásinha  
A melhor que ha nesta rua ;  
Não ha dengue como o seu,  
Nem chulice como a sua.

*Ai, etc.*

Eu tenho uma Nhanhásinha  
Muito guapa muito rica :  
O ser formosa me agrada,  
O ser ingrata me pica.

*Ai, etc.*

Eu tenho uma Nhanhásinha  
De quem sou sempre moleque ;  
Ella vê-me estar ardendo,  
E não me abana c'o leque.

*Ai, etc.*

Eu tenho uma Nhanhásinha  
Por quem chora o coração ;  
E tanto chorei por ella,  
Que fiquei sendo chorão.

*Ai, etc.*

---

## RAIVAS DE GOSTO

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Eu gosto muito de Armania  
Que é mui dengue, é mui mimosa :

Que meiga a todos agrada,  
E até me agrada raivosa.

*O céo taes graças lhe deo;  
Que ainda raivosa e bella;  
E se não que o diga eu,  
Que gosto das raivas della.*

Vou enraivecer Armania  
Que tem raiva graciosa  
As mais vencem por meiguice  
Ella vence até raivosa

*O céo, etc.*

Gosto das suas raivinhas,  
Que avivão a côr de rosa ;  
Eu gosto de a ver córada,  
Por isso a quero raivosa.

*O céo. etc.*

Eu com quatro palavrinhas  
De idea artificiosa,  
Vou tiralla do seu serio,  
Eu quero vèlla raivosa.

*O céo, etc.*

O seu terno coração  
Vigia mui caprichosa ;  
E, inda que elle queira amar,  
Ella não quer de raivosa.

*O céo, etc.*

Tremei, amores, tremei.  
Tremei, turba presumçosa ;  
Jurou a vossa ruina  
Armania que está raivosa.

*O céo, etc.*

Quer soffrer á sua custa  
A raiva assim virtuosa ;  
Não hade amar, porém hade  
Ser amada, assim raivosa.

*O céo, etc.*

---

## A PORTUGUEZA ABRAZILEIRADA

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Eu vi correndo hoje o Tejo  
Vinha soberbo e vaidoso ;  
Só por ter nas suas margens  
O meigo Lundum gostoso.

Que lindas voltas que fez !  
Estendido pela praia,  
Queria beijar-lhe os pés.

Se o Lundum bem conhecera  
Quem o havia cá dançar ;  
De gosto mesmo morrera  
Sem poder nunca chegar.

Ai, rum, rum,  
Vence fandangos e gigas  
A chulice do Lundum.

Quem me havia de dizer  
Mas a cousa é verdadeira ;  
Que Lisboa produzio  
Uma linda brasileira

Ai belleza  
As outras são pela patria  
Está pela natureza.

Tomára que visse a gente  
Como nãnhã dança aqui ;  
Talvez que o seu coração  
Tivesse mestre dali.

Ai companheiro  
Não será ou sim será  
O geitinho é brasileiro.

Uns olhos assim voltados  
Cabeça inclinada assim,  
Os passinhos assim dados  
Que vem entender com mim.

Ai affecto  
Lundum entendeu com eu  
A gente está bem quieto.

Um lavar em seco a roupa  
Um saltinho cahe não cahe ;  
O coração brasileiro  
A seus pés cahindo vai.

Ai esperanças  
E' nas chulices di lá  
Mas é de cá nas mudanças.

Este Lundum me dá vida  
Quando o vejo assim dançar ;  
Mas temo se continúa  
Que Lundum me ha de matar.

Ai lembrança  
Amor me trouxe o Lundum  
Para metter-me na dança.

Nhanhã faz um pé de banco  
Com seus quindins, seus popôs,  
Tinha lançado os seus laços  
Aperta assim mais os nós.

Oh ! doçura  
As lobedas de nhandã  
Apertam minha ternura.

Logo que nhandã sahio  
Logo que nhandã dançou,  
O cravo que tinha ao peito  
Envergonhado murchou..

Ai que peito  
Se quizer flores bem novas  
Aqui tem amor perfeito.

Pois segue as danças di lá  
Os di lá deve querer;  
E se tem di lá melindres  
Nunca tenha malmequer.

Ai delirio  
Ella semêa saudades  
De encherto no meu martyrio.

---

## A CURIOSIDADE

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Eu vi, eu vi (não é graça ! )  
De certo lugar occulto,  
Em um corpo duas almas,  
De dous corpos um só vulto.

O caso é bom,  
Quero contar;  
Porém chiton !...

Fui chegando pouco a pouco,  
E ouvi sem ser sentido  
Entre reciprocos mimos  
Um soluçar repetido.

O caso é bom,  
Quero contar ;  
Porém chiton !...

Appliquei mais os sentidos  
E ouvi (se bem me occorre)  
Uns me deixes de quem ama,  
Um soluçar de quem morre.

O caso é bom,  
Quero contar ;  
Porém chiton !...

Já em ancias gaguejando  
Disse um, vendo-me á porta .  
« — Vê que lá... lá. vem gente ! »  
O outro : « Que... que... m'importa ! »

O caso é bom,  
Quero contar ;  
Porém chiton !...

Em laços, que amor urdia,  
Ambos presos divisei ;  
O que fallavam ouvi ;  
O que faziam não sei.

O caso é bom,  
Quero contar ;  
Porém chiton !...

## EU VI UM ROSTO

Eu vi um rosto tão singello e bello  
 C'um sorriso liso,  
 Que ninguem comprehende ;  
 Vi-lhe na fronte essa candura escura  
 Que arreбата e mata  
 Mas que não se entende.

Eu vi uns olhos pensativos, vivos  
 Que em fitando brando  
 Ficam côm de vinho ;  
 E a linda boca—Oh quando a fecha, deixa  
 Dois valentes dentes de guarda ao focinho !

Oh ! linda imagem, que m'inflamas, se amas,  
 Como eu creio e leio nesse olhar travesso,  
 Deixa que eu pense quanto doce fosse,  
 Que me desses desses beijos que eu te peço.

---

 VIVA O ZÉ-PEREIRA

POESIA DE F. C. VASQUES

*E viva o ze-Pereira  
 Pois que a ninguem faz mal !  
 E viva a bebedeira  
 Nos dias de carnaval.  
 Zim, balala ! Zim balala !  
 E viva o carnaval !*

Uma tarde passeando  
La na rua do sabão  
Eu fiquei sem meu chapeo  
Por causa da viração.  
Eu não sinto o meu chapeo  
Nem que isto me aconteça,  
Sinto só deixar com elle  
A minha pobre cabeça.

*E viva, etc.*

Uma vez brincava eu  
Com dois caroças de mangas,  
E em casa sem querer  
De vidro parti as mangas.  
Fujo p'ra rua, que a velha  
Queria escovar-me o pó,  
E uma manga d'agua ensopa-me  
As mangas do paletot.

*E viva, etc.*

Uma vez em certo hotel  
Uma tainha eu comia,  
Que o sujeito afiançava  
Ser *pescada* n'esse dia.  
*Cuca* o dinheiro da gente  
Com ella faz sua dita.  
Sendo as vezes essas *casas*  
*Escassas* varas de chita.

*E viva, etc.*

Pois bem, meu pae, eu ca fico  
 De sua *fazenda* guarda,  
 Mas como eu' *administra*  
 Quero já ter uma farda.  
 Isso até não se *pregunta*  
 Tendo o negocio na mão,  
 Eu havia de ter *pasta*  
 Da *fazenda do algodão*.

*E viva, etc.*

Vocês são uns idiotas  
 Em pensar que eu subo a serra,  
 Mas eu vou então provar-lhes  
 Como dou com tudo em terra!  
 Hei de dansar um can-can,  
 Que hade levar tudo a breca!  
 Embora que vocês gritem  
 — Oh Perereca! Oh Perereca!

*E viva a Perereca*  
*Pois que a ninguem faz mal,*  
*Sem agua na caneca,*  
*Nos dias de carnaval.*

O Ze-Pereira no carnaval  
 Pode o *Zabumba* rebentar,  
 Mas depois d'esta folia  
 Outros lhe tomar o lugar.  
 Sem *mascaras* percorrem *elles*  
 As ruas d'esta cidade,

Arrebentando sem malho  
A pelle da humanidade.

*E viva o Ze-Pereira, etc.*

O auctor manda pedir  
Um pouco de paciencia,  
Mais do que nunca precisa  
Toda vossa intelligencia !  
Deem palmas e desculpem  
Este trabalho grutesco  
Que devem se chamar  
*Les Pompiers de Nanterre.*

*E viva o Ze-Pereira.*

---

## A SERRANA

POESIA DE JUVENAL GALLENDO

— Formosa serrana,  
De rosto fagueiro,  
Porque tu me queres  
La juncto ao terreiro?...

— Eu quero que vejas  
Medir meu café.

— Vae, mede sozinha,  
Me diz quanto é.

— Ai, não, tenho medo,  
De brigas até...

— Senhor, venha logo  
Medir meu café.

— Acaso algum dia  
De ti duvidei?...

— Receio os enganos,  
Não posso... não sei...

— És muito teimosa

— Teimoso quem é?...  
Senhor venha logo  
Medir meu café.

— Pois bem, não precisa  
Que ralhes comigo,  
Eu vou ao terreiro,  
Serrana contigo.

— Ai péza o meu cesto,  
Me ajude, senhor !...

— Que dizes serrana !...

— Eu peço um favor...

— Chegamos, agora,  
Formosa innocente...

— Enchi a medida,  
Em seu rol assente.

— Oh! falta inda muito,  
Assim me enganaes!

— Senhor o que é isto?  
Alli tem de mais!...

— Serrana, o que dizes,  
E' falso, não vejo:  
Se queres que assente,  
Completa co'um beijo.

— Não posso, pois nunca  
Tiveste-me amor...

— Ingrata não fujas!

— Mi largue, senhor!...

— Não cores, serrana,  
Co'a cor de café.

— Teus braços m'apertão  
Co'a força do *imbé*!

— Tu és minha aurora,  
Tu és meu feitiço!

— Ficar não querias?...

— Entenda eu lá isso!

— Pois bem no affecto  
Promette-me fé.

— Adeus, que vem gente  
Medir o café

E foi-se a serrana,  
Correndo faceira,  
Deixando—quem sabe? —  
Paixão feiticeira  
No moço, que scisma  
Do pé sobre a *eira*.

---

## FUJAMOS

POESIA DE BRUNO SEABRA

Fujamos! minhas florestas  
Tem mais risos, tem mais festas  
Que as salas do cortezão;  
Querida, vamos querida,  
Viver toda a nossa vida  
Das florestas no sertão!

Ali não reina a mentira,  
Não tem vassalo o Tymbira  
Que todo o Tymbira é rei;  
Nos reinos dos sertanejes  
As leis se escrevem com beijos,  
Liberdade—é nossa lei.

Ao lar da nossa choupana  
Tu seras como a sultana,  
Eu serei como o sultão;

Querida, vamos querida,  
Viver toda a nossa vida  
Das florestas no sertão!

O nosso leito de amores  
Será de grammas, e flores  
Perfumozas—de umery,  
Que bem dormirás querida,  
Alli— sorrindo com a vida,  
Nos braços do teu pery!

Fujamos !... no sol da côrte  
Ha sempre raios de morte,  
Ha sempre luz de traição!  
La dos sertões na floresta  
O sol as flores não cresta.  
Nunca mente o coração!

Fujamos !. . vamos querida,  
Viver longe a nossa vida,  
D'esta vida cortezan ;  
No regaço da ventura  
Aonde as leis da impostura  
Não dão leis—as de Tupan!

---

## TEU CORPINHO BRAZILEIRO

## LUNDU'

Gentil Marilia, belleza,  
Graça, meiguice, candura,  
Só na tua formosura  
Esgotou a natureza.  
Nos quindins, na gentileza  
Tu tens o lugar primeiro,  
Tudo que ha lisongeiro  
Que attrahe e qu'inspira amor,  
Reune para mais primor  
*Teu corpinho brasileiro!*

Tu tens tanta perfeição,  
São taes teus dotes divinos,  
Que os mesmos brutos ferinos,  
Te rendem adoração:  
Jove, a fulminante mão  
Com que abraza o mundo inteiro,  
Suspende qual sebranceiro  
Quando vê, em ti, meu bem,  
Brilhar os dotes que tem  
*Teu corpinho brasileiro!*

Que vezes ao som da lyra  
Uno teu nome de amor,  
Dedicando em teu louvor  
Quanto minh'alma respira!  
O meu coração suspira

Em ver teu rosto fagueiro,  
Teu rostinho feiticeiro  
Que aos mortaes faz dura guerra,  
Delicias de amor encerra  
*Teu corpinho brasileiro!*

Mil dons que a fortuna cria,  
Pejados cofres de ouro ;  
O mais sublime thesouro,  
Mesmo o throno, a monarchia,  
Por ti tudo eu deixaria :  
Deixaria o mundo inteiro  
Se á meu amor verdadeiro  
Désse ouvidos o meu bem,  
Disso tudo que em si tem  
*Teu corpinho brasileiro!*

---

## OS VADIOS

Graças aos cèos, de vadios  
As ruas limpas estão,  
E cheia delles a casa  
Chamada de correcção.

*Já foi-se o tempo  
De mendigar ;  
Fóra vadios,  
Vão trabalhar!*

Senhor chefe da policia,  
 Tem a nossa gratidão ;  
 Por mandar esses vadios  
 P'ra casa de correcção.

*Ja foi-se, etc.*

Bem exacto, sois senhor,  
 Por essa deliberação,  
 Pois muita gente merece  
 A casa de correcção.

*Ja foi-se, etc.*

## SÃO PROGRESSOS DA NAÇÃO

POESIA DE PORTO ALEGRE, MUSICA DE CANDIDO  
 IGNACIO DA SILVA

Lá no largo da Sé Velha,  
 Se vê um longo tutú ;  
 N'uma gaiola de ferro  
 Chamado *surucucú*.

Cobra feroz  
 Que tudo ataca ;  
 Té d'algibeira  
 Tira a pataca.

*Bravo da especulação  
 São progressos da nação.*

Elephantes berrões,  
Cavallos em rodopios,  
N'um curro perto d'Ajuda  
Com macacos e bugios.

Tudo se vê,  
Misericordia !  
Só por dinheiro  
Ha tal mixordia.

*Bravo, etc.*

Garatujas mal cortadas,  
Cosmoramas treplicados,  
Fazem vermos toda a Europa  
Por vidrinhos mal pintados.

Roma, Veneza,  
Londres, Pariz,  
Tudo se chega  
Cá ao nariz.

*Bravo, etc.*

Os estrangeiros dão bailes  
A regalar o Brazil ;  
Mas a rua do Ouvidor  
E' de dinheiro um funil.

Lindas modinhas,  
Vindas de França,

Nossos vintens  
Lá vão na dança.

*Bravo, etc.*

Agua em pedra vem do Norte  
P'ra sorvetes fabricar;  
De que nos servem os cobrinhos  
Sem a gente refrescar?

A pitanguinha,  
Cajú, cajá,  
Na guela fazem  
Taratatá!

*Bravo, etc.*

---

## UM MOXOXO DE YAYA'

MUSICA DE RAPHAEL MACHADO

Mais gostoso que o quibêbe,  
Que o zorô, que o vatapá,  
E'—dado com certa graça,  
Um moxôxo de yayá.

*Fingindo desdem,  
Com certo quindim,  
Puxando os beicinhos  
Ella faz assim...*

E' quitute brasileiro  
De comer e fazer—tá!  
Temperado com arrufos  
Um moxôxo de yayá.

*Fingindo, etc.*

Se é bello o amargosinho  
Que tem o fresco aluá,  
Tem mais gosto que azedume  
Um moxôxo de yayá.

*Fingindo, etc.*

Excede até mesmo ao gosto  
Do melado com cará,  
O gosto, o sabor que tem  
Um moxôxo de yayá.

*Fingindo, etc.*

Doce é elle, inda mais doce  
Do que o doce de araçá,  
A tudo excede em doçura  
Um moxôxo de yayá.

*Fingindo, etc.*

Se acaso está zangadinha,  
Querendo á força ser má,  
Provocado è de matar  
Um moxôxo de yayá.

*Fingindo, etc.*

## LEILÃO

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Mandou-me Amor que puzesse  
Em praça o meu coração ;  
Venham meninas depressa,  
Que principia o leilão.

*Tenho o coração em praça  
Amor me manda vender,  
Arremata-o quem mais der.*

Elle disse que valia  
Certa somnia de finezas,  
Que era traste muito proprio  
Para servir a bellezas.

*Tenho, etc.*

Lançou-lhe uns olhos Nerina  
Uns olhos que não têm preço,  
Venham outros se ha melhores  
Senão a ella o offereço.

*Tenho, etc.*

Não cuidem que tem Nerina  
De graça o meu coração,  
Dou-lh'o por seus olhos bellos  
Venham vel-os e verão.

*Tenho, etc.*

E' por preço de ternuras  
 Que o meu coração darei,  
 Quem mais faz mais o merece  
 Já o preço estipulei.

*Tenho, etc.*

Eu recebo de Nerina  
 De ternura mil signaes,  
 Vou a dar-lhe o coração  
 Se não ha quem lance mais.

*Tenho, etc.*

## NÃO HA QUEM AME, SEM TER CIUME

Meu amor é mais constante  
 Mais constante que ninguem,  
 Só comigo ella reparte  
 Os apuros que amor tem !

*Secca a belleza,  
 Murcha o queixume  
 Não ha quem ame  
 Sem ter ciume.*

Eu amo sómente a ella  
 Ella me ama tambem,  
 Só comigo ella reparte  
 Os apuros que amor tem.

*Secca, etc.*

## MENINA, PORQUE RAZAO?

— Menina porque razão  
 Eu passo, sahes da janella?  
 — E' quando vou na cozinha  
 Botar fogo na panella...

*Castiga, castiga  
 Seu bem aqui'stá;  
 Quem delle não gosta  
 De quem gostará?*

— Menina porque razão  
 Quando passo não diz—entre?  
 — Ora, senhor, vá andando  
 De comportas, 'stou sciente...

*Castiga, etc.*

— Menina, se eu não sou bicho,  
 Se eu sou creatura humana...  
 — Ora, meu caro, outro officio  
 Com comportas não m'engana.

*Castiga, etc.*

— Menina tenho um vestido  
 Mui chique pr'a lhe trazer...  
 — Ora qual! diz o dictado  
 Que no ver está o crer!...

*Castiga, etc.*

## BORBOLETA

Meninas ha que me chamam  
Borboleta e beija-flor,  
Porque dizem que eu a todas  
Faço protestos de amor.

*Como se enganam  
Em tal pensar,  
Jonia que diga  
Se eu sei amar.*

Porque olho com ternura  
A's vezes para uma bella,  
Me julgam sem mais nem menss  
Apaixonado por ella.

*Como, etc.*

Dizem que as moças todas  
Meus mimos e graças têm,  
Decidirão no seu jury  
Qu'eu não adoro a ninguem.

*Como, etc.*

Passa por certo entre ellas  
Que a minha amante paixão,  
Desfaz-se toda na lingua,  
Sem chegar ao coração.

*Como, etc.*

## SO' VOCÊ E' O MEU BEM!

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Menina minha menina  
Que tanta gracinha tem,  
Deixa lá fallar quem falla  
*Só você é o meu bem.*

Todos vêm o meu amor  
Todos minha paixão vêm,  
Nem é preciso que o diga  
*Só voce é o meu bem.*

Se a phrase do coração  
Você já conhece bem,  
Ouça que diz palpitando  
*Só voce é o meu bem,*

Regale-se o rico avaro  
C'os immensos bens que tem,  
Eu outros bens não desejo  
*Só voce é o meu bem.*

Creia-me minha menina  
Deixe as suspeitas que tem,  
E se é preciso eu lho juro  
*Só voce é o meu bem.*

Ponha a mão sobre esta minha  
Jure o que eu jurar tambem,

Eu por mim juro mil vezes  
*Só você é o meu bem.*

Quem tem uns olhos tão lindos ?  
Tão linda boca quem tem ?  
Se você tem taes bellezas  
*Só voce é o meu bem.*

Nada me importam as graças  
Que as outras meninas tem,  
As outras são bens dos outros  
*Só voce é o meu bem.*

Arminda, escute um segredo,  
Que não nos ouça ninguém :  
Com as outras tudo é brinco,  
*Só você é o meu bem.*

---

## AQUI ESTA' QUE TODO E' TEU

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Meu bem, o meu nascimento  
Não foi como elle nasceu ;  
Qu'eu nasci com coração,  
*Aqu' stá que todo é teu.*

Apenas a minha vista  
De ti noticia lhe deu,

Logo elle quiz pertencer-te  
*Aqui'stá que todo é teu.*

Bebendo a luz dos teus olhos.  
Nella um veneno bebeu ;  
E' veneno que captiva  
*Aqui'está que todo é teu.*

Elle em signal do seu gosto.  
Pulou no peito e bateu ;  
Vem vê-lo como palpita  
*Aqui'stá que todo é teu.*

Para ser teu nhandásinha  
Não deixa nada de meu,  
Té o proprio coração  
*Aqui'stá que todo é teu.*

Se não tens mais quem te sirva.  
O teu moleque sou eu,  
Chegadinho do Brazil  
*Aqui'stá que todo é teu.*

Eu era da natureza  
Ella o amor me vendeu ;  
Foi para dar-te um escravo  
*Aqui'stá que todo é teu.*

Quando amor me viu rendido  
Logo o coração te deu ;

Disse menina recebe  
*Aqui'stá que todo é teu.*

Unidos os corações  
Deve andar o meu c'o teu ;  
Dá-me o teu, o meu 'stá prompto  
*Aqui'stá que todo é teu.*

---

## A NEGRINHA

POESIA DO DR. QUEIROGA, MUSIGA DE ?...

Meu branquinho feiticeiro,  
Doce yó-yó, bom irmão,  
Adoro teu captiveiro,  
Branquinho do coração.

Pois tu chamas de irmanzinha  
A' tua pobre negrinha  
Que estremece de prazer ;  
E vais pescar á tardinha  
Mandy, piáu e corvina  
Para a negrinha comer.

Meu branquinho feiticeiro,  
Doce yó-yó, bom irmão,  
Adoro teu captiveiro,  
Branquinho do coração.

Teus cabellos tão macios  
São de seda os fios ;  
Quando nelles passo a mão  
O corpo todo me treme,  
E dentro do peito geme  
Com zelos meu coração.

Meu branquinho feiticeiro,  
Doce yó-yó, bom irmão,  
Adoro teu captiveiro,  
Branquinho do coração.

Tua boca é mais cheirosa  
Que lá do meu Congro a rosa,  
Mais doce que o jataby ;  
Se lá estivesse agora,  
Se lá estivesse agora,  
Os meus prazeres d'outr'ora  
Deixára todos por ti.

Meu branquinho feiticeiro,  
Doce yó-yó, bom irmão,  
Adoro teu captiveiro,  
Branquinho do coração.

Branquinho do coração.  
Toda a noite, todo o dia  
Ah ! sempre, sempre eu queria  
Estar só a te abraçar ;  
Nem ha nada neste mundo

Que seja doce e jocundo  
Como teus lábios beijar.

Meu branquinho feiticeiro,  
Doce yó-yó, bom irmão,  
Adoro teu captiveiro,  
Branquinho do coração.

Tu nunca deste pancada  
Em tua negrinha amada,  
Nunca, nem um beliscão;  
Quando eu digo que te amo  
E meu bemzinho te chamo  
Tu me escutas com paixão.

Meu branquinho feiticeiro,  
Doce yó-yó, bom irmão,  
Adoro teu captiveiro,  
Branquinho do coração.

De amores eu fico louca  
Quando a tua linda boca  
Doce me diz : « Vem, né-ne,  
« Assenta ahi nesse estrado :  
« Eu estou muito cansado,  
« Vem me dar um cafuné.

Meu branquinho feiticeiro,  
Doce yó-yó, bom irmão,  
Adoro teu captiveiro,  
Branquinho do coração.

E lá pela madrugada  
 Quando o somno mais agrada  
 Ao ouvido me vens dizer :  
 « Negrinha fica deitada  
 « Que está fazendo geada,  
 « Dorme até o sol nascer. »

Meu branquinho feiticeiro,  
 Doce yó-yó, bom irmão,  
 Adoro teu captiveiro,  
 Branquinho do coração.

De manhã vais caçar paca  
 Lá no corgo da resacca,  
 Trazes paca e tymboré ;  
 Voltando já á noitinha  
 Tu vens comer co'a negrinha  
 Quitute no caboré.

Meu branquinho feiticeiro,  
 Doce yó-yó, bom irmão,  
 Adoro teu captiveiro,  
 Branquinho do coração.

---

A UMAS PERPETUAS DADAS POR UMA  
 PERPETUA

Meu raminho de perpetuas,  
 Se és perpetuo toda a vida,

Faze que seja perpetua  
A minha Perpetua q'rida.

No viver tu és perpetuo,  
Eu perpetuo no amor ;  
Tens perpetua rescendencia,  
Eu perpetua a minha dôr.

Ai, Perpetua, amo as perpetuas  
Só pela perpetuidade,  
Mas não quizera Perpetua  
Minha perpetua saudade.

---

## QUER SER COMMENDADEIRA DA ORDEM DA CREAÇÃO

POESIA DE XAVIER DE NOVAES, MUSICA DE SOLLER.

Meu pai tenha paciencia,  
Mande sangrar a algibeira :  
Preciso de uma *Excellencia*,  
Quero ser commendadeira.  
Deos não quiz fazer sómente  
Do mundo os homens senhores ;  
Nós apenas somos gente,  
Elles são commendadores.

Isto, papai, não tem geito,  
Não vai bem o mundo assim ;

Tanta falta de respeito  
 E' mister que tenha fim :  
 Tem papai quatro commendas,  
 E vejo-o sempre em contendas  
 Porque'um visinho tem seis ;  
 E sua filha, coitada,  
 Não tem commenda nem nada,  
 Por causa de trinta reis !

Eu já sei que o papai trata  
 De casar-me, e é bem preciso ;  
 Mas assim, tão lisa e chata,  
 Só marido chato e liso.  
 Eu tenho *nobreza* em saias,  
 E nas calças tenho *renda* ;  
 Faltão no dote as alfaias,  
 E é rica alfaiá a commenda.

Sou cantora d'alta monta,  
 No piano sem rival ;  
 Canta o *Orpheo* ponta a ponta  
 Tóco o hymno nacional ;  
 Sem picar as mãos na agulha,  
 Na educação faço bulha,  
 Tudo que é bello aprendi :  
 Estudando as linguas vivas,  
 Domino-os como captivas,  
 Digo já, — *yess e oui* !

Commendas não se consommem,  
 Riquezas botão-se fóra— :

E commendador e homem  
 São synonymos agora,  
 De Deos a lei nos insina  
 Dos dous sexos a tendencia,  
 Commenda só masculina  
 Não pode ter descendencia.

Se um rasgo de bom juizo  
 Commenda macha nos deu,  
 Commenda femea á precisa,  
 Que propaga o que nasceu.  
 Mando assim a natureza:  
 O marquez tem marqueza,  
 Tem baroneza o barão,  
 Seja nobre a terra inteira:  
 Quero ser commandadeira,  
 Da *Ordem da Creação*.

---

## A QUITANDEIRA BAHIANA

Meu querido iôyôsinho  
 Eu sou filha da Bahia,  
 Porque passa sem comprar,  
 Um figo, uma melancia?

Porque yôyò quando passa  
 Os olhos quebra p'ra mim?  
 Olhe, iô-iò, p'ra quebranto  
 Tenho figa de marfim!

Iôyô me compre esta fructa  
Do meu lindo taboleiro ;  
Pegue n'ella meu yôyô,  
Pegue ande, tome o cheiro.

Manga é quasi sem caroço  
Que iôyô ha de chupar....  
Porem tambem se quizer  
Muito caro ha de pagar...

Veja como está madura,  
Bonitinha avermelhada...  
*E' escorregar com os cobres,*  
*E dê lá sua dentada.*

Então gostou, meu yôyô?  
Isso mesmo eu lhe dizia,  
Já vê que fructas gostosas  
São as que vem da Bahia.

---

É TÃO BOM, NÃO DOE NEM NADA.

LUNDU'

Minha doce yayásinha  
Quando está toda enfadada  
Dá pancadinhas na gente...  
E' tão bom, não dóe, nem nada.

Gosto della só por isso,  
Que a pancada tem feitiço.

A's vezes bulo com ella  
Para vél-a amofinada,  
Me dá, me pucha os cabellas  
E' tão bom, não dóe, nem nada.

Gosto della só por isso  
Que o enfado tem feitiço.

Hontem brincando comigo  
Me pregou uma dentada,  
Exclamei, mesmo ferido,  
E' tão bom, não dóe, nem nada.

Gosto della só por isso,  
Que a dentada tem feitiço.

Um dia dando-lhe um beijo  
Pôz-me a lingua ensanguentada,  
Então me rindo lhe disse —  
E' tão bom, não dóe, nem nada.

Gosto della só por isso.  
Que seus modos tem feitiço.

---

## MINHA TERRA TEM PALMEIRAS

PARODIA DA CANÇÃO DE GONÇALVES DIAS

*Minha terra tem palmeiras*  
*Onde canta o saviã,*  
Macacos e bananeiras,  
Papagaios, boitatá ;  
E' terra de feiticeiras  
A terra do geribá ;

Mas também tem mais *cositas*  
Que o vate não quiz cantar ;  
Além das moças bonitas  
Que adrede quiz olvidar :  
Tem novellas exquisitas.  
Que ha de a historia rabiscar.

Minha terra tem cantores  
De imaginação fogosa,  
Que só cantão vãos amores  
Que é molestia lacrimosa,  
Esquecendo-se e entre as flores  
Do gaiato Juca-Rosa !

Minha terra é justiceira  
E protectora do pobre ;  
Quando vê que ha ladroeira  
No seu novo, Augusto cobre  
Indaga-se a brincadeira  
Foi lembrança de algum nobre !

Boa terra, eu te bemdigo  
 Na sombra dos meus coqueiros,  
 Mas quero ver se comsigo  
 Voto de alguns fazendeiros  
 Para dar fundo commigo  
 Nos profundos estaleiros.

Não fallo desse estaleiro  
 Onde se bate a moeda,  
 Onde se funde o dinheiro  
 Que salva os bancos da quêda,  
 Quando não tem padroeiro  
 Que desse golpe os arreda.

Ah ! Não, que eu tenho a mão grossa  
 E o azinhavre nodôa  
 A quem do pouco se apossa  
 E deixa o melhor atôa,  
 Só por pensar que uma cóssea  
 Nãc ha de ser cousa bôa !

Fallo da casa onde a gente  
 Já vive jmais descansado,  
 Onde as leis annualmente  
 Quasi sempre *orção* de lado,  
 Fallo, emfim, do immortal ente  
 A quem chamamos senado.

Ah ! se eu me apanhasse estendido  
 Naquellas fofas cadeiras,

A ler da historia de Dido  
As anedotas guerreiras,  
E do futuro esquecido  
Passar semanas inteiras !...

Mas... não, que se eu pretendesse,  
Dormindo ao leme do Estado,  
Esperar que a onda viesse  
Com o vento de braço dado  
Levar-me o barco e a mésse  
Que eu nelle tinha guardado.

Eu não sei o que seria  
Do meu orgulho, por Deus :  
Qual Quinto Carlos iria  
Sepultar os dias meus  
Entre os frades e ouviria  
Por minha alma os cantos seus !

Safa ! Não quero : essa graça  
E' só capaz de matar ;  
Meus versos nem por chalaça  
Querem tal cousa provar.  
Por não ouvir pela praça :  
— Lá vai elle !—Perfilar !

Se eu fosse rico e barão  
Na terra dos capoeiras,  
Que me importava o pregão  
Dessas folhas *jarnaleiras*,

Se para ser-se ladrão  
Não bastam provas ligeiras ?

Na terra de Casimiro  
*Onde canta o sabiá*  
E' eloquente o suspiro  
De uma morena yayá,  
Por quem eu pasmo e deliro  
*Co'as flores no samburá!*

Ora adeus, terra de flores,  
De *Rosas* e manos Jucas,  
De Jucas Rosas, e amores  
Caçados em urupucas,  
E' melhor ser, meus senhores,  
Filho (ou genro) das Molucas !

Alli não ha figurões,  
Que com honras na *casaca*  
Deixem os seus corações,  
Frios quaes folhas de faca,  
Vender-se pelos balcões  
Como toucinho em bruaca !

Na terra de Magalhães,  
Que o Corso audaz decantou,  
Atam pedras, soltam cães  
Contra aquelle que engeitou  
Dos talentos charlatães  
A sciencia que os formou !

Onde nasceu Bonifacio  
 E viverão Souza e Ledo  
 Ha mais heróes que o de Ajáccio,  
 Que morreu sobre um rochedo :  
 Ha de pé inda um horacio  
 De penna em punho—é Macedo !

Ha praga de mais viscondes  
 Que os gafanhotos no Egypto,  
 Pernas quebradas por bonds,  
 E tu, *Capadocio* afflicto,  
 Que no theatro te escondes  
 Sendo lá mesmo maldito !

Ha uma briga incessante  
 Entre maçons e o prelado,  
 Que faz lembrar o massante  
 Xarope do bosque amado,  
 Que fez o papel farçante  
 De um menino malcriado !

Ha no jornal mil mofinas  
 Sempre de cá para lá,  
 Recadinhos ás meninas  
 E as respostas da sinhá  
 'Terra de auroras divinas  
*Onde canta o sabià !*

Ha das selvas na avenida  
 A sentinella perdida  
 Das nossas raças gentis,

Que fallão á alma dos bosques  
Como o chim nos seus kiosques  
A lingua dos Guaranys !

O retratista inspirado  
Á voz do cantor alado,  
Que se emballa ao manacá,  
E que de graça suprema  
Enche os olhos de *Iracema*  
Com os raios de Tupá !

Ha tambem sobre os outeiros,  
Ás vezes, taes nevoeiros,  
Que parece terra ingleza :  
E lá no Sul faz *um* frio.  
Que parece dous no *rio*,  
Que creou *Anna Thereza* !

Ao Norte faz *um* calor  
Como caldeiras a vapor  
Nos intestinos do inferno ;  
Só o que paga taes penas  
São certas *caras* morenas  
De olhos negros, riso eterno !

Qual foi a côr primitiva  
Daquelles olhos, que em viva  
Creação hoje nós vemos,  
Eu não sei, mas tão tafúes  
São para mim os azues  
Como os *pardos*... leva remos !

Como os pardos, eu dizia,  
 Ou como os *verdes*, que um dia  
 Roubão do gato a viveza,  
 E que electricos ferindo  
 C'os *amarellos* vão indo  
 Para a *nacional* grandeza!

Em narizes não fallamos,  
 Porque os moldes que encontramos  
 De que terra são não sei:  
 Ha nariz de toda a marca  
 Desde o que serve ao monarcha,  
 Até um que é *quasi-rei*.

Talvez na Babel de agora  
 Em vez da lingua, que outr'ora  
 Se trocou fosse o nariz,  
 Que dos tucanos a raça  
 Mandasse vir por chalaça  
 Para os homens—de Paris!

Nas terras do Ybiticuára  
 Onde espalma azas a arara  
 Couse pasmosa eu ja vi,  
 É que a cabeça do moço  
 Sempre em cima do pescoço  
 Não se desloca d'alli.  
 Nas mulheres... psio! Caluda!...

( Esta boa linguaruda  
 Ia mettendo-me a pique! )

Não quero que o namorada,  
« Meiga estrella da alvorada »  
Faça della o seu debique !

Passa fóra ! ( a bossa -entende-se )  
Que a namorada ( comprehende-se )  
Não sou capaz de *enxotar* ;  
E' mais facil a um parente  
Para mandar de presente  
Seus *mimos* encaixotar !

Constão os taes de dez cartas  
De aromas mais do que fartas  
E o seu cabelo em trancinhas.  
O qual para não safar-se  
Do peito onde foi plantar-se  
Vem preso a rubras fitinhas !

Quanta belleza de estylo !  
Eu não sei mesmo se aquillo  
Era discurso ou sermão :  
Tinha versinhos em prosa,  
Cuja syntaxe engenhosa  
Titillava ao coração.

E' uma gloria adorar-se  
Um *anjo* tal e casar-se  
Sem mais noticias... e cousas,  
Antes que o tempo das chuvas  
Amadureça estas uvas  
Na guella de outras rapozas.

## PADECIMENTO

POESIA DE A. J. DE SOUZA, MÚSICA DE A. L. DE  
MOURA

Mulata, tu és a causa  
De eu andar aos trambulhões,  
Levo chulipa—supapo,  
Cacholeta—pescoções.

Ando cégo—atoleimado,  
Dou nas portas narigadas,  
Babo-me todo, me esfollo,  
Me arranho—dou canelladas.

Tenho os olhos inflammados,  
A cara toda papuda,  
Bebo agua choca com bichos,  
Como barata cascuda.

Mulata, tu és a causa  
De eu tornar-me um lambasão ;  
Lambo o ranho do nariz,  
Dou cambalhotas no chão.

Tusso, espirro, escarro, cuspo,  
Mas me falta não sei que ;  
Bebo cana, masco fumo,  
Só de amores por você.

Mulata, minha mulata,  
De teu bem tem piedade,  
Fazer bem a quem padece  
E' virtude—é caridade.

Mulata, morrer por ti  
E' agora o meu officio,  
Ou dá a meu mal alivio  
Ou me manda para o Hospicio.

---

### MULATINHA DO CAROÇO

Mulatinha do caroço  
No pescoço,  
Eis aqui o teu cambão :  
Mette o ferro d'aguilhada,  
Minha amada,  
No teu dengue cachorrão.

Eu gosto da côr morena,  
Sempre amena,  
Que me prende e me arreбата ;  
Essa côr é da faceira,  
Feiticeira,  
Mulatinha que me mata.

Eu gosto dos olhos della,  
Quando ella  
Para mim os quer volver ;

Esses olhos melindrosos,  
Tão formosos,  
Dizem sim até morrer.

Não gosto da côr do lyrio,  
Que dilirio  
Vi causar já de repente:  
Nem tambem da côr saturna,  
Ou nocturna,  
Que o sepulchro traz patente.

Amo a côr que se colloca  
Na pipoca,  
Na parte que não rebenta :  
Essa côr, assim querida,  
E' conhecida  
Nos bollinhos de mãi Benta.

Ob ! que sim, por essa côr  
Do do meu amor,  
Me derreto e m'espatiso :  
Tenho febre, tenho frios,  
Calafrios,  
Tenho gosma tenho typho .

Fura, fura, minha bella,  
Na costella  
Do teu grato camafeu :  
Dar-te-hei o que puder,  
Se és mulher,  
Meu amor de ti nasceu.

Dar-te-hei o que quizeres,  
Se fizeres  
Quanto trago em minha mente ;  
Nos teus braços, meus cuidados,  
Oh ! peccados !...  
Vai-te embora, que vem gente !

---

## O SOLDADO E A COZINHEIRA

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA

— « Não fujas, ó minha bella,  
Attende a este meu rogo ;  
Sou soldado, ó cozinheira,  
Como tu gósto do fogo !

« Tu vives constantemente  
Junto ao teu cão e fogão ;  
Pois tambem minha arma antiga  
Tem seu fogão com seu cão.

« Tu entras em brava guerra  
Matas gallinhas, leitões ;  
Eu cá tambem metto a espada  
Em inteiros batalhões !

« Gostas do sangue, que corre,  
Não te causa nada horror ;

Assim também sou eu mesmo,  
Vejo o sangue sem pavor.

« Co'os mortos passas os dias  
Os teus bifes a bater ;  
Tambem bato os inimigos  
Para mil mortos fazer.

« O fogo é nosso elemento,  
Tu e eu somos de fogo ;  
Tu nasceste no Vesuvio,  
Eu nasci no Botafogo. »

---

## NÃO POLKAS ?

POESIA DE UMA NICTHEROHYENSE, MUSICA  
— OH ! QUE LINDA MOÇA !

Não polkas, Cazuza ?  
Ai ! vamos polkar ;  
Eu quero em meus braços  
Prender-te com laços .  
Eu quero correndo,  
Na polka me erguendo  
Comtigo sonhar !

Ai ! vamos, corramos  
E nada temamos  
No nosso polkar ;

Meu peito estremece :  
A' orchestra parece  
Que quer acabar !

A polka não cansa  
Ai ! vamor polkar...  
Eu quero correndo  
E tonto te vendo  
Dizer-te um segredo  
A furto... com medo,  
Depois me sentar.

Eu quero cançada  
Comtigo abraçada  
Dizer-te—meu bem—  
Eu quero mostrar-te  
Que só hei de amar-te  
A ti—mais ninguém.

No forte da polka  
Não fujas de mim...  
Não vês que enlouqueço,  
Por ti só estremeço ?  
Não fujas querido...  
Me tens entendido ?  
Não sejas assim !

Corramos, meu bem,  
Comigo ninguém  
Jámais polkará :

Sou tua e és meu...  
Por tudo que é teu,  
Sagrado que ha !

---

## A TERNURA BRAZILEIRA

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Não posso negar, não posso,  
Não posso por mais que queira,  
Que o meu coração se abraza  
*De ternura brasileira.*

Uma alma singella e rude  
Sempre foi mais verdadeira,  
A minha por isso é propria  
*De ternura brasileira.*

Lembra na ultima idade  
A paixão lá da primeira,  
Tenho nos ultimos dias.  
*A ternura brasileira.*

Vejo a carrancuda morte  
Ameigar sua vizeira,  
Por ver que ao matar-me estraga  
*A ternura brasileira.*

---

## NÃO TE RIAS OH MENINA

POESIA E MUSICA DO DR. J. M. NUNES GARCIA

Não te rias oh menina  
Que teu riso é venenoso,  
O maior dos teus agrados  
Me foi sempre suspeito.

*Vai-te, ó menina,  
Não te lamentes,  
Que bem conheço  
Como tu mentes.*

Emquanto por ti chorei  
Cruel foste p'ra comigo,  
Cançade d'amor sem fructo  
No silencio achei abrigo.

*Vai-te, etc.*

E' amor tão transitorio  
Que achei loucura amar,  
Pois se hoje amor dá risos  
Amanhã nos faz chorar.

*Vai-te, etc.*

Não procurei a ventura  
Mas emfim estou venturoso,

Regeitando teus agrados  
Eu me vejo mui ditoso.

*Vai-te, etc.*

E' das bellas regeitado  
Quem lhes não captiva a alma,  
Mas eu qu'as bellas regeito  
De amante não quero a palma.

*Vai-te, etc.*

## A LAVADEIRA

POESIA DE M. M., MUSIGA DE ARVELLOS

Neste mundo a lavadeira  
Não póde ter coração,  
Seus amores devem ser  
A gamella e o sabão.

*Yôyo me desculpe  
Não seja teimoso,  
Quem é que recusa  
Namoro rendoso,*

O meu lindo estudantinho  
Se não tem roupa lavada ;  
Diz que foi ver freguezia  
Por entre a raprziada.

*Yôyô, etc.*

Mas se as vezes eu encontro  
Mocinhos apatacados,  
Não lhes hei de dar com gosto.  
Os botões mais bem pregados.

*Yôyô, etc.*

Então sim, lá mesmo á casa.  
A roupa lhe vou buscar ;  
Elles dão-me em tróca disso,  
O dobro se a fôr levar.

*Yôyô, etc.*

Assim vou passando a vida  
Suave como ninguem,  
Pois desses moços assim  
A roupa nem sujo tem.

*Yôyô, etc.*

E affirmo que apezar  
De não ser má lavadeira,  
Vale mais o meu sabão,  
Que a gomma da engommadeira.

*Yôyô, etc.*

---

## DIGA, NHANHÃ SEREI FELIZ ?

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Nhanhã eu digo a você  
 Diga-me você a mim,  
 Estou morrendo de amor,  
 Estará você assim?

*Diga nhanhã  
 Serei feliz?  
 Eu tenho dito,  
 Você que diz?*

A's vezes não pode a boca  
 Tudo o qu'eu sinto dizer ;  
 Pãnho o coração nos olhos,  
 Pode alli nhanhã vir ver.

*Diga, etc.*

Ponha a mão sobre o meu peito  
 Porque as duvidas dissipe ;  
 Sentirá meu coração  
 Como bate tipe, tipe.

*Diga, etc.*

Não cuide nhanhã não cuide  
 Qu'ellø seja pequenino ,

E' mui grande, mas por medo  
Bate assim de vagarinho.

*Diga, etc.*

Se você quer animal-o,  
Verá que bate mais forte ;  
Qu'em você o consolando  
Hade bater d'outra sorte.

*Diga, etc.*

---

## FLOR DAS MATTAS

POESIA DE BRUNO SEABRA

Nos sertões, entre os verdores,  
Ha uma flor—entre as flores  
Que n'outras terras não ha ;  
A morena sertaneja,  
Que nas florestas viceja,  
Só nas florestas de lá.

No leito de flor das selvas,  
De folhas de murta e relvas  
Que brotam nos devezaes,  
As quentes sestras nas matas,  
Ao murmurar das cascatas,  
Dorme á sombra dos palmaes.

Embalada docemente,  
Pela brisa rescendente.  
Dos perfumes do sertão  
Na leve rede de pennas,  
Com saudosas cantilenas  
Acalenta o coração.

Ai! se a topa adormecida  
Na rede, ou relva florida,  
Esta caça—o caçador!  
Perde o rasto do galheiro,  
E vai cair prisioneiro  
No doce laço de amor!

Com fitas côr de *esperanças*  
Sertaneja prende as tranças  
Com que prende os corações ;  
A baunilha, o cravo, a rosa  
Ornam-lhe da fronte airosa  
As naturaes seducções.

E'-lhe a existencia—um festejo,  
Faz-lhe a floresta—cortejo,  
Dão-lhe flores—os vargeis ;  
Na choça,—seu regio paço,  
A rede é como um regaço  
De amores, fructos e méis!

Ai! sertões dos meus amores,  
Onde nasce entre os verdores  
A mais linda *manacá*,

A morena sertaneja,  
Que nas florestas viceja,  
Só nas florestas de lá !  
Quem me déra...

---

### SE O MEU BEM NUNCA MUDAR

Novos ares, novos climas  
Irei longe respirar,  
Lá mesmo serei ditoso  
*Se o meu bem nunca mudar.*

Esses mares solitarios  
Vou chorando transitar,  
Mas depois ver-me-hão alegre.  
*Se o meu bem nunca mudar.*

O riso que nos meus labios  
Viam constance pairar,  
Verão de novo raiando  
*Se o meu bem nunca mudar.*

Porém a ausencia me priva  
Ao della me separar,  
O prazer que hei de sentir  
*Se o meu bem nunca mudar.*

---

## AMOR DO BRAZIL

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA.

O amor que é cá do reino  
E' um amor caprichoso ;  
O do Brazil todo á doce  
E bem bom e bem gostoso.

*Gentes como isto  
Cá é temperado,  
Que sempre o favor  
Me sabe a salgado ;  
Nós lá no Brazil  
A nossa ternura  
A assucar nos sabe,  
Tem muito doçura,  
Oh ! se tem ! tem.  
Tem um mel mui saboroso.  
E' bem bom, é bem gostoso.*

Eu tremo se o meu bem vejo  
Enfadadinho e raivoso,  
Mas o momento das pazes  
E' bem bom e bem gostoso..

*Gentes, etc.*

Um certo volver dos olhos  
Inda um tanto desdenhoso,

No meio disto um suspiro  
E' bem bom e bem gostoso.

*Gentes, etc.*

Um dizer-me vá-se embora  
Com um adeos cicioso,  
E um apertinho de mão  
E' bem bom e bem gostoso.

*Gentes, etc.*

Um ir vêr-me da janella  
Com um modo curioso,  
E então assoar-se a tempo  
E' bem bom e bem gostoso.

*Gentes, etc.*

Um temer um ladrãozinho  
Que me assaltasse aleivoso,  
Bater-lhe por isso o peito  
E' bem bom e bem gostoso

*Gentes, etc.*

Ao moço que me acompanha  
Um perguntar cuidadoso,  
Um ai de desasustar-se  
E' bem bom e bem gostoso.

*Gentes, etc.*

Quando triste estou em casa  
A recordar-me saudoso,  
Um recadinho que chega  
E' bem bom e bem gostoso

*Gentes, etc.*

Um escripto em duas regras  
D'um modo mui amoroso,  
Um misturado de letras  
E' bem bom e bem gostoso.

*Gentes, etc.*

Vir a gente rebolindo  
Ao chamado imperioso  
Ouvir-lhe *apre inda não chega !*  
E' bem bom e bem gostoso.

*Gentes, etc.*

Chegar aos pès de nlanhã,  
Ouvir chamar preguiçoso,  
Levar um bofetãosinho,  
E' bem bom e bem gostosa.

*Gentes, etc.*

---

## O BANQUEIRO

MUSICA DE ALMEIDA CUNHA

O diabo da menina  
Comigo se enrabichou,  
De tal modo que por mim  
Um banqueiro abandonou.

Dava-lhe o rico banqueiro  
Seiscentos mil réis mensaes,  
Eu por dia dou-lhe cinco,  
E a menina pede mais.

Pede mais, mas não me deixa,  
Gosta mais do meu dinheiro,  
Acha mais gosto nas minhas  
Que nas notas do banqueiro.

Trata as minhas com apreço,  
Trata as delle com desdem ;  
Eu não sei, ella é quem sabe,  
As minhas que gosto têm.

O banqueiro é um labrego,  
Grosseiro por natureza,  
Talvez que as notas nem saiba  
Dar-lhe com delicadeza.

Elle dá notas mensaes,  
Eu dou as minhas por dia,

Com toda a delicadeza,  
Com toda a diplomacia.

As vezes eu dou-lhe as notas  
Com geitos e modos taes,  
Que em suspiros, dá-me em troca  
Ternas notas musicaes.

Feito o troco diz tomando  
A bolsa do meu dinheiro ;  
— « Quem é que troca essa bolsa  
Pelo banco de um banqueiro !

---

## O LADRÃO DO FRADEZINHO

O ladrão do fradezinho,  
Deu agora em confessor,  
Eu em confissão lhe disse,  
O' frade não quero amor.

Este amor não é meu,  
E' de Raphael,  
Quando Raphael fôr  
E' de quem quizer ;  
Aturai minhas raivas,  
Meus calundús,  
Apezar das cousinhas  
Que eu bem quizer,  
Ai ! me larga diabo,

Ai ! me solta demonio ;  
Diabo do frade !  
Que frade danado,  
Me solta os babados  
Meu bom Santo Antonio.

Elle um dia me encontrou  
Lá na rua do Ouvidor,  
Eu gritando lhe disse ;  
— Frade não quero teu amor.

*Este amor não é, etc.*

Frade se queres ter vicio  
Antes seja jogador,  
Vá encommendar defunctos  
Na igreja de S. Salvador.

*Este amor não é, etc.*

---

## O MEIRINHO E A POBRE

### DUETTO

*Meir.* — Olá, vamos sem demora  
P'ra casa da correcção ;  
Tanto pobre na cidade,  
Não está má vadiação.

*Pob.* — Veja bem, Sr. meirinho :  
Deste lado estou esquecida,  
Esta mão p'ra nada serve,  
Deste olho estou perdida,

*Meir.* — Minha pobre, não m'embaça,  
Póde muito bem servir,  
Inda moça reforçada,  
Deixe a vida de pedir.

*Pob.* — Como poderei viver,  
Sem esmolas dos fieis ?  
Sr. meirinho vá s'embora  
E me dê alguns dez-réis.

*Meir.* — Marche já minha devota,  
Tenho ordens apertadas ;  
Velhas, tontas, moças, tortas,  
Irão todas amarradas.

*Pob.* — Se me leva, senhorzinho,  
Muita casa o sentirá,  
Dos meninos que educo,  
Coitadinhos, que será ?

*Meir.* — Oh ! mulher, não sei que diz,  
Venha já para a prisão...

*Pob.* — Ah ! me deixe, senhorzinho,  
Qu'eu lhe dou meu coração.

*Ambos.* — Já que o amor assim nos prende,  
Da policia escapemos,  
Pois se desta nós zombamos  
Com amor os não podemos.

*Pob.* — Eu sou pobre, isso é verdade,  
Mas sou pobre mui fagueira,  
Sei dançar o miudinho,  
Sei puxar minha fieira.

O Brazil tem seus meirinhos  
Que nos prendem com ternura,  
Porque os moços brasileiros  
Tem feitiços, tem doçura.

*Meir.* — Tambem tem nesta cidade  
Pobrezinhas com desdem,  
Ellas fazem traquinadas  
Com artes não sei de quem.

Da justiça official  
Nem por isso sou marreco,  
Quando estendo minha gambiã  
Sou mais leve que um boneco.

*Ambos.* — Pois vivamos sempre juntos,  
Meirinhando com pobreza,  
Pois amor quando nos prende  
Não, não s'importa com riqueza.

---

## O' MEU BEM, SE VOCÊ VISSE...

LUNDU'

O' meu bem, se você visse  
 Meu coração como está ;  
 Verias que p'ra castigo  
 Teu rigor já basta já.

*Agora supplico  
 Soccorro perdão,  
 Pancadinhas assim  
 Não me de mais não.*

Yayazinha é d'aquellas  
 Que castiga sem ralhar ;  
 Dá pancadinhas na gente  
 Caiadinha sem fallar.

*Agora, etc.*

Yayazinha, por quem é.  
 Tenha dó do seu captivo,  
 Pois que de tanto chorar  
 Não sei como inda 'stá vivo.

*Agora, etc.*

---

## AONDE ESTA' O MEU BEM ?

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

O meu coração palpita  
Continuos pulos me dá ;  
Elle pergunta inquieto  
Aonde o meu bem está :

*E onde está o meu bem.*

Ao depois que eu não sei della  
Tambem de mim não sei já ;  
Voa amor, e vai saber  
Aonde o meu bem está :

*E onde, etc.*

O caminho que ella piza  
Aspro caminho será ;  
Vai amor espalhar flores  
Aonde o meu bem está :

*E onde, etc.*

O Sol c'os ardentes raios  
A terra alli queimarás  
Vai amor cobrir c'os as azas  
Aonde meu bem está :

*E onde, etc,*

Pelas desertas campinas  
O meu bem se assustará ;  
Leva esta alma destimida  
Aonde meu bem está :

*E onde, etc.*

De quem por ella suspira  
Talvez não se lembrará ;  
Leva amor os meus suspiros  
Aonde meu bem está :

*E onde, etc.*

A triste melancolia  
Tristemente a seguirá ;  
Leva amor doces prazeres  
Aonde meu bem está :

*E onde, etc.*

Que tempo estarei sem vê-la ?  
Dize, amor, quanto será ;  
Traze o meu bem, ou me leva  
Aonde o meu bem está :

*E onde, etc.*

---

## A MULATINHA E NHONHO

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA

— Onde vai, sinhá, tão chique ?  
Que bonita mulatinha !

— Nhonhô, não bula commigo,  
Deixe seguir quem caminha.

— Onde vai com tanta pressa  
Que não me deseja ouvir ?

— Vou à missa, como sempre,  
Deixe-me nhônô, seguir.

— Porque não dá-me um beijinho  
Que mate esse meu feitiço ?

— Oh gentes ! que moço este !  
Pois então eu cá sou disso ?

## A MARREQUINHA DE YAYÁ

POESIA DE PAULA BRITO, MUSICA DE F. M. DA SILVA

Os olhos namoradores  
Da engraçada ya-yázinha,  
Logo me fazem lembrar  
Sua bella marrequinha.

*Yayá, não teime,  
Solte a marreca,  
Se não eu morro  
Leva-me a breca.*

Se dançando a *brazileira*  
Quebra o corpo a *yayázinha*,  
Com ella brinca pulando  
Sua bella *marrequinha*.

*Yayá não, etc.*

Quem a vê terna e mimosa  
Pequenina e redondinha;  
Não diz que conserva presa  
Sua bella *marrequinha*.

*Yaya não, etc.*

Na margem da *Caqueirada*  
Não ha só bagre e tainha,  
Alli foi que ella creou  
Sua bella *marrequinha*.

*Yayá não, etc.*

Tanto tempo sem beber,  
Tão *jururú*... coitadinha...  
Quasi que morre de sêde  
Sua bella *marrequinha*.

*Yayá não, etc.*

---

## O PICA-PÁU ATREVIDO

(FADO MINEIRO)

Oh pico-pau atrevido,  
Atrevido pica-páu,  
Que anda de galho em galho  
Picando de páo em páo.

*Para aonde vai,  
De onde vem:  
Se você vai  
Eu vou também,  
Se você fica  
Adeus meu bem.*

A lagoa já seccou  
Onde a pomba ia beber ;  
Não se pode ter amor  
A quem não sabe agradecer

*Para onde, etc.*

Atrevido pica-páo  
Fez de um páo o seu tambor.  
Para tocar a alvarada  
Na porta do seu amor.

*Para onde, etc.*

---

## O PAI AVO

Pai avô era tão velho  
Que de velho caducou ;  
Se de velho não morresse,  
Era eterno o pai avô.

Quinhentos gallos de fama,  
E jamais nenhum cantou ;  
Isso por causa do ronco  
Do papo do pai avô.

Quinhentas braças de terra  
Todas no chão afundou,  
Sómente com o balanço  
Do andar do pai avô.

Quinhentas onças comerão  
O papo do pai avô ;  
As onças se enfastiarão  
E o papo ainda ficou.

Quinhentas peças de panno  
No leilão se arrematou,  
Todas p'ra fazer tirantes  
Dos calções do pai avô.

Quinhentas mil lavadeiras  
Certo dia se chamou.  
Para lavar a catinga  
Dos calções do pai avô.

## AMORES BRASILEIROS.

POESIA DO DR. QUEIROZ, MUSICA DE ?...

*Pelas cidades e mattas  
Ca do Brazil viajei.  
Morenas, alvas, mulatas  
Com ternos quindins amei.*

Não era por inconstante  
Isso não : era prudencia,  
Que as bellas têm genio errante  
Conheci por exp'riencia,  
E julguei qu'era melhor  
Fugi-las eu d'antemão,  
Que vê-las com tanto amor,  
Bem que tivessem razão.

*Pelas cidades e mattas, etc.*

A cortezã Carioca  
Tem amores exquisitos,  
Canta bem, e dança, e toca  
Com luxos e faniquitos ;  
Mas della Deus me defenda,  
Não gosto de hypocrisia ;  
Doce amor a amor se rende,  
Mas sem tanta cortezia.

*Pelas cidades e mattas, etc.*

Da Parahyba as meninas  
 Com pasteizinhos de nata,  
 E faceirices malinas  
 D'amores a gente mata :  
 « Porque não foi, como disse,  
 A' fonte do Tambyá,  
 « Preferio a golodice  
 « Lá da casa de yá- yá ? »

*Pelas cidades e mattas, etc.*

Mãosinhas e pés pequenos,  
 A tez de morbida alvura,  
 Languidos olhos serenos  
 A derramarem ternura,  
 A todas em mimo excede  
 N'á Tudinha de S. Paulo ;  
 E' houri de Mafamede,  
 Foi meu celeste regalo.

*Pelas cidades e mattas, etc.*

« Ai ! mecê já me não gosta,  
 « Custa tanto apparecer !  
 « Quer fazer comigo aposta  
 « Que novo amor já vai ter ? »  
 E como zangado eu fiquei  
 Dos dedos fórma um grupinho  
 Com denguiçe, e pudor chique  
 De lá me atira um beijinho.

*Pelas cidades e mattas, etc.*

Cahi em fim prisioneiro  
De sinhá mineira bella,  
Adoro seu captiveiro,  
Fiel serei sempre a ella.

*Pelas cidades e mattas, etc.*

A Bahiana dengosa,  
Com um sorriso brejeiro,  
Me dá garapa gostosa  
De que ella bebeu primeiro,  
E na esteirinha assentados  
Ao alvissimo luar  
De vatapá os bocados  
Na boca me vem botar.

*Pelas cidades e mattas, etc.*

Quantas delicias me deu  
Pernambucana yayá,  
Quando de mim se escondeu  
Nos banhos de Canxagá ?  
« Vamos p'ra casa priminho,  
Diz appressada a vestir-se;  
« Nesse banheiro vizinho  
« Tem gente que está a rir-se.

*Pelas cidades e mattas, etc.*

Minha lyra bandoleira  
Só por ella hei de tanger,

Mas com saudade fagueira  
De meu antigo viver.

*Pelas cidades e mattas, etc.*

---

## A SAIA-BALÃO

POESIA DE EMILIANO DA SILVEIRA

Petit-maitre, afasta, afasta  
Deixa passar o *balão*,  
Que quasi encalha nos beccos  
Nas tardes de viração.

Entre a gente de bom gosto  
E' geral a opinião,  
Não haver cousa mais linda  
Que as arcadas de um *balão*.

As damas de nossa terra  
Cada qual tem mais brasão,  
Quando se mettem no centro  
Das arcadas de um *balão*.

Já não se falla em anquinhas,  
Nem nas modas que lá vão,  
Porque não enfeitam tanto  
Como as saias a *balão*.

Se vemos a moça bella  
No andar varrer o chão,  
E' porque traz a vassoura  
Nas arcadas do *balão*.

Se a moça passa, garrida,  
Esbelta, sem ter senão,  
E' que os defeitos s'escondem  
Nas arcadas do *balão*.

O balão foi um progresso  
Da presente geração,  
Corrigem muitos defeitos  
As arcadas de um *balão*.

Torna gentil a disforme,  
Dá belleza e perfeição,  
Para tudo dão remedio  
As arcadas de um balão *balão*.

Os pobres pais de familias  
Achão boa esta invenção,  
Que em lugar de vinte saias  
Combram sómente um *balão*.

Já se diz lá pela Europa  
Que o proprio Napoleão  
Vai mandar armar as calças  
Com arcos—como o *balão*.

---

## CONTIGO SO POSSO EU

POESIA DE UMA FLUMINENSE, MUSICA · *Eu posso com  
mais alguém.*

Porque duvidas de mim?  
De um amor que é todo teu?  
Apre la com teus ciumes!  
*Comtigo só posso eu.*

Quem tam pouco confiança  
Na cabeça te metteu!  
Teus amôos não mereço;  
*Comtigo so posso eu.*

Taes duvidas bem mortificam  
O sincero peito meu;  
So eu posso supportar-te;  
*Comtigo so posso eu.*

Diz-me pois, meu amuado  
Esses zelos quem te deu?...  
Taes ciumes são denguices;  
*Comtigo so posso eu.*

Confia, meu bem, em mim  
N'um peito que é todo teu;  
Amor, ternura constancia  
Quem te consagra sou *eu.*

---

## QUALQUER MULHER QU'ENCONTRARES

Qualquer mulher qu'encontrares,  
 Seja bella, ou seja feia ;  
 Gritai logo,— boca cheia  
 —Jesus ' nome de Jesus !

*Fogi d'ella, filho meu  
 Como o diabo da Cruz.*

Se a encontrares de tarde  
 Passeando muito airosa  
 Té que a lua vagarosa  
 Apresente a sua luz ;

*Fogi d'ella, etc.*

Se olhares para traz  
 E ella te olhar tambem,  
 Mostrando sem pejo á quem  
 Só quer vêr os hombros nús ;

*Fogi d'ella, etc.*

---

 QUANDO EU ERA PEQUENINO

Quando eu era pequenino,  
 Que diabinho  
 Mais travesso havia então !

Quando as moças me beijavão,  
Me abraçavão,  
Já lhes dava beliscão...

E brincava c'o a priminha  
Mariquinha,  
Escondidos no quintal;  
Era tão bom o brinquedo,  
Em segredo...  
A' sombra do laranjal...

Lá beijava-lhe a boquinha,  
Fechadinha,  
Como da rosa o botão;  
E se ao beijal-a sorria,  
Eu sentia  
Palpitar-me o coração.

Mas hoje porque sou grande,  
E s'expande  
Em meu peito mais ardor;  
Já não acho quem me beije,  
Quem deseje  
Ou aceite o meu amor!

Se a furto beijo a priminha,  
Brejeirinha,  
Vai dizer tudo á vovó,  
Ouço então uma raspança,..  
Que mudança!...  
Até fallão-me em cipó!

Assim é: embora eu jure  
E rejure  
De não dar mais beliscão ;  
Se peço um beijo a priminha,  
Velhaquinha  
Me responde—ora, pois não !

Quando penso no passado,  
Mal gozado,  
Lembro-me um conto que ouvi ;  
E' pura moralidade,  
E' verdade,  
Nunca mais o esqueci :

—O gallo em quanto creança  
Tem pitança  
Que lhe dá mimosa mão ;  
Depois de velho, coitado,  
Alquebrado;  
Bate c'obico no chão.

---

### FEITIÇOS DA MULATA

Quando vejo da mulata  
Um revendo bração,  
Cabello liso e bem negro,  
Largo chato cadeirão ;

*Eis-me ja todo rendido  
Jà captivo da paixão,*

*Perco os sentidos de todo  
Não fico mais gente não.*

Se brilham dentes de prata  
Entre um beijo arrebitado,  
E se este tem bigodinho  
Bem compacto e azulado ;

*Eis-me, etc.*

Se um nariz arrebitado,  
E um olhar desdenhoso,  
Se seus gestos dão symptomas  
De ter um peito amoroso ;

*Eis-me, etc.*

Se vejo pomos de Venus  
Entre as vestes empurrar,  
Se tem pulso feito a torno  
Cinturinha de matar ;

*Eis-me, etc.*

Mais que o corpo, escurecido,  
Se o sovaquinho diviso,  
Todo bom, todo cheiroso,  
Bem côr do céu, por bem liso ;

*Eis-me, etc.*

Se acaso o vento estampa  
Nas vestes certo retrato,

Por quem suspiro morrendo  
Por quem morrendo me mato.

*Eis-me, etc.*

Com um andar meigo—gingando,  
Se me faz certos tremidos,  
Aformoseando o rodaque  
Com compassados bollidos ;

*Eis-me, etc.*

Se á final a gozar venho,  
Tão subida formosura,  
Me torno divinizado,  
Deixo de ser creatura ;

*Eis-me então mais que rendido,  
Mais captivo da paixão,  
Entre soluços expiro,  
Não fico mais gente não.*

---

## ENGRAXATE IMBERNIZATE A LA MODE DE PARIS

POESIA DE M. M., MUSICA DE V. A. B.

Que maldita é esta vida  
Soes e chuvas supportar,

Escovas, graxas em potes,  
Eu sózinho a carregar.

Não sabem? Já meu retrato  
No caixão mandei pregar,  
Para ver si com tal luxo  
Atenção vou despertar.

Porém s'eu vejo um freguez,  
Com força o collega diz ;  
*Imbernizate, ingraxate,*  
*A la mode de Pariz.*

Então fico a ver navios,  
N'um mar de graxa atolados,  
Quando os pés dos taes freguezes  
Pedem ser assim chamados.

Mas aos males tão crueis,  
Que sente meu coração,  
Encontro meus namoricos  
Por terna compensação.

Namoro toda a crioula,  
Seus olhos têm attracção ;  
Das brancas nem mesmo a còr  
Me causam mais sensação.

Que casamento feliz  
Dentro em pouco irei gozar,

Indo abrir com a crioulinha  
Uma casa de engraxar.

Seremos muito felizes,  
O meu coração me diz ;  
A ella unido p'ra sempre  
*A la mode de Pariz,*

---

### NAO AMO AOS GOSTOS DOS MAIS

Que se importa o mundo injusto  
Com meus suspiros e ais ?  
Não dou satisfação ao mundo  
*Não amo aos gostos dos mais.*

*Hei de seguir  
Meu coração,  
Embora o mundo  
Diga que não.*

Dizem que eu tenho máo gosto  
Me dão razões taes e quaes ;  
Não dou satisfação ao mundo  
Não amo ao gosto dos mais.

*Hei de, etc.*

Uns dizem que ella é feia  
Outros, tamandoaes ;

Não dou satisfação ao mundo  
 Não amo aos gostos dos mais.

*Hei de, etc.*

---

### QUEM É POBRE NÃO TEM VICIOS

Quem é pobre não tem vícios  
 Deixe-se de namorar,  
 Se as moças cantão assim  
 Como pode o pobre amar

Fóra—lhe dizem  
 As moças todas,  
 Ninguém contigo  
 Quer fazer bôdas.

Mas, seja o que fôr  
 Já não m'embaraço  
 Agora jurei  
 Amar por pirraça.

---

### NÃO SOU DE ENGANAR NINGUEM

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA.

Quem quizer saber se eu amo  
 Repare em meus olhos bem,  
 Elles dizem quanto sinto  
 Não sou de enganar ninguém.

Estes meus olhos declarão  
Tudo quanto esta alma tem,  
Inda bem que elles o dizem  
Não sou de enganar ninguem.

Não me canso com disfarces  
Digo *amor* se quero bem,  
Seja acceito ou não acceito  
Não sou de enganar ninguem.

Eu, me alegro com carinhos,  
Eu m'enfado com desdem,  
Mostro enfado, mostro gosto  
Não sou de enganar ninguem.

Sei que terno fingimento  
A muito amante convém,  
Mas não sei fingir paixões  
Não sou de enganar ninguem.

A minha gentil Nerina  
Gosto della, é o meu bem,  
Não posso gostar das outras  
Não sou de enganar ninguem.

Se a minha adorada ingrata  
Der signaes de amar alguem,  
Eu não quero amores d'outrem  
Não sou de enganar ninguem.

Se ella não quer estimar-me  
 E' seu gosto faz mui bem,  
 Mas não espere qu'eu soffra  
 Não sou de enganar ninguem,

---

## O BICHO MULHER

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Quem quizer ter seu descanso  
 Quem socego quizer ter,  
 Va densa matta do mundo  
 Fuja do bicho mulher.

*Roe por dentro  
 Bem como a traça,  
 E' quem motiva  
 Nossa desgraça,  
 Aquella menina  
 Que tem mais graça,  
 E' essa quem causa  
 Maior desgraça*

Não temo leões nem tigres  
 Nem já os devo temer,  
 Depois de haver escapado  
 Ao lindo bicho mulher.

*Roe, etc.*

Ouço scibilar serpentes  
E não me fazem tremer,  
Assusta-me o ruge ruge  
Do lindo bicho mulher.

*Roe, etc.*

Dizem que o cocrodilho  
A's vezes finge gemer,  
Para matar assim finge  
O lindo bicho mulher.

*Roe, etc.*

Sinto dentro do meu peito  
Não sei que cousa morder,  
Dizem que isto é mordedura  
Do lindo bicho mulher.

*Roe, etc.*

Mas morder-me sem chegar-me  
Isso não, não pôde ser,  
Ai de mim ! morde c'o a vista  
O lindo bicho mulher.

*Roe, etc.*

Lanço ao ar as carapuças  
Dêm na cabeça a quem der,  
O que digo é fujão todos  
Do lindo bicho mulher.

*Roe, etc.*

## A SINHAZINHA

Quem quizer vem escutar  
Como e bella esta modinha,  
Como vou eu retractar  
O que è de Sinhazinha.

Tem cabellos pretos, finos,  
Na cabeça redondinha;  
Esmierou-se a natureza  
Como é bella a Sinhazinha.

Seus olhos são mui travessos,  
E' morena e coradinha:  
Os braços bem torneados;  
Como é bella a Sinhazinha.

Seus dentes são côr de neve,  
A cintura mui fininha;  
O seu andar mui garboso;  
Como é bella a Sinhazinha.

Brilha o riso nos seus labios  
Como brilha uma estrellinha;  
Toda elle é um composto;  
Como é bella a Sinhazinha.

São os seio, côr de rosa,  
Suas mãos são bemfeitinhas:  
Seu fallar muito mimoso...  
Como é bella a Sinhazinha.

Diga pois quem sabe amar  
Quem ouviu esta modinha.  
Como deixará de amar...  
O que é de Sinhazinha.

---

## MEU BEM ESTÁ MAL COM EU

POESIA E MUSIGA DE CALDAS BARBOSA

Quem terá de mim piedade  
Eu peço soccorro ao céu ;  
Que para todo me ir mal  
*Meu bem esta mal com eu.*

Não é preciso que o digão  
Eu bem vejo o rosto seu ;  
Todo o carinho é disfarce  
*Meu bem esta mal com eu.*

Logo que hoje entrei a vel-a  
O coração me bateu ;  
Palpitando me dizia,  
*Meu bem esta mal com eu.*

Como foi esta mudança?  
Isto como succedeo?  
Só para estar bem com outro  
*Meu bem esta mal com eu.*

Ai de mim que triste vida  
Que cruel fado é o meu!  
Que mesmo assim não sei como  
*Meu bem esta mal com eu.*

Que suspeitou o meu bem ?  
O meo bem o qu'entendeo ?  
Eu não sei porque motivo  
*Meu bem esta mal com eu.*

Eu não me soffro a mim mesmo  
Minha paz ja se perdeu ;  
Não posso estar bem comigo  
*Meu bem esta mal com eu.*

A sua vista algum dia  
Ternuras me prometteu ;  
Agora não me diz nada  
*Meu bem esta mal com eu.*

A alegria que me dava  
A outro feliz a deo ;  
Já se tem mudado a scena  
*Meu bem esta mal com eu.*

Quem me vir chorar afflicto  
Não cuide que alguém me deo ;  
E' amor que me castiga  
*Meu bem esta mal com eu,*

---

## VIVA S. JOAO

POESIA DE PAULA BRITO, MUSICA DE UM BAHIANO

Resai meninas solteiras  
Ao santo da devoção,  
Fez sempre mil milagres  
O Baptista S. João.

*Quem uma fogueira  
Não póde saltar,  
N'um livro de sortes  
Brinquedo ha de achar.*

Emquanto a morte não chega  
Se divirta quem puder,  
Pois ninguem sabe da vida  
O que Deus tem p'ra fazer.

*Quem, etc.*

Cuide as casadas nos filhos  
Si ellas inda são crianças,  
A solteira—coitadinha  
Viva cheia d'esperanças.

*Quem, etc.*

E' dos bens o bem mais doce  
O bem da religião,

Não é de Deus protegido  
Quem não reza a S. João.

*Quem, etc.*

---

### DEVOTAS DE SANTO ANTONIO

Sante Antonio, meu santinho  
Attendei minha oração  
Eu prometto ter-vos sempre  
Juntinho ao meu coração.

*Livrai-me do laço  
Oh meu Santo Antonio  
P'ra que o demonio  
Não venha tentar-me  
A dar-vos um banho  
No fundo do mar.*

Dai-me um noivo meu santinho,  
Um noivo gordo ou bem magro,  
Que me adore, e recompense  
O amor que lhe consagro.

*Livrai-me, etc.*

Não o quero dos que fallam  
Em bailes, funcções sómente,  
Que esses tirados d'ahi  
A fórmula só tem de gente.

*Livrai-me, etc.*

Não me dês destes que fallam  
Com modos de santarrão,  
Que cochicham segredinhos  
Limpendo as unhas da mão.

*Livrai-me, etc.*

Dos que olham com tregeitos,  
Com artes não sei de que !  
Fallando sempre em amores  
Meu Santinho não me dê.

*Livrai-me, etc.*

Dos que andam farejando  
Casamentos com dinheiro,  
Desses não, porque só querem  
Escrava no captiveiro.

*Livrai-me, etc.*

Dos beatos moralistas  
Que a tudo chamam—indecente,  
Cruz demonio ! Agua salgada !  
Deus me livre de tal gente !

*Livrai-me, etc.*

---

## E' BEM FEITO ! TORNE A AMAR...

POESIA E MUSICA DE GALDAS BARBOSA

Se dos males qu'eu padeço  
Aos outros me vou queixar ;  
Todos rindo me respondem  
*E' bem feito torne amar.*

Com meu proprio coração  
Tenho razão de ralar ;  
Quiz amar sendo infeliz  
*E' bem feito torne amar.*

Suas antigas desgraças  
Como podem não lembrar ?  
Se tem outra é sua culpa  
*E' bem feito torne amar.*

Devia fugir das bellas  
E de onde as pudesse achar ;  
Foi meter-se no perigo  
*E' bem feito torne amar.*

Foi fiar-se em olhos lindos  
Que ha em olhos que fiar ?  
Será outra vez captivo  
*E' bem feito torne amar*

Elle estava em seu soeego  
Quiz-se mesmo inquietar

Assim o quiz assim o tenha  
*E' bem feito torne amar*

Bem sabia o que amor custa  
E quanto o faz suspirar ;  
Soffra, padeça, suspire,  
*E' bem feito torne amar*

Bem sabe que é do seu fado  
O padecer, e callar ;  
Mudamente vá soffrendo  
*E' bem feitó torne amar.*

Sua antiga liberdade  
Já lhe ha de em vão lembrar ;  
Tem uns ferros que o cigurão  
*E' bem feito torne amar.*

Dos que vi ainda estar prezos  
Eu o vi livre zombar ;  
Zombão delle agora os outros  
*E' bem feito torne amar.*

Jactava-se mui vaidoso  
De poder grilhões quebrar  
Soffra agora grilhões novos  
*E' bem feito torne amar.*

Não sabia que o menino  
Nunca lh'esquece o vingar ;  
Supporte a sua vingança  
*E' bem feito torne amar.*

## OS TEUS AMORES

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Sei de teus novos amores  
 Tudo Timtim por timtim :  
 Dizes que tal... e que não...,  
 Eu sei que tal... e que sim !

Sei que deste aos teus amores  
 Um raminho de jasmim ;  
 E que apertando-lhe a mão  
 Tu lhe disseste que sim

Este sim que tu lhe déste  
 Deve ser para algum fim ;  
 Julgá-lo eu máo?... isso não ;  
 Que elle é bem bom?... isso sim !

---

 SENTEI PRAÇA NA BAHIA

Sentei braça na Bahia  
 Desembarquei no Pará,  
 A commandar as fileiras  
 Da minha amante yáyá ;

*Ora que gosto  
 Você me dá,  
 Gosto de ti  
 Minha sinhá ;  
 Meu doce bem,*

*Minha vavá,  
Gosto de ti,  
Ladrão, dà cà.*

Cupido desceu do throno  
Para tomar pitanguá,  
Na mimosa bocetinha  
Da minha amante yayá.

*Ora, etc.*

Mandei fazer um annel  
Na ilha de Paquetá,  
Para botar no dedinho  
De minha amante yayá.

*Ora, etc.*

N'uma noite de luar  
Provei' do doce maná  
N'um beijo que dei nas faces  
Da minha amante yayá.

*Ora, etc.*

---

## LUNDU'

CHÁ PRETO, SINHÁ

Sinházinha hontem á tarde  
Perdeu as côres mimosas;  
Ai, quanto mais o sol arde,  
Mais se desbotam as rosas.

*Sinhazinha, meu amor,  
Vale a pena, regue a flor,*

*Ahi 'stá rosca fina,  
Cha preto aqui está ;  
Receia a mofina ?  
Não tome, sinhà !*

As flôres da madrugada  
Serão estrellas do dia ;  
Da noite, a flôr será fada  
De doce melancolia.

*Sinhazinha, etc.*

Já a noite solta o seu manto  
E coram-te as faces bellas...  
Sinhá, meu tímido encanto,  
Oh ! rosa, gemea de estrellas !

*Sinhazinha, dê-me a flor,  
Dou-lhe em paga meu amor !*

*E dou roscas finas,  
E dou-lhe bom chà !  
Não creia em mofinas,  
Ai ! tome,.. sinhà?...*

---

## SINHO JUCA

*Sinhô Juca, va-se embora,  
Não me conta historia não :  
Ja s'esqueceu do que fez  
Na noite de S. João.*

Ai meu Deos, sinhô Juquinho,  
Você é os meus peccados ;  
Vá-se embora já lhe disse  
Não me queira dar cuidados...  
Que as artes de sinhô Juca,  
São mesmo artes do demonio ;  
Para me ver livre d'ellas  
Vou rezar a Santo Antonio :  
Santo Antonio meu santinho  
Livrai-me d'esta afflicção :  
Fazei com que sinhô Juca,  
Não me faça tentação...  
Santo Antonio, Santo Antonio,  
Que tentação do demonio.

*Sinho Juca, é forte teima !  
Não bula comigo, não...  
Não brinque como brincou  
Na noite de S. João.*

Ai meu Deos, etc.

Sinhô Juca, arréde lá  
 Senão leva um bofetão :  
 Eu não quero mais gracinhas  
 Da noite de S. João.

Ai, meu Deus, etc.

Sinhô Juca, você chora  
 ( Já se vio tai tentação ) ?  
 Não se vá, que já não ralho  
 Da noite da S. João.

Ai meu Deus, Sinhô Juquinha,  
 Você é os meus peccados !  
 Eis de novo inda outra vez  
 Os meus protestos quebrados !  
 As artes de sinhô Juca  
 São mesmo artes do demonio :  
 Não me posso livrar d'ellas  
 Nem rezando a Sanio Antonio.

Santo Antonio, meu santinho,  
 Já não vales nada não :  
 O chorar de sinhozinho  
 Derreteu-me o coração ;  
 Santo Antonio, Santo Antonio.  
 ( Que tentação do demonio ) !

---

## TA, TA TA...

## POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Sinto em mim varios effeitos.  
Ha bem pouco para cá,  
E o meu coração no peito  
*Está fazendo ta, ta, ta.*

Eu não sei o que elle sente  
Que tamanhos pulo dá ;  
Só sei que sempre inquieto  
*Está fazendo ta, ta, ta.*

Meu coração escapou  
D'amor ás cadeias já.  
E talvez com medo d'outras  
*Está fazendo ta, ta, ta.*

Inda de antigas feridas  
Vertendo algum sangue está :  
E para fugir das setas  
*Bate as azas, ta, ta, ta.*

Sinto a força de Cupido,  
E as pancadas que alli dá,  
O martello de ciume  
*Está batendo ta, ta, ta.*

Pobre do meu coração  
Que amor despedaçou já,  
Um pedaço, e outro pedaço  
*Vai cahindo ta, ta, ta.*

---

## SÃO CIUMES DE UMA INGRATA

POESIA E MUSICA DE ?

Sinto no peito uma dôr,  
Que me consome e me mata?  
Essa dôr que o peito sente  
*São ciumes de uma ingrata.*

A dôr que me martyriza  
Cada vez mais se dilata ;  
Ninguem curál-a me póde...  
*São ciumes de uma ingrata.*

Tenho no peito um amor,  
Que meu socego arrebatá ;  
Os tormentos que me causão  
*São ciumes d'uma ingrata.*

Se eu morrer dessa agonia,  
Que lentamente me mata,  
Creião todos—que me virem—  
*São ciumes d'uma ingrata,*

Eu amei mais do que a vida  
Essa que de mim não trata ;  
Meus tormentos meus martyrios  
*São ciumes d'uma ingrata.*

Perto já da fria campã  
A agonia se dilata ;  
Não são saudades do mundo,  
*São ciumes d'uma ingrata.*

---

### AI SEGREDO !

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Sou costumado a calar  
E tanto póde o costume,  
Que não me obriga a fallar  
A razão, nem o ciume.

Ai segredo !  
Eu se occulto não se sabe  
Mas se o digo tenho medo.

Quando o severo respeito  
A triste voz me suspende,  
Outra língua amor tem feito  
Que nos olhos bem se entende.

Ai querer !  
Um suave mudar d'olhos  
Muita cousa quer dizer.

Tenho medo até de alçar  
Olhos em certa presença,  
Tenho medo dos meus olhos  
Porque fallam sem licença.

Ai que medo !  
Os meus olhos tem meninas  
Meninas não tem segredo.

Quando vejo a minha bella  
Sinto o peito palpitar,  
Manda amor, manda o respeito  
Olnar eu e não olhar.

Ai segredo !  
Eu se não olho não vejo  
Mas se olho tenho medo.

Tanto as leis do meu segredo  
Ao desafogo prefiro,  
Que nem meus suspiros sabem  
A causa porqu'eu suspiro.

Ai que medo !  
Tenho medo que os suspiros  
Dêem a saber meu segredo.

Hei de dar de certos olhos  
Uma querela por ladrões,  
Que de formosura armados  
Vão roubando corações.

Ai que graça !  
A prisão destes culpados  
Dentro em meu peito se faça.

Ai segredo !  
Quero ser seu carcereiro  
De que fujam tenho medo.

---

## SOLDADO DE AMOR

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Sou soldado, sentei praça  
Na gentil tropa de amor,  
Jurei as suas bandeiras,  
Nunca serei desertor :

*Eu sou soldado,  
Eu sirvo amor,  
Jurei bandeiras,  
Nunca serei desertor.*

De cupido os regimentos  
Não tem zabunba, ou tambor ;

Tem um certo mover d'olhos,  
Que chama muito melhor :

*Eu sou, etc.*

Dos amorosos perigos  
Eu não tenho nunca horror ;  
Tenho valor de soffrer-los,  
Quanto mais, quanto melhor :

*Eu sou, etc.*

A fraqueza d'algum chefe  
Aos soldados faz temor  
Eu não tenho que temer-me ;  
Sirvo a um nome vencedor :

*Eu sou, etc.*

Emquanto amor bem me pague  
Hei de servir bem amor,  
Esfina seja meu soldo,  
Nunca serei desertor :

*Eu sou, etc.*

Se do meu augusto chefe  
Tenho honras e favor,  
Eu devo fiel servi-lo,  
Seja o perigo qual fôr :

*Eu sou, etc.*

Desertem os mais embora,  
Quem tem coração traidor,  
Jurei fé, cumpro os meus votos,  
Nunca serei desertor :

*Eu sou, etc.*

---

## AI BASTA NHANHÃ DE ME DIZER AMANHÃ !

POESIA DO DR. QUEIROGA, MUSICA DE ?...

Succede a um dia outro dia,  
Um mez succede a outro mez,  
Acaba um anno, vem outro,  
E sempre a esperar me vês,  
A esperar por uma hora,  
Por um momento a esperar,  
Que para o constante peito  
Não acaba de chegar.

*Ai ! basta, basta, nhanhã,  
De me dizer—amanhã.*

E' prazer delicioso  
Esperar pelo prazer,  
Mas esperar toda a vida  
Faz a gente esmorecer,  
De amor nutrindo a semente  
Só a occasião faz dar

Fructo que torna aguado  
Chocho prazer de esperar.

*Ai ! basta, etc.*

Quando já me desespera  
O *não* de tua esquivança,  
Um terno quindim me outorgas  
Em que lampeja a esperança ;  
Quem começa acabar deve,  
E' mui feio atrás voltar,  
De nós o povo não diga  
Que estamos a caçoar ;

*Ai ! basta, etc.*

Resolve-te pois e busca  
Opportuna occasião ;  
Vê que um *sim* é tão bonito  
Quanto é rouco e feio um *não* ;  
E' fosquinha de criança  
Estar de longe a mostrar  
A teteia tão bonita  
Que nunca se chega a dar.

*Arre là ! dize nhanhã,  
E' hoje o nosso—amanhã ?*

---

## TÃO LONGE DE MIM DISTANTE

Tão longe de mim distante  
 Onde irá teu pensamento,  
 Quizera saber agora  
 Se esqueceste o juramento.

*Quem sabe, virgem, constante  
 S'inda é meu teu pensamento ;  
 Minh'alma toda devora  
 Da saudade agro tormento.*

Quem pôde viver ausente !  
 Ah ! meu Deus ! que amargo pranto  
 Suspiros, angustias, dores,  
 São as vozes do meu canto.

*Quem sabe, virg'innocente,  
 Se tambem te corre o pranto :  
 Minh'alma, cheia de magoas,  
 Entreguei-te neste canto.*

---

 APANHE PARA SEU ENSINO

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Tenho ainda um coração ;  
 Qual já não devêra ter ;  
 Pois não querendo o que eu quero  
 Quer só tudo o que elle quer :

*Hei de castigal-o ;  
 Ha de lhe doer ,  
 Dar-lhei pancadas  
 Para aprender :*

Apenas vê lindos rostos  
 Logo se lhe vai render ;  
 Não quer o que a razão manda ;  
 Quer só tudo o que elle quer ;

*Hei de. etc.*

Vê as barbas do visinho,  
 Do ciume em fogo arder ;  
 As suas não põem de molho ;  
 Quer só tudo o que elle quer :

*Hei de, etc.*

Não quer, quando é necessario.  
 Occultar o seu prazer ;  
 Diz nos olhos quanto sente.  
 Quer só tudo o que elle quer :

*Hei de, etc.*

Digo às vezes que não ame,  
 Que não ha de amado ser ;  
 O teimoso não me escuta,  
 Quer só tudo o que elle quer :

*Hei de, etc.*

Se é preciso contentar-se  
Com metade do prazer ;  
Não o contentão metades,  
Quer só tudo o que elle quer :

*Hei de, etc.*

Ha mil destes corações,  
Diga o mundo o que disser ;  
Quem ama não quer conselhos ;  
Quer só tudo o que elle quer :

*Hei de, etc.*

---

## PONTO FINAL

POESIA DE PAULA BRITO, MUSICA DE GOYANO

Tive por certa menina  
Uma paixão sem igual,  
Que escapou de dar comigo  
Dos doudos no hospital.

*Porém agora,  
Meu coração ;  
Pôz na oração  
Ponto final.*

Amei com pontos e virgulas,  
 Divisões e reticencias...  
 Tiradas as consequencias  
 Tudo era artificial !

*Porém, etc.*

O qu'ella por mim fazia  
 Fazia a outro tambem ;  
 Não ter amor a ninguem  
 E' seu timbre natural.

*Porém, etc.*

---

## NINGUEM TENHA DO' DE MIM

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Todo o mundo está pasmado  
 De me ver andar assim,  
 Ando cumprindo o meu fado  
*Ninguém tenha dó de mim.*

Estou prezo e muito bem prezo  
 Amor foi o meu malsim,  
 Mas prisões d'amor são doces  
*Ninguém tenha dó de mim.*

Já não tenho a liberdade  
 Que rende-la a amor eu vim,

Sou captivo por meu gosto  
*Ninguém tenha dó de mim.*

Todos chamão mal d'amor  
Mal perverso mal ruim,  
Eu padeço sem queixar-me  
*Ninguém tenha dó de mim.*

Eu adoro a uma ingrata  
Não ha genio mais ruim,  
Assim mesmo gosto della  
*Ninguém tenha dó de mim.*

Tenho dito não importa  
Que o meu bem me trate assim,  
Que esta vida toda é della  
*Ninguém tenha dó de mim.*

Eu bem sinto a minha vida  
Quasi posta já no fim.  
Mas morrer d'amor me alegre  
*Ninguém tenha dó de mim.*

---

## A QUEM QUER BEM

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENCA

Todos ralhão quem ama,  
E quem ralha ama tambem ;

Parece que neste mundo  
 Nunca se vio querer bem !  
 Quem quizer bem, vá querendo.  
 Não se importa com ninguém.

O mundo é muito invejoso,  
 Tem raiva de quem quer bem :  
 Morrão de raiva ou de inveja,  
 Ou, se não, que amem também.  
 Quem quizer bem, vá querendo.  
 Não se importe com ninguém.

---

### A VIDA DO FRADE

Triste vida é a do frade,  
 Inda peor que a da freira ;  
 Andar de noite á carreira  
 Na penitencia (*bis*)

E' preciso ter paciencia  
 Com nosso noviciado,  
 Andar um anno encerrado...  
 Eu não sabia. (*bis*)

Eu bem disse que não queria  
 Ser frade neste convento  
 Porque tão grande tormento  
 Exprimentei (*bis*)

A' força eu professei  
Por meu pai assim querer,  
Sou defunto, sem morrer,  
Amortalhado (*bis*)

Vivo n'um fogo abrazado,  
Com este burel vestido,  
Quando me vejo despido  
Estou contente (*bis*)

Quando me vejo doente,  
Deitado na enfermaria,  
E' quando tenho alegria  
Pelo descanso (*bis*)

Se alguma licença alcanço  
De meus paes ir visitar,  
Se vão outros passear  
Eu tambem vou (*bis*)

Assim que o canto voltou,  
O meu leal companheiro  
Procura a rua primeiro,  
Dos seus amores. (*bis*)

Se é doente não tem dores  
Porque solto assim se vê,  
Inda que a gotta lhe dê  
Não é tão forte, (*bis*)

Cuido ir buscar a morte  
Quando subo esta ladeira,  
Eu desço-a a toda carreira  
A toda a pressa (*bis*).

De missas uma remessa  
O guardião sempre tem ;  
Ganhar um frade um vintem  
Ora essa é bôa (*bis*).

Se morre alguma pessoa  
Que officio vamos resar,  
Todos juntos a cantar  
Eu quero a vella (*bis*).

De noite á porta da cella  
Certas matracas tocando,  
Vamos-nos levantando  
Orar p'ia o côro (*bis*).

Eu com isso quasi morro,  
A's vezes sonambulindo,  
Se estou sonhando ou dormindo  
Tambem não sei (*bis*).

Acordado dormirei...  
Todo o officio de agonia,  
Vamos para a enfermaria  
Versos cantar (*bis*).

O frade, perto a expirar,  
Sem acabar de morrer;  
Quando o dia amanhecer  
    'Stá entendido (*bis*).

Já morreu arrependido  
O nosso frade doente,  
Ponha-se isso patente  
    Que officio temos (*bis*).

Graças á Deus já resemos  
Toca o sino a refeltorio,  
P'ra tomar um vomitorio  
    De arroz cosido (*bis*).

Se algum meu conhecido  
Frade quizer se metter,  
Antes se exponha a morrer  
    Do que ser frade (*bis*).

Do mesmo se queixa a madre,  
Por não acompanhar o frade...  
Por não ter mais liberdade...  
    E nada mais (*bis*).

---

## A B C DE AMOR

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

*Uma menina  
Quer, que eu lhe dê  
Lições de amor  
Por A B C.*

- A.— amante
- Não ardilosa :
- B.— benigna,
- Não bolicosa :
- C.— Costante,
- Não curiosa
- Tome, menina,
- Lição gostosa

*Uma, etc.*

- D.— Delicada,
- Não desdenhosa:
- E.— Engraçada,
- Não enganosa :
- F.— Fiel,
- Não furiosa.
- Tome, menina,
- Lição gostosa.

*Umã, etc.*

- G.— He galante,  
 — Mas não golosa :  
 I.— E' ser justa,  
 — Não invejosa ;  
 L.— Leal,  
 — Não lacrimosa.  
 — Tome, menina,  
 — Lição gostosa.

*Uma, etc.*

- M.— E' ser meiga,  
 — Não mentirosa :  
 N.— Andar nedia,  
 — Não nojosa :  
 O.— Obediente,  
 — Nunca orgulhosa.  
 — Tome, menina,  
 — Lição gostosa.

*Uma. etc.*

- P.— E' prudente,  
 — Não preguiçosa :  
 Q.— E' quieta,  
 — Nada queixosa :  
 R.— Rizonha,  
 — Não rigorosa,  
 — Tome, menina,  
 — Lição gostosa.

*Uma, etc.*

## A CANTORA

- S.— E' sincera,  
 — Não suspeitosa :  
 T.— E' ser terna  
 — Nunca teimosa :  
 V.— Verdadeira.  
 — Nada vaidosa :  
 — Tome, menina,  
 — Lição gostosa.

*Uma, etc.*

- X.— Xocarreira,  
 — Pouco xorosa :  
 Z.— Zombadeira  
 — Pouco zelosa  
 — Tome, menina,  
 — Lição gostosa.

*Uma, etc.*

Depois das lettras  
 Bem decorar,  
 Quer, que eu lh'encine  
 A soletrar?  
 Tome sentido  
 Vá de vagar  
 A, m, a, r,  
 Soletre *amar*.

Quero ensinal-a  
 Tim por tim tim ;

E lições dar-lhe  
 Até ao fim :  
 Olhe, menina,  
 Bem para mim,  
 S, i, m,  
 Diga-me—*sim*.

Mas se lhe falla  
 Um maganão ;  
 Então é outra  
 Nova lição :  
 A mão levante  
 Dé bofetão !  
 N, ã, o,  
 Diga-lhe—*não*.

## VÁ PR'AS CABANAS

### PARODIA DE VASQUES

Vá pr'as cabanas  
 Guarde seu gado,  
 Não me aborrece  
 Sôr mal creado !

Você é dêmo  
 Que me persegue,  
 Vá pr'a o diabo  
 Que o carregue :

Eis a fortuna  
 Que eu tenho achado,  
 Amar a prima  
 Sem ser amada !

Vá pr'a os diabos  
 Não seja mão  
 Senão ás costas  
 Vou-lhe de páo.

---

## QUEIXAS A AMOR

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Venho amor de ti queixar-me,  
 Ouve que eu tenho razão ;  
 Principio por mostrar-te  
 Qual eu tenho o coração.

*Isto amor não é bem feito,  
 Não, não é bem feito, não.*

As doçuras promettidas  
 Esperei, traidor, em vão ;  
 Dize, se acaso estes golpes  
 As tuas doçuras são ?

*Isto. etc.*

Minha doce liberdade  
Puzeste em alheia mão ;  
E a preço de vãs promessas,  
Cativaste o coração :

*Isto, etc.*

Onde estão os teus prazeres?  
Dize, cruel, onde estão ?  
Sobre ciumes, saudades ;  
Estes vem, quando essas vão :

*Isto, etc.*

De prazeres assaltado  
Não tenho socego, não ;  
E apenas vem, logo fuge  
A escaça consolação :

*Isto, etc.*

Fazes da cruel Ulina  
Travêssa repartição ;  
Eu tenho as doces promessas :  
Outro goza o coração :

*Isto, etc.*

Eu tão prezo, ella tão solta ;  
Ouve a minha petição :

Eu me une mais a Ulina,  
Ou me quebra este grilhão :

*Isto, etc.*

---

### A CASA MAL ASSOMBRADA.

Vê-se a cidade abalada  
Todas as velhas rezando,  
As creancinhas gritando  
E a policia agitada :  
— *A casa mal assombrada !*  
Grita em còro a multidão.  
E' tão grande a confusão  
Que a folhinha postergou-se  
E a *quaresma* mostrou-se  
Depois da *ressurreição*.

Mas vamos do caso ao fundo,  
Diz-me *Quaresma* qu' é isto?  
Ha um caso nunca visto,  
Um'alma do outro mundo !  
Reina mysterio profundo  
Nesta misera casinha ;  
Porque mal chega a noitinha,  
Logo um defunto bregeiro  
Bate como um leiloeiro,  
Lá na porta da cosinha.

Um gato preto já vi,  
 Que era tudo menos gato ;  
 Vi arrastar um sapato  
 Que não calcei nem boli,  
 Andando d'aqui para ali :  
 Encontrei uma tripeça,  
 Vi um caixão, uma eça,  
 Um gallo cacarejando ;  
 E lá no quintal rinchando  
 Um cavallo sem cabeça.

- Saffa ! que causa terror !
- Estou com medo, não nego :
- Um'alma que bate o prego
- Contra as ordens do inspector !...
- Diz-me o tal martellador,
- Como bate ? com que som ?
- « Faz assim ; — trom, trom, trom...
- « Esta agora é de buccolica !
- Com tal pancada symbolica !
- Só se é alma de maçon ? !... »

Acode a policia ousada :  
 Dos pedestres a cohorte,  
 Invade arrostrando a morte  
 A casa mal assombrada.  
 A tropa disciplinada,  
 Divide-se em pelotões ;  
 Ouvem-se as ploclamações  
 Destes temiveis zuavos,

Que firmes, intrepidos, bravos,  
Molham comtudo os calções.

Porta, janella, telhado,  
Sala, cosinha. quintal ;  
Tudo em bloqueio infernal  
Fica dous dias cercado :  
O povo corre aterrado,  
Mas de noite a sombra vio ;  
As tres pancadas ouvio :  
Era a hora tão sinistra,  
Que o pedestre de mais crista  
De cambaihotas cahio !

Mas victoria ! está fillada  
A tal alma do outro mundo !  
D'immenso gosto profundo  
Vê-se a cidade banhada !  
A alma achou-se trepada  
N'um velhinho paredão,  
Era um bobo... um maganão  
Que zombou dos assombrados ;  
E foi purgar seus peccados  
Na casa da correcção.

---

## ASSIM... SIM!...

POESIA DE?... MUSICA DE?...

Vou propor-te, minha rosa,  
Uma bella transacção,  
Tive este louco desejo...  
Eu agora dou-te um beijo,  
E tu dás-me outro .. então ?  
— Assim não.

Pois bem : proponho outra cousa,  
Proponho-a do coração,  
Dessa face purpurina  
Furto o beijo, e tu menina,  
Furtas-me dois por traição.  
— Assim não.

Assim não ? Pois bem, escuta ;  
Eu dou-te o beijo na mão,  
Tu em paga do *respeito*,  
Dás-me um abraço bem estreito  
Que eu estreito ao coração.  
— Assim não.

Não sei então, minha linda,  
Como seja a transacção!  
Uma idéa ! Finde o apuro :

Empresta-me um, que de juro  
 Pago já grande porção.  
 — Assim não.

Então, rosa, espera, escuta,  
 Ouve lá, meu seraphim :  
 Proposta final é esta:  
 Eu dou-te o beijo na testa,  
 Não me dês nenhum em mim...  
 — Assim... sim.

---

### YAYAZINHA VOCÊ MESMA

Yayazinha você mesma  
 Foi a causa do meu mal,  
 Nunca pensei que você  
 Me fizesse cousa tal.

*Sempre é moça,  
 Renego eu d'ella  
 Com taes sujeitas  
 Muita cautela !*

Todo o tempo me enganou  
 Fez de mim seu bobezinho,  
 Quando me via chorar  
 Me dizia—coitadinho !

*Sempre. etc.*

Que me amava com ternura  
Trinta vezes me jurou;  
Quando me quiz ser ingrata  
De uma só tudo negou.

*Sempre, etc.*

FIM.



## INDICE

As poesias deste tome estão pela ordem alfabética, seguido as suas tres subdivisões, *hymnos*, *canções* e *lundús*, e sujeitas a letra do primeiro verso de cada composição. Será portanto facil achal-as, buscando-se como se fosse n'um dictionario. Por essa razão só damos o indice dos auctores, devendo recorrer áquelle expediente para as poesias de auctores anonymos.



## INDICE

Alvarenga ( Lucas José de )

Pags.

A curiosidade .	144
Os teus amores .	238
A quem quer bem .	255

Barão de S. Angelo ( Porto Alegre )

Hymno das artes .	25
São progressos da nação .	156

Bithencourt Sampaio

Bem-te-vi .	95
-------------	----

Bruno Seabra

Fujamos	152
Flôr das mattas	195

Caldas Barbosa ( Domingos )

	Pags.
Chuchar no dedo.	45
E então	47
Ouvir, ver e calar.	54
Ais de amor.	55
Zabumba . . .	58
Tenho medo do papão .	62
Sou infeliz . . .	77
Tape, tepe, tipe, ti	81
Amor brasileiro .	89
E' mundo, deixa fallar	100
Não se resiste não.	113
Mente, mente.	118
O seu moleque sou eu	138
Raivas de gôsto. . . .	139
A portugueza abrazileirada	143
Leilão. . . .	160
Só você é o meu bem.	164
Aqui está que todo é teu.	165
A ternura brasileira	190
Diga nhanhã.	194
Amor do Brazil.	198
Aonde está o meu bem ?	207
Não sou de enganar ninguem.	226
O bicho mulher.	228
Meu bem está mal com eu.	231
E' bem feito torne a amar.	236
Ta, ta, ta.	243
Ai segredo.	245
Soldado de amor.	247

	Pags.
Apanhe para seu ensino.	251
Ninguem tenha dô de mim.	254
A b c de amor.	260
Venho amor de ti queixar-me.	265
<b>Eduardo Villas-Boas</b>	
Canção do voluntario.	36
Capenga não forma.	96
O cafuné	130
<b>Emiliano da Silveira</b>	
A saia-balão .	216
<b>Evaristo da Veiga</b>	
Hymno Constitucional.	1
Independencia ou morte.	4
» ou morrer.	6
Hymno marcial.	13
» braziliense.	16
» do batalhão do Imperador.	18
<b>Fontenelle</b>	
A louquinha	74
<b>Gualberto Peçanha</b>	
Não posso com mais ninguem.	112
<b>José Bonifacio ( o velho )</b>	
Cantigas para a mesa.	40

J. Norberto

	Pags.
Hymno commemorativo da Independencia.	9
» á constituição do imperio.	21
» nictheroyense	22
» das escolas.	28
O soldado e a cosinheira	187
A mulatinha e nhonho.	209

Juvenal Galleno

A serrana.	149
------------	-----

Macedo (Dr. J. M. de)

Eu quero me casar.	133
--------------------	-----

Maria Thereza (D.)

A acalentar.	34
--------------	----

M. M.

A lavadeira	192
Engraxate, embernizate a la mode de Paris	223

Natividade Saldanha (José)

O ponche do cajú.	43
-------------------	----

Nunes Garcia (Dr. José Mauricio)

Não te rias, ó menina.	191
------------------------	-----

Oliveira e Mello

Muito a minha alma soffreu.	52
-----------------------------	----

	Pags.
Paula Brito (Francisco de)	
A corda sensível.	64
O seculo das luzes.	122
A marrequinha de yayá	209
Viva S. João	233
Ponto final	253
Queiroga ( Dr.)	
Tentação	83
Retrato de uma malatinha.	86
A negrina.	167
Amores brasileiros	213
Ai basta nhanhã !	249
Ribeiro de Sampaio (Dr. José Pinto)	
O anjo da saudade	37
Souza ( A. J. de)	
Canção do artista	31
Padecimento	184
Teixeira fe Souza (A. G.)	
O progresso.	119
Telles (Padre )	
Eu não gosto de outro amor	137
Uma fluminense	
A cor morena.	80
Contigo só posso eu	218

Uma nichtheroyense

	Pags .
Não polkas ?	188
Vasques ( Francisco Cor rêa	
Viva o Zé-Pereira.	146
Va p'ra as cabanas.	263
Villarinho	
De que me serve esta vida.	102
Xavier de Novaes (Portuguez )	
Quer ser commendador	, 174

FIM









## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).